

Apêndice 14 – Transcrição dos dados gerados nos Encontros do Coletivo

Transcrição do coletivo da ER – PIBID

Data de realização: 12 de Agosto de 2016

Local de realização: UFPB

Tempo de duração: 02:12:43

Participantes: Márcia, Lívia, Maria (supervisora), Larissa, Scott, Vinícius, Júlia, Marcos, Ana, Aaron, Diniz, Je, Adriana, Maria (bolsista), Rosy

Rosy: Então gente é mais uma conversa, eu fiz um roteiro de perguntas, mas aí vocês fiquem à vontade pra falar o que não esteja aqui, que eu não consegui contemplar é... nessa discussão, e aí, a primeira coisa que eu queria saber assim de vocês, era pra vocês falarem um pouco da experiência nesse contexto de trabalho com alunos com deficiência

Maria (supervisora): Posso começar?

Rosy: Pode ((risos))

Maria (supervisora): Foi bastante desafiador pra mim, foi assustador eu diria, quando eu me deparei com alunos que eu nunca tinha trabalhado, nunca tinha nem, eu imaginava, mas eu nunca esperava encontrar sabe, e no começo assim, lá no Rodrigo Mendes ((pseudônimo para a escola em que trabalhava)), foi bem complicado, eu também tava chegando nova na escola, não conhecia como funcionava, era uma coisa bem diferente do que eu tava acostumada, mas aí... o pessoal do pibid foi me ajudando bastante, acho que sem eles eu não tinha conseguido não, principalmente Ana né, Aaron e Maria (bolsista) na época né

Rosy: Quer dizer que essa tua primeira experiência com a pessoa com deficiência foi juntamente com o pibid

Maria (supervisora): Sim

/.../

Julia: Eu também quero falar um pouquinho sobre a minha experiência com deficientes, que eu tive nas salas com Maria (supervisora) né, no Rodrigo Mendes, durante três meses mais ou menos, quatro, três ou quatro meses é:: eu também fiquei muito assustada no começo pra trabalhar com eles, porque: eu acho que não esse status mais, eu me senti fora da minha zona de conforto, porque eu não conhecia, não tinha nenhum

contato com nenhum deficiente e eu fui pra sala de aula que tinha aluno deficiente/tinha/um deficiente que tinha múltiplas e outro que era síndrome de down, que era na sala de/ que era com Petrócio, e: eu não sabia como trabalhar com eles, até que eu fiz com Ana, com a ajuda de Ana, o plano de aula e eu acho que a gente conseguiu trazer o deficiente pra o nosso:/ pra nossa aula, a gente conseguiu fazer com que ele fosse incorporado, de certa maneira... porque a gente falou um pouco em Libras, que foi na sala de Aquino e isso a gente conseguiu falar com Libras/em Libras mesmo por causa de Ana, que ela ficou me auxiliando o tempo todo, mas se não fosse isso, se não fosse ela, eu acho que: teria sido mais difícil, a gente escreveu no papel também, mas no final deu tudo certo, graças à Deus

Maria (supervisora): Eu esqueci de falar de Julia, mas é porque o pessoal tava no começo, Julia já chegou com o bonde andando, como dizem

Aaron: Pra gente foi no início do ano, eu tava entrando no projeto

Maria (supervisora): dois mil e quinze

Aaron: Foi, e foi... eu não fiquei assustado até porque só tive contato com aluno com síndrome de Down, que foram as leituras que a gente tinha feito, mas assim, difícil era fazer com que ela aprendesse o conteúdo, isso era bastante frustrante, porque a gente tentava e: a gente via que ela não sabia nenhum conteúdo que tava sendo trabalhado, que ela não conseguia acompanhar, então a gente teve esse cuidado foi/de fazer com que, que a gente visse que ela tava aprendendo, da leitura, até a questão da/ a primeira coisa que a gente aprendeu foi a questão da fonte, por exemplo, coisa que eu não esqueço nunca, foi primeira coisa que a gente leu, que a gente tinha que ter preocupação com a fonte, com conhecer o que o aluno gosta pra você poder chegar no aluno, tanto que quando foi com Petrócio foi uma coisa completamente diferente pra mim, que a gente tinha um conhecimento dele, que ele era, que a gente dizia “Não ele é muito independente”, mas a gente não conseguia chegar nele, então se eu fizesse a comparação né, com Ádria, que ela era ultra aberta, assim, tudo que você perguntava ela automaticamente te dizia, o que ela gostava ou não, e com ele foi bem mais difícil até chegar, foi uma experiência muito boa... aí depois vieram outras deficiências, aí você vai devagarinho, mas é muito complicado, porque cada aluno, cada deficiência reage de uma forma, por exemplo, tem aluno por exemplo, no Álvares de Azevedo mesmo, tem autista por exemplo que eu nunca consegui chegar nele, ele é muito complicado, porque ele já é bem mais maduro do que os outros, ele é, é difícil, a gente teve o contato

recentemente fazendo a prova, foi quando ele conversou mais ou menos comigo, mas ele é bem complicado

Rosy: Entendi

Aaron: Mas é bem desafiador (...)

Lívia: E eu acho assim que quando a gente trabalha com deficiência, primeiro eu queria falar o que me inspirou né, a minha própria experiência com uma, vocês sabem que eu tenho um filho com deficiência, então assim, ver aquelas crianças na escola, de certa forma tem um apelo pessoal, sempre teve porque é parte da minha vida, então eu acho que foi isso que me levou a me interessar por essa área e pra estudar mais outros tipos de deficiência que eu/que eu não conhecia e precisava né, pros meninos, então assim, isso/isso foi um aspecto positivo, porque eu fiz isso, mas eu acho que assim quando a gente tá lidando com aluno com deficiência né, e que eu vejo isso bem claro hoje, eu acho que é muito importante essa construção da relação mesmo, é por isso assim, que precisa de tempo pra poder, como Aaron disse, a gente conseguir chegar a se aproximar de tal, num é assim eu entrei na sala de aula, eu vou conseguir fazer o que eu quero né (...) porque realmente demanda tempo, demanda um investimento assim de tentar diferentes estratégias né, eu acho assim que... demanda criar intimidade, demanda prestar atenção no que a pessoa gosta, tá entendendo, é muito... é um trabalho que tem quer ser construído ao longo do tempo mesmo

Larissa: Eu acho que no início Lívia, trabalhar com Ádria não foi/... foi desafiador, mas a mãe de Ádria dava um apoio MUITO grande a gente, então eu não conhecia nada, não sabia nada, não/nunca tinha lidado com nenhum tipo de aluno com deficiência, chegou Ádria na escola e foi um problema porque eu não sabia o que ela fazia, eu não sabia o que ela era capaz, então a mãe dela ficava conosco na sala, dando todo esse respaldo, então facilitou muito e quem conhece Ádria, sabe o quanto Ádria é amável, ela ama beijar, ela ama abraçar, ela ama atenção só pra ela, ela que uma pessoa realmente junto dela e quando eles não estavam presentes, ela sempre reclamava “Cadê fulana? Cadê fulano?”, porque realmente ela sentia que no caso dela, ela queria a separação da mãe, o fato de por exemplo ter Aaron, principalmente, comigo né, a mãe foi se afastando, então ela queria esse espaço sabe, ela queria uma outra pessoa que ajudasse e foi, esse primeiro foi o mais fácil, eu acho... Ádria era mais fácil, quando entraram os outros eu entrei em desespero, falando com sinceridade, e pedi ajuda a Lívia, eu disse “Lívia, eu realmente preciso de ajuda”, porque eu não sei, é autismo, é tanta deficiência que tem na escola, cada um reage de uma maneira diferente e agora a gente tá com um caso de

aluno que tem esquizofrenia, então, já tô/ ontem ele saiu correndo a escola inteira, querendo atacar outro aluno, então é muito complicado pra o professor SOZINHO, em sala de aula dar conta dessas realidades, eu ainda não sei como lidar com todas as deficiências, mas assim até coloquei no meu questionário, que eu acho assim, o pibid tá comigo, porque eu nunca tive alunos com deficiência, NUNCA, então desde que eu comecei a trabalhar né, em mil novecentos e lá vai cocada, nunca tinha tido, então a experiência veio a partir de dois mil e quatorze, mas do segundo semestre e só com Ádria, e a partir da entrada de Ádria no/na escola, no Álvares de Azevedo, aí foi que Luiz entrou, viu que/ a mãe viu que a gente tava fazendo um trabalho diferenciado com ele e aí vieram outros alunos num é, por conta disso não é, e pelo empenho de Livia num é, e do pessoal do pibid de estudar e dar atenção a cada um, isso assim é essencial, EU não conseguiria sozinha, porque eu preciso de formação nessa área pra poder lidar sozinha com isso, não conseguiria sozinha, tanto é que quando o pibid, acaba não acaba, eu digo “Realmente agora eu tô/vou ficar completamente desamparada num é”, porque é muito difícil, eu não tive formação com relação à isso na universidade e acredito que a maioria dos professores também não, a gente sente a dificuldade num é, a gente conversa sobre isso e a pessoa que é responsável pela sala de recursos da escola também não tá muito propensa a nos ajudar não sabe, porque é muito difícil, a ajuda toda é do pessoal do pibid mesmo num é, e se não fosse eles era/era muito difícil pra mim, MUITO

Márcia: E você ficou um tempo sem eles num é, no início do ano, que foi quando eu entrei na história, porque iniciou o ano nessa história de fica pibid, termina pibid, então sai pelo menos por uns dias, algumas semanas, acho que foram umas duas semanas mais ou menos, sai um grupo grande, que era o grupo experiente né em deficiência, o Marcos, a própria Livia, é::/o::: ... mais alguns nomes que eu não consigo me lembrar /.../ Então nós cinco ficamos e:: a/a Larissa desamparada, vou usar esse termo né, porque a gente tava com ela em eminência de sair e ao mesmo tempo Maria (supervisora) entrando numa escola dizendo “Tem deficientes no Rodrigo Mendes, não tenho nenhum *know-how*, preciso de ajuda”, e aí eu falava pra Livia “Livia, preciso de ajuda sua, porque é você que tem o *know-how*” e aí foi a hora que eu chamei os meninos né, a Maria (bolsista) veio, a Maria (bolsista) também tava no grupo né, então quem são os meninos aqui o Je, o Aaron /.../ e falei assim “Vocês vão/ como é que a gente faz agora?” “É essa a situação ne’” “Deixa a Larissa completamente desamparada e nesse momento a Maria (supervisora) também tá precisando” os alunos se prontificaram na

hora de cobrir lá e cobrir cá né. A gente/a gente passou uma semana nessa situação, eles indo pras duas escolas né e até que voltou, aí voltou todo mundo né, essa foi minha experiência, mas me vi desesperada, porque o primeiro grupo que tava fazendo sai, então isso já desestabiliza né, segundo eu me vejo na situação “E agora, pego o barco e rema?” como é que se faz isso e precisando, contando com eles, pra que eles pudessem desdobrar em duas escolas que a gente dizia “Vamos fazer uma ginástica aí Aaron”, Aaron sempre se prontificando, cobria aqui, cobria ali, nas duas escolas, porque a gente entendia a situação de Maria (supervisora) sim, entendia também a situação de Larissa e eu a frente dessa situação né, não que elas tivessem abandonadas, mas era nessa situação, era o quadro, essa foi minha participação nessa história

Maria (supervisora): Outra coisa que dificultou muito assim que, foi a mãe de Petrúcio, ela era muito:: ela cobrava muito, apesar dela tentar dar um suportezinho assim, mas ela cobrava muito, ela queria que o filho fosse realmente incluído na sala, que fizesse/ que a gente fizesse coisas pra ele tá fazendo durante as aulas, não deixasse ele a/a/ao leu né assim, então foi bem complicado também por causa dela assim, no começo, mas depois quando a gente fez a reunião, Márcia, Lívia e o coordenador lá do Rodrigo Mendes, com ela, ela foi explicando, e a gente foi conseguindo ver o que ele/ até onde ele conseguia fazer, o que quê que ele conseguia fazer é: e aí a gente foi fazendo as atividades, porque ela queria mesmo era que ele não ficasse parado sem fazer nada durante as aulas, que/ela queria que a gente me/adaptasse as atividades pra ele, é:: até usasse o próprio livro dele mesmo, porque ela disse assim “É muito ruim né, todo mundo com... o livro e o meu filho sem”, uma coisa a parte, aí a gente ainda tentou, não foi Ana?, fazer umas coisas no próprio livro com ele mas depois a gente viu que era melhor usar, como Aaron falou, a questão da fonte, das imagens pra ele

Márcia: Foi a primeira atividade né que/que a gente aprontou ali pra/pro/pro Petrúcio né, do/do texto (...) e/e eu acho que até então a mãe de Petrúcio era um fantasma, ela tava aparecendo assim como um fantasma, até a hora que a gente (...) até a hora sentiu a vontade, que Lívia, Lívia vamos pra reunião, precisava da Lívia na reunião pra poder conversar com essa mãe né, e aí nós, não tava nem combinado naquele dia

Maria (supervisora): Foi

Márcia: Mas a gente, ela chegou na escola, foi um dia que eu Lívia tínhamos ido à escola por alguma razão... e aí a mãe chegou... e aí mãe de Petrúcio que até então era um fantasma né, então foi muito legal essa conversa, porque aí ela mostrou realmente o

caderno, falou que não queria que fosse atividades que embecilizasse o menino e que ele tinha capacidade disso e daquilo e aí a gente começou a né

Ana: E eu acho que foi a partir daí que a gente, eu e Aaron que, nós éramos dupla na época, a gente conseguiu saber mais ou menos como trabalhar com ele, porque a gente tinha até um pouquinho de receio né, porque chega o coordenador geral e diz “Ah porque ele é independente é assim, assim”, constrói lá a imagem do menino, aí a gente vai pra sala, a gente vê uma coisa totalmente diferente, aí a mãe diz uma coisa, aí a direção e a escola diz/montam a imagem dessa mãe, e a gente tava, de certa forma, quase que com medo da mãe, porque “Ah, a mãe você não pode ter um mediador, não pode ter ninguém perto do meu filho” “Ah porque não pode num sei o que”, e a gente ficava “O que quê a gente vai fazer então?”, aí “Ah mas ele acompanha a aula” daí a gente vai pra sala e vê que ele não acompanhando o que a professora tá falando, então ele precisa de um mediador, mas a gente não pode ir porque a mãe não deixa, aí foi toda essa confusão né e aí depois dessa reunião que a gente meio que “Ok, então ele pode ter um mediador”, que aí ficou esclarecido que podia ter um mediador, que não queria que ele ficasse depende nera

Márcia: Tem um termo Livia sabe, não é o mediador, ela queria um
(...)

Livia: Cuidador

Márcia: Cuidador

Ana: É porque realmente ele não precisava de um cuidador, realmente, independente nesse sentido ele é, ele pega o lanche, ele vai lá pra fora

Maria (supervisora): Ele pega os lápis, ele pega todo o material dele

Ana: É só você pedir “Petrúcio, pegue tal coisa”, ele pega

Márcia: [E aqui teve o diagnóstico da Diniz, na primeira reunião que vocês tavam inclusive, que eles voltaram a Raiana tava cuidando de um/um diagnóstico, é o seu olhar né, e foi quando a Diniz falou naquela reunião “Sim, ele precisa sim de um acompanhamento”, “A escola diz isso”, tá lembrada dessa situação?

(...)

/.../

Diniz: Eu não acompanhei como Ana e os meninos acompanharam o Petrúcio, mas assim, eu observei algumas aulas, então pelo que eu vi ele era muito/ ele ficava o tempo todo isolado, então a gente via que tinha a necessidade, apesar dessa questão da mãe né,

a gente sabia da mãe, o que dizia sobre ele e tal, mas a gente/ eu percebi que ele precisava realmente de alguém meu amigo, porque ele tava...

Maria (supervisora): sozinho

Diniz: Era ele e ele mesmo, não tinha ninguém, ele não tava conseguindo aprender nada, não tinha condições, então realmente precisava

Aaron: Nós tínhamos um grande problema, porque a professora antiga dele, dizia pra gente “Não, ele fazia todas as atividades”, aí eu dizia “Maria (supervisora) como é que ele fazia as atividades com ela e com a gente ele não fazia”, porque ela dizia que ela colocava a atividade e ele respondia eu a gente né, não conseguia entender porque ele

Maria (supervisora): Depois é eu fiquei conversando com ela mais e ela disse “Eu passo dez minutos da aula SÓ com ele”, aí eu disse “ah então tem alguém com ele, ajudando ele”, aí foi quando Ana, Aaron voltou né do Álvares de Azevedo e Ana começou a ficar perto dele, a fazer as atividades com ele, a né

(...)

/.../

Diniz: Inclusive tem umas atividades né, tu inclusive me mostrou no início, que a gente ficou na questão, na dúvida se era ele que tava escrevendo

(...) /.../

Diniz: Aí ficou na dúvida se era de fato Petrúcio que tava fazendo a aquilo ou era alguém que tava fazendo por ele

Ana: [É

Diniz: [[Mas tinha bastante material

Ana: Com relação a isso, porque assim, o primeiro contato com ele foi um choque, quando disseram “Ah você vai pegar alunos com deficiência”, eu não tive esse choque foi estranho, aí quando eu cheguei “Ah o aluno de tal turma vai ter síndrome de Down”, tudo bem “Ah ele é independente e lá lá lá”, quando eu cheguei na sala aí Maria (supervisora) foi dar a/a aula e a gente foi fazer a atividade com ele, aí Maria (supervisora) perguntou “Quem vai ajudar ele?”, aí ficou entre eu e Aaron, aí sei que eu fui, quando eu cheguei lá, o aluno que é independente e tudo mais, toda aquela construção, ele mal falava, ele não conseguia falar mais do que um/mas do que duas palavras, tudo que a gente perguntava, meio que ele repetia, você não sabia se ele tava respondendo ou se ele tava lhe/lhe repetindo e ficava aquela coisa muito confusa, aí meio de quebrou as minhas pernas, aí eu fiquei “Meu Deus, o que é que eu vou fazer agora?” e aí Maria (supervisora) e Aaron, não sei, assumiram esse texto

(...)

Ana: Enfim, alguém assumiu, porque eu fiquei meio ((cara de desesperada, sem saber o que fazer)), aí com relação à essas atividades, depois eu fui/ a gente elaborou uma atividade, antes dessa que Márcia falou, eu e Maria (supervisora), que era sobre tipos de filmes, TO-TAL-MEN-TE errada pra o aluno, a fonte pequena, um monte de imagens, era pra relacionar é: o tipo de filme com a imagem, com um exemplo de filme, aí o exemplo era uma imagem, aí tinha umas OITo, uns oito exemplos, aí tinha/ não cabia no primeiro papel, tinha que ir pro segundo papel, ou seja, totalmente errado, aí a gente foi, claro né ele não conseguiu fazer, aí Aaron “Ah” aí Aaron vai elabora assim uma atividade maravilhosa (...)

Márcia: Foi frustrante né que você falou

Ana: É, foi frustrante... aí a gente conseguiu fazer essa segunda atividade, aí o que que acontece, ficava/ainda tinha aquela voz daquela mãe, daquela diretora, daquele nam, nam, nam , nam, mas aí eu acho que o trabalho foi ficando mais leve e a gente foi conhecendo ele... e tipo assim

(...)

/.../

Ana: E essa questão da colagem que Diniz falou, talvez podia ser ele sim, a não ser que a pessoa que tava fazendo com ele, não tinha paciência pra esperar, porque eu não sabia exatamente o que que ele era capaz de fazer, mas eu fui tentando, então por exemplo “Petrúcio, você gosta de cortar?” “Você gosta de recortar?”, “Gosta”, aí eu não sabia exatamente se era uma resposta ou se era uma repetição, aí testava, “Você quer costar?”, “Quer”, aí cortou uma atividade que trouxe pra ele, a gente pegou uma atividade e refez de outra forma, que a gente sempre ficava repetindo as coisas assim

Rosy: E ele tem quantos anos?

(...)

/.../

Maria (supervisora): Dezesseis

Ana: E aí essa questão da colagem ele colou, num colava porque como ele tinha

(...)

/.../

Maria (supervisora): a coordenação motora

Ana: Mas ele conseguia

Rosy: Tá, o que mais chamou a atenção de vocês nessa experiência com pessoas com deficiência visual, oh visual ((risos)) do meu contexto né, sempre fala mais alto, da pessoa com deficiência, assim, o que MAIS chamou a atenção

Julia: Posso trazer pro aluno que eu acompanhava que era Aquino, eu sentia que ele tinha muita vontade de aprender, embora ele tivesse muitas dificuldades que::, ele era surdo, mas na sala dele, tinha muito barulho, tinha muita bagunça mesmo, e SÓ ele, eu percebi que ele era o que mais tinha vontade de aprender e isso me chamou muito a atenção

Maria (supervisora): É Aquino, ele tem múltiplas deficiências, mo/motora né, é: auditiva e intelectual também

Julia: E também (...)

(...)

/.../

Maria (supervisora): Aí ele é acompanhado por um intérprete de Libras, que é uma pessoa MUITO competente assim, e muito interessada, faz tudo, tudo, pra Aquino aprender sabe, que é Saulo e me emocionei agora falando ((choro de emoção)), então Saulo foi muito assim, ajudou muito a gente eu acho, no começo

(...)

/.../

Maria (supervisora): Porque depois as meninas começaram a se comunicar mais... sem o auxílio de Saulo, elas conseguiam falar em Libras e eu também nas minhas caras e bocas conseguia também me comunicar com ele e tal, e ele é, Aquino é realmente um menino assim que quer aprender, que quer avançar sabe, é:: ... então trabalhar com Aquino, trabalhar com os meninos com deficiência auditiva foi o mais tranquilo, por/ eu acho que por ter intérprete que dava um *feedback* do que eles/do que eles tavam conseguindo, do que eles não tavam conseguindo acompanhar, do que com Petrúcio, que Petrúcio a gente teve que ralar assim pra entender ele, e eu acho que Petrúcio começo, pelo menos comigo, a me dar respostas mais coerentes, quando eu abracei ele, no dia do meu aniversário, aí Sandra que era a professora antiga dele disse “Hoje é aniversário da professora Petrúcio”, aí ele ficou parado me olhando, aí eu disse “Você não vai me dar um abraço?”, “Não vai me dá parabéns?”, aí eu abracei ele, a partir daí, TODa vez que ele falava comigo, que ele me encontrava na/na escola ele fazia “Oi professora”, “Oi professora”, aí foi a partir daí que eu acho que comigo as respostas vieram mais fáceis, criou uma relação (...) ((choro de emoção))

Rosy: Mais alguém quer dizer o que chamou a atenção de vocês nesse... processo

Aaron: Bem, quando eu fui pra o Rodrigo Mendes, juntamente com Ana, que a gente teve esse primeiro contato com Petrúcio, mesmo depois que a gente fez a primeira atividade, a gente não tinha respostas, a gente ficava... muito ansioso né, assim “Será que ele tá entendendo o que a gente tá falando?” né, e teve uma atividade de que a gente foi lá fazer, que a gente perguntou uma coisa, aí ele respondeu, aí eu olhei pra Ana e disse “Ele respondeu” ((risos))

((risos))

Aaron: Aí Ana foi fazendo, ele escreveu, ou seja, a gente conseguiu e ali a gente sabia que ele tava entendendo, então essa foi uma coisa incrível, porque um menino que num/num/ ele não tinha ação nenhuma, você falava ele só balançava a cabeça e falava a última palavra que você falava, ou a palavra principal era o que ele dizia, então a gente não tinha essa resposta e quando a gente entendeu que ele tava entendendo assim foi, foi impressionante né, porque a gente foi batendo numa coisa que a gente não sabia se tava surtindo efeito, mas que na verdade tava, então assim, foi incrível assim, foi uma letra que quando ele respondeu, foi uma questão de cor que ele tava fazendo, aí eu olhei pra ela, porque só podia ficar uma pessoa com ele de cada vez, aí eu fiquei (...) foi ótimo, aí todo mundo confirmou aquilo ali

Ana: [Era/era uma questão de descoberta assim né, tipo, parece que toda aula tinha uma coisa, primeiro teve essa resposta, de fato uma resposta, não foi só repetição, depois teve a questão de ele ler né, que foi uma coisa tipo ((reação de surpresa)), porque a gente não sabia o que ele conseguia fazer de fato e tem/ eu comecei em certo momento apagar todas as vozes assim, de diretor, de mãe, de todo mundo, porque tava deixando a gente mais confusa e prestar a atenção nele, eu/meu foco era ele, então assim “Ah a gente fez essa atividade não funcionou hoje mas aí”... eu geralmente fico bem frustrada quando as coisas não funcionam, pra ser bem sincera, mas com ele era engraçado porque o que prestava a atenção era no desempenho, então por exemplo, ele não conseguiu fazer a atividade, MAS ele conseguiu ler, então por exemplo “Ah quem é esse?”, ele não respondia não respondia que era Nemo, já não sei quantas semanas falando de Nemo e ele não respondia, aí eu fiz “Quem é esse?” e apontava pro nome, apontei pro nome e ele “Nemo” aí eu “Ah” ((expressão de felicidade)), “Ele ler Aaron”, aí teve outra coisa que eu aproveitei que ele leu esse nome, aí “Vamos ver se ele, de fato, ler” e sai, “Então leia essa questão”, aí a questão era enorme, o enunciado, aí “Leia essa questão”, ele leu, foi apontando pras palavras e foi lendo, aí no final “Então o que é

que é pra fazer?”, aí ele não respondia, aí eu apontava pra palavra chave, aí ele respondia, sei lá “Relacionar”, aí “É pra fazer o que?”, “Relacionar”, aí a gente descobriu que tinha que diminuir o enunciado né, aí foi assim, aí por exemplo, é:: ... leitura, trabalhei leitura com ele

Maria (supervisora): [E em inglês também

Ana: Foi

(...)

/.../

Ana: Trabalhei gênero textual com ele que a mãe dele disse trabalhava, então Maria (supervisora) tava trabalhando (...), então que é eu fiz, que a gente tava falando de procurando Nemo o tempo todo né, aí eu peguei levei o dvd de procurando Nemo, trabalhei toda a estrutura do dvd, trabalhei o texto e trabalhei a leitura assim, ampliei né o texto, aí grifei as partes principais e fui levando imagens, então eu peguei uma imagem do, eu fiz como se fosse um teatro de papel, eu peguei uma imagem do

(...)

/.../

Ana: Do cenário digamos assim e peguei, por exemplo, “ah dos criadores de tal filme e tal filme” aí levava uma imagem da capa, aí “Você já assistiu?”, ele “Assistiu”, essa era a resposta, até aí tudo bem, aí pegava “Fulaninho, Nemo foi capturado pelo mergulhador”, aí mostrava as imagens, aí fui fazendo isso com ele, aí “Entendeu?” “Entendeu”, aí depois “Quem foi capturado?”, Aí ele apontava pra Nemo, “E quem capturou Nemo?”, aí ele apontava pro mergulhador, então assim, sabe, ele não responde, ele não fala exatamente, mas ele responde da forma dele

Rosy: [Entendi

Ana: Enfim

Lívia: É tem uma coisa que eu queria mencionar (...) Uma coisa que me chamou a atenção desde o Álvares de Azevedo, mas também no Rodrigo Mendes é a questão da relação do restante da turma com esses alunos né, que a gente percebe assim uma situação, não digo todas as vezes, mas na maioria das vezes, de grande isolamento, quer seria quase assim, negligenciar mesmo aquele aluno dentro da sala, você vê pouQUÍssimo os outros alunos procurando estabelecer alguma relação com aqueles, a gente vê aqueles que são mais e menos é:: vamos dizer assim amigáveis, mas não vê aquele esforço realmente de incluir esses alunos em todas as atividades né, em dar atenção aqueles alunos, em nenhuma das escolas eu observei isso aí, então assim, é um

trabalho que, pelo menos na minha perspectiva, eu acho que foi satisfatório, do ponto de vista assim, de alcançar do ponto de vista cognitivo, promover o desenvolvimento daquele aluno, mas assim, ainda fico muito frustrada com relação a essa questão da inclusão no sentido das relações humanas mesmo, de fazer, eu sei que alguns professores fazem isso, vocês também bolsistas fazem, de fazer os alunos realmente né

Maria (supervisora): [Mas com os que tem deficiência auditiva essa/essa relação acontece, as meninas e os meninos, colegas de Aquino conversam com ele, elas/algumas sabem Libras e elas conversam com ele, quando ele/quando ele alcança, roubando aqui a fala de Ana, quando ele alcança alguma coisa, algum resultado positivo elas fazem ((sinal de parabéns em Libras)) né, dão parabéns e tal e com relação aos outros quatro, no final, quando eu já não tava mais com a turma, tava com a turma do nono ano, que eram três a princípio e depois chegou mais um

((barulho de algo caindo))

Maria (supervisora): E::: aí/é, o pessoal dessa turma do nono ano eles também é, tinha mais interação com a turma toda, conversava através da intérprete Nayara entendeu, mas na questão de Petrúcio não, Petrúcio ele realmente era bem, apesar de, por exemplo, é: “Ah Petrúcio ficou no pátio, não vai ter/ vai ter aula” aí “Vamos Petrúcio”, os meninos levavam ele pra sala ou “Petrúcio quer ir no banheiro”, ou então uma situação que aconteceu “Petrúcio tá se sentindo mal” ele tava se sentindo mal, “Professora, Petrúcio tá se sentindo mal eu vou levar ele na coordenação”, aí levava, entendeu

Rosy: Entendi

Maria (supervisora): Mas durante o intervalo ele ficava sozinho, sentadinho lá, lanchando na dele, na sala também era assim

Aaron: Era uma ilha na sala

Maria (supervisora): Era uma ilha e o mar de alunos ao redor, mas ninguém chegava perto

Scott: E é

Rosy: [Ai tô escutando sua voz ((risos))

Scott: É: eu vejo como muito importante, isso me chamou a atenção, porque quando a gente consegue se relacionar com eles, eles interagem MUITO mais, eles interagem com a gente e respondem a professora em sala de aula, é: em vários sentidos, todos os estímulos que são feitos, eles conseguem quando essa relação é realmente construída, e eles se sentem MUIto felizes quando conseguem, quando eles realmente se sentem

incluídos né, inclusos né, é teve até uma experiência recente que é:: fizeram uma atividade para o oitavo ano é... e/e pediram a/a Luiz que ele fosse palestrar a respeito do esporte que ele pratica né, box, e mãe dele até agradeceu depois não foi Aaron, num foi Aaron que fez a atividade toda, mas é:: foi muito interessante que eu vi como é, conversei com os meninos e eles disseram que foi muito positivo, a mãe dele depois veio agradecer, porque ele chegou em casa muito feliz, é: eu também percebi a partir do momento que a gente consegue se relacionar com eles é:/e/eles se abrem né, quando eles se abrem eles respondem melhor a tudo que a gente faz, é: com Luiz mesmo, no começo foi um pouco difícil porque foi o primeiro contato que eu tive com/com aluno com deficiência e:: é ele não conseguiu responder muita coisa aos estímulos que é/ que eu tava dando na aplicação, assim como com o que Vinícius tava aplicando, até ficou com ele depois e também com o aluno que tem autismo, como é nome

(...)

/.../

Scott: Tito né, ele/ele não tava respondendo bem aos estímulos que é/ que eu tava dando, eu conversa, tentava fazer com que ele desse, mas tinha, tiveram até questões que comigo ele não quis fazer, aí ele fez até com Marcos depois, que Marcos tinha uma relação maior com ele , é: bem maior, mais tempo, então realmente é muito importante, quando eles se sentem realmente que as pessoas querem se relacionar com eles, querem é:, que estão abertas a eles/eles interagem, eles fazem, eles participam, então você vê que, é ali que você descobre que realmente eles querem aprender, o que tava bloqueando seria essa questão da exclusão mesmo

Rosy: Entendi

Larissa: É, e é incrível assim Rosy, eu como, lá no Álvares de Azevedo eu sou conhecida como a galinha e os pintos

((risos))

Larissa: Eu sou a galinha e eles os pintos, porque eles dizem assim, “A professora mais bem acompanhada da escola” né, e realmente sou

((risos))

Larissa: É, não existe ninguém com bolsista nem nada, só eu, e eu digo assim, a dependência né, e o que eles conseguiram construir com todos os que têm deficiência, porque são vários né, são vários alunos e assim, por exemplo, Adriana, se não tiver chegado a Sueli não quer nem ficar na sala de aula, porque não tá Adriana e nem tá Maria (bolsista), por exemplo, digamos que a aula comece e elas não estejam ela faz

“Cadê fulana, cadê fulana?”, Scott “Cadê Scottinho?”, eles chamam assim, então assim, eles têm conseguido e eu tenho que agradecer muito assim a ELES e ao projeto por tentar construir essa relação de amizade né e eles conseguido chegar, NÃO é fácil não, o Rogério mesmo do sexto ano a, no início do ano Rogério não falava uma única palavra num é, então hoje em dia, Je já senta perto dele, Marcos já senta perto dele, ele já consegue né, aos poucos, mas assim você vai conseguindo, eles conseguem muito mais do que eu né, porque eles têm o tempo de ficar, eu ficar só é muito mais complicado, quando eles não tão eu só falto morrer em sala de aula, porque têm uns que não demandam né, atenção não, mas a Ádria, se eu não desse atenção a ela, ela já levantava a mão “É minha vez, é minha vez, é minha vez”, “venha pra cá”, e assim, realmente, eu acho que ela é uma exceção, porque os outros a tendência, você né, Joana e Diego são dois meninos assim completamente excluídos, toda a turma do nono ano exclui, eles não têm assim atenção NENHUMA, não fazem a mínima questão de inseri-los, enquanto alunos num é, enquanto alunos do grupo, e ontem na situação do esquizofrênico, era os meninos correndo na escola e dizendo “Fecha a porta porque o doido tá solto”, então é uma coisa assim muito complicada de se ouvir, num é, você vê que realmente o que Livia falou, eles não tão, eles não conseguem incluir né, a inclusão realmente é MUITO difícil

Livia: [É uma questão até de sensibilidade ao outro mesmo

Larissa: Com certeza, falta né, não existe não, é muito difícil

Rosy: Marcos, queria te escutar

Marcos: E a gente tem que ter cuidado também porque eles acabam externalizando isso também, eles percebem

/.../

Marcos: Por exemplo com relação a Joana, eu sempre fico tentando incluí-la na sala, mas aí ela/ela tem uma rejeição completa da sala mesmo e às vezes isso é justamente eles respondendo ao que tem acontecido, normalmente, aí eu pergunto se ela conhece alguém, se ela tem algum amigo na sala e ela nunca, sempre diz que é todo mundo chato e ela não quer se envolver com ninguém, não tem colegas, amigos em outras salas é:: e aí eles acabam as vezes se auto bloqueando também, a gente tem que tá prestando a atenção nisso e sempre tentar incluí-los de alguma maneira

Rosy: Entendi

Aaron: Mas quando a gente fez essa aula que ele falou do box, assim, foi automático, eu queria ter gravado a expressão de Petrúcio, de Petrúcio não, de Luiz, porque assim,

quando ele viu a foto dele ((expressão de muita alegria)) e a turma também assim, todo mundo fez assim “Ah é ele”, e comentou e começou a fazer comentário e elogiar ele, então assim, é uma coisa que foi proposta, que se a turma realmente não quisesse, ela tinha fingido que era qualquer pessoa, então, mas a maioria elogiou e ficou “Ah se eu fosse lutar com ele e perdia, num sei o que”, então assim todos tiveram, a turma teve um estímulo e respondeu bem, então talvez falte esse estímulo de colocar o aluno dentro da sala como um aluno comum entendeu

Lívia: Destacar aquele talento dele, porque todo mundo um, então assim/assim... escolher um tema que seja/ escolher um tema que realmente possibilite a gente colocar aquele aluno como importante dentro da aula também, atribuindo a ele um papel, um/um/uma tarefa importante, acho que a tarefa da gente também é/é empurrar um pouco, forçar a barra um pouquinho porque se deixar assim a vontade, deles mesmos acho que não vai partir

Rosy: Entendi. Marcos além de tá na escola regular né, Marcos tava no instituto comigo, e aí queria escutar um pouquinho dessas tuas duas experiências, o que mais chamou a atenção, com foi nesses dois contextos

Marcos: Foram duas experiências ímpares né, estão sendo, foi no Instituto dos Cegos e tem sido no Chico né, porque você tem a oportunidade de praticar algo que você, mais uma vez a gente ratifica aqui, não tem grade, a gente não vê normalmente na grade curricular comum, algo que vai ser/tá sendo trabalhado né e eu acho que com certeza no futuro a gente vai ter mais trabalhos envolvendo esse pessoal, e a gente tá começando aí esse trabalho, e eu acho interessante também que como a gente tá, não tão, assim, começou assim na década de noventa, oitenta, mas a gente tá, consideravelmente, relativamente, além disso e aí leva a gente a tá sempre repensando, refletindo sobre qual é a melhor maneira de você lidar com isso e com aquilo e aí é você pega um/ a adversidade que a gente encontra no Álvares de Azevedo e aí parte pra especificidade no Instituto dos Cegos é algo que realmente da pra você assim ser mais focado e aí você tem um direcionamento assim mais, poderia dizer assim, que você tá naquela... professora Rosy tá naquela prática e reflexão constante sobre a prática, como ela mencionou várias vezes e aí ela/ela leva pro/ pra um patamar que eles já estão um pouco mais adiantados e a gente no Álvares de Azevedo, a gente tá lidando com vários, são várias *inabilities*, podemos mencionar assim, e a gente não tem como focar só em uma e eu acho interessante o trabalho da professora Rosy por isso, porque ela tem a oportunidade de tá oportunizando o trabalho com esse pessoal (...) conseguindo inserir

os documentos oficiais de maneira é.. sistemática, eu vi que ela tá conseguindo progressos, muito bacana ela tá sempre, como é que eu posso falar, ela tá sempre buscando novas maneiras de inserir os gêneros textuais mesmo

Rosy: [Mas você, o que chamou a atenção em você

Marcos: Eu?

Rosy: Com os meninos

Marcos: Ah com os meninos, você tá falando com os meninos, ah que realmente tem que ter cinquenta por cento do trabalho do professor e cinquenta por cento do aluno e a gente vê que tem uns que realmente dão o melhor de si e têm outros que não tão interessados, que:/mas os que tão interessados a gente vê um progresso muito bom, eu também tive minhas experiências de ressignificação com eles, foi muito bacana, você aprende muito, inclusive quem for, tá indo conhecer esse meio, é aconselho, realmente aconselho, vai ser uma experiência bacana e é isso aí

(...)

/.../

Rosy: Pensando nas/nos outros trabalhadores assim da escola, porque vocês falam de vocês ali na sala de aula, a professora falou um pouquinho ali né do intérprete, pensando nesses outros trabalhadores que fazem parte da escola, como que eles, como que é essa interação de vocês com eles, como que eles contribuíram tanto para as professoras que tão lá em sala de aula, como pra vocês que estavam entrando como pibid, como para as professoras, como é essa interação toda

Larissa: Interação eles agradecem porque nem ele têm *know-how* pra lidar com isso, é a grande verdade né, no Álvares de Azevedo é sempre Livia e Márcia e os pibidianos, porque assim, sabe o trabalho que é feito e só existe isso na escola, em inglês, então assim eles também não são preparados pra lidar com isso, inclusive eu também acho que a própria, vou nem citar o nome da/beleza, mas ela também não se dispõe, ela se dispõe a ficar na sala de recursos lá, fazer uma atividade qualquer pra eles, entendeu?: uma vez na vida, também não se preocupa não Rosy, eu acho que... quem se preocupa com eles, em fazer alguma coisa, é o projeto, a escola em si, poucos profissionais interagem, poucos profissionais procuram fazer alguma coisa, talvez/talvez até porque não saibam como lidar com isso e não buscam realmente se capacitar pra isso, num acredito nem que seja má vontade, eu acho que é falta de formação realmente pra saber lidar com isso

Lívia: Também assim, acho que como Marcos falou, assim, não é como no caso da escola especial como Rosy trabalha, que ela trabalha com UM tipo de deficiência, pode assim, se aprofundar naquilo, desenvolver material pra aquele público, pensar só naquele público né, AINDA que houvesse um/um desejo e condições na escola pública, que a gente sabe de todas as dificuldades, mas assim, você tem que trabalhar em várias frentes ao mesmo tempo como Marcos falou, então esse é um aspecto dificultador assim, porque um só professor, seria o professor/ para incluir ele tem que tá/ muitos professores eles tão com deficiente visual, com surdez, intelectual, autismo, tudo numa sala só, então assim é/é: e cada um daquele ALÉM dele ter a especificidade daquela deficiência, dentro daquela deficiência, como vocês mesmos disseram, cada aluno é um aluno, porque cada um gosta de uma coisa e a gente tem que saber tudo isso pra poder/ então assim, é uma coisa complexa e fica realmente muito difícil quando não tem um apoio, uma rede dentro da escola que/que dê um certo apoio

Márcia: Engraçado, eu tava pensando, uma coisa é um lugar especializado né, como por exemplo o Instituto dos Cegos, não tô dizendo que é mais fácil, nem mais difícil né, num é uma comparação nesse sentido, mas é especializado, então eu não sei como é a formação das pessoas que vão pra aquele espaço ou dos voluntários que lá estão, na escola eu tendo a pensar a questão que você colocou, a falta de sensibilidade é uma cultura nossa e acaba sendo assustador e esse deficiente, ele vai dar trabalho e assusta isso, a gente se assustou, quem talvez levantasse a mão que não se assustou na hora que se viu na situação, imagino também a situação na escola, acaba sendo um trabalho que nem todo mundo está disposto por questão de sensibilidade, o lado humano mesmo, numa cultura que é excludente num é, então a gente tá num contexto específico, é:: que pode fazer a diferença em algumas pessoas, por exemplo, o fato de entrar no PIBID não necessariamente vai ter essa sensibilidade, pode ter e eu acho que Lívia tem mais propriedade pra falar, ou não ter essa sensibilidade para, me chama a atenção que eu tô lá a tarde eu não vejo os deficientes, eles estão em algum lugar

Maria (bolsista): Eles não ficam no período da tarde

Márcia: Então não ficam, já é um diferencial, então porque não há, na minha conclusão, não há nenhuma atividade tal qual os outros de inclusão, de passar período integral e eles não ficam, ou seja, não são acolhidos numa atividade de: lúdica, atividade qualquer que seja nesse período integral que é um contra turno, isso pra mim já é bastante significativo né, “Porque daria muito trabalho?” “A escola não teria como acomodá-los

numa atividade diferenciada?”, até para o próprio desenvolvimento deles, então tudo isso a gente vê dentro desse contexto né, é pra ficar pensando

Maria (bolsista): É, uma vez quando eu trabalhava nas oficinas do Álvares de Azevedo, eu até questionei um dos próprios alunos e perguntei porque isso acontecia, porque a gente não via eles nas oficinas, é:: segundo a mãe de um aluno que eu conversei ela dizia assim que/ que o período da manhã eles iam para o ensino regular e que a tarde eles precisavam de um apoio pedagógico e:: no caso dessa mãe ela colocava ele numa outra escola que fosse tipo uma escola especializada que trabalhasse especificamente com aquela deficiência que ele tinha, para que ele desenvolvesse outras habilidades que ele tinha mas não conseguia desenvolver no ensino regular, é:: ... de certa forma é: favorece a esse aluno, ele ter esses dois contatos, até porque assim, quando você se aprofunda em uma determinada deficiência você tem mais eficiência na execução do seu trabalho e: ... eu não sei se é o caso de todos, mas os poucos que eu conversei era mais/mais esse lado, por exemplo tem aluno que ele precisa de ter/ de trabalhar a parte física, fazer certos esportes que a escola ela não oferece aquele esporte que seria para trabalhar a coordenação motora, pra trabalhar a parte física dele pra que ele pudesse ter um desenvolvimento melhor, até mesmo em sala de aula, então elas preferem, eles estudarem de manhã e a tarde ter não só a parte pedagógica, mas também essa parte... esportiva

Maria (supervisora): Lá no Rodrigo Mendes a gente teve no começo é:: a/a responsável pela sala de recursos, ela fez uma reunião com todos os professores do fundamental pra conversar, pra saber também as necessidades que a gente tinha e como ela poderia ajudar, então eu acho que foi bem legal essa iniciativa dela, de tentar ouvir a gente pra fazer alguma coisa, aí teve alguma questão burocrática lá dentro do/da escola que é: ... ficou meio suspenso isso, ela não fez, ela/ela assim, ela chama os meninos, fica na sala dela, eu não sei, não tenho conhecimento do que eles fazem lá

Lívia: [O que ela me disse é que assim, o Rodrigo Mendes, o problema era o volume né, porque só era uma profissional, parece que tinha sessenta alunos

Márcia: Sessenta alunos

Lívia: Ela disse que mesmo que ela quisesse ela não daria conta, então parece que ela escolheu alguns níveis pra ela trabalhar e aí depois

Aaron: [Lá teve uma diferença do Álvares de Azevedo né, porque lá teve aquela reunião num foi?

Maria (supervisora): Foi

Aaron: Com os professores e tal, foi uma coisa assim né, que eles discutiam muito “Por que incluir?”, um dizia que fazia, outro dizia que não fazia porque não sabia, aí ficou aquela coisa assim né

Lívia: [Pelo menos eles conversaram né

Aaron: [[Bem explícito, o que fazia dizia porque fazia e o que não fazia dizia também porque não fazia

Maria (supervisora): [Os professores né

Aaron: [[Teve esse preocupação né

Lívia: É

Aaron: [[Da escola sentar pra discutir, o que no Rodr/no Álvares de Azevedo eu nunca vi acontecer

Larissa: Eu também não

((risos))

Maria (bolsista): [[Esse

Larissa: [[Nunca vi

Maria (bolsista): Esse período que/que nós estamos lá no Álvares de Azevedo, umas das coisas que a gente sempre fala em reunião né, “Vamos sentar com o apoio pedagógico da escola, pra discutir a questão da deficiência, ver como que a gente vai trabalhar com os outros professores”, “Pra sensibilizar os outros professores, pra eles poderem ver com a nossa experiência, poder também fazer o papel que a gente desenvolve hoje na escola” e por incrível que pareça a gente nunca conseguiu... essa reunião, é:: a gente já tentou conversar com a professora que fica na sala de recursos, já tentou conversar com os pedagogos de lá

Larissa: [((...))

Maria (bolsista): [[E eles nunca tiveram a sensibilidade de reunir esse pessoal pra gente poder dialogar, ver o que se pode fazer, porque é: ... não adianta a gente, por exemplo, trabalhar apenas na língua inglesa e fazer esse papel na língua inglesa e os outros professores das outras disciplinas olham e veem como... irrelevante e assim a gente faz a nossa parte, mas gostaria que os outros também tivessem um envolvimento, talvez a escola já estivesse num avanço de inclusão bem maior... se tivesse essa parte

Rosy: Entendi. A professora ia falar?

Lívia: Mas, eu ia dizer que a ((...)) essa especificidade de lá, justamente eu não vejo esse movimento vindo da parte, por exemplo, da pessoa de multi recursos, articulador, pelo contrário, é meio desarticulador sabe, acho meio, tipo assim uma rincha, não sei se

Larissa pode confirmar, mas não tem uma boa relação entre o professor da sala de recursos e os outros professores

(...)

Márcia: Porque essa semana na funad tava falando, eu acho que foi a:: Maria José que tava falando essa semana, me corrijam, a questão das parcerias, acho que foi ela né, e é importante essa/essa pessoa articuladora, e eu imagino que seja exatamente a pessoa da sala de/de multi/multi meios

(...)

Márcia: Imagino esse profissional, embora a gente saiba que tem essa questão, a Larissa tem os pintinhos, mas os outros não têm, então assim, por mais que você queira sensibilizar os professores, mas eles não têm recursos humanos né, e a pessoa da sala de recursos também não tem, então de novo a gente volta pra sensibilidade, pra/pa poder fazer a/a/esse tipo de parceria com... pra buscar estagiários, porque com certeza se a escola abrir as portas e conseguir trazer estagiários de outras disciplinas né, imagino né, como é que pode ser

Aaron: [Mas também é outro contexto, por exemplo, porque a gente tá ali exclusivamente praquele aluno, mas vocês pensem se fosse a gente na sala de aula como Larissa, sozinho como professor, então em que momento a gente ia fazer esse trabalho que a gente faz? É OUTRA realidade né

Maria (supervisora): [É, eu tô nessa situação na outra escola, não tenho ninguém com deficiência severa assim, mas têm alguns que são disléxicos, já/ e tem a sala de recursos lá, a professora chama eles, conversa e faz as atividades com eles lá e é/na/dentro da minha sala de aula realmente não tô fazendo nada de diferente, eu faço quando vejo que, quando chego perto e vejo que ele tá com dificuldade eu vou “Oh vamos, vamos vê aqui, vamos refazer e tal”, mas eu num tô preparando nada de diferente pra eles entendeu, e assim, o pibid ajudava bastante nisso assim, nessa questão de “Vamos pensar como a gente vai poder chegar, fazer alguma coisa diferente pra ele, pra realidade dele”... voltando a pergunta sobre o pessoal da escola, tinha os funcionários, os intérpretes né, que ajudavam bastante... e eu esqueci agora o que eu falar, ai, vai passa, depois (...)

Aaron: Eu acho legal a relação com o cuidador assim, quando eu acompanhava ano passado, que era Ádria, ela tinha um cuidador, então ela conhece muito, porque ela tá sempre em contato com a mãe, então ela sempre tem muita coisa pra dizer pra você, e agora que eu tô acompanhando o Luiz, eu percebo que ele tem uma relação muito boa

com a cuidadora né, e semana passada ela chegou atrasada, mas ele perguntou pra mim que chego/ eu chego na primeira aula, aí disse “A cuidadora dele ainda não chegou, vai atrasar, eu vou deixar ele na biblioteca, ou ele/ você pode ficar com ele?”, “Não eu fico com ele”, “Pode subir”, e ele subiu comigo assim pra não ficar lá em baixo e quando ela chegou ela ficou observando né, a relação que eu tenho com ele, depois ela ficou/fica comentando assim algumas coisas dele, então esse contato com o cuidador é muito bom, porque eles conhecem o aluno e tem contato direto com a mãe (...) então assim, é uma forma de você ter conhecimento do aluno através dela porque o pai né geralmente não tem tempo de tá diretamente na escola pra dar suporte sobre o aluno

Maria (bolsista): [E se você tiver uma boa socialização com alguns cuidadores, eles vão também ajudar você a se dar/ a lidar com aquele aluno, porque ele passa pra você o comportamento dele, porque que ele tem certas birras, porque que em determinado tempo ele chora, porque em determinado tempo ele tem um comportamento diferenciado, o que/ quando você se depara com essa situação o quê que você tem que fazer, de que maneira você age, como ela, por exemplo, age naquela situação e isso, de certa forma, facilita, agora a questão do cuidador tem esse lado bom e também tem o lado ruim, o lado ruim é quando o cuidador, ele não exerce esse papel e, de certa forma, ele atrapalha... eu já tive cuidador no Álvares de Azevedo, Larissa sabe quem é ((risos)) que ao invés dele ajudar a gente a ter esse/esse/esse lado pra mostrar como é o comportamento, como lidar com a situação, ele atrapalha o nosso trabalho, “Por que você preparou isso?”, “Não, isso aí não dá certo com ele não”, então assim, ao invés dele estimular ele desestimula

(...)

Maria (bolsista): Então assim, às vezes o cuidador é... quando você tem essa interação com ele, que ele consegue passar é excelente, mas quando você encontra um que é

(...)

Maria (bolsista): Que é esses meio que desajeitadosinho, aí difícil

Larissa: [Mas pra corroborar o que Aaron falou, a cuidadora de Luiz, Rosita, ela tem uma relação íntima mesmo com, inclusive com a mãe, com o *whatsapp*, na aula eu passei todas as fotos pra mãe né, que focava ele e Fátima Bernardes lá... e você vê assim, eu tava vendo no oitavo ano o *simple past tense*, ela sabia TUDO que ele tinha feito no fim de semana, que ele pratica hipismo, então tinha pra uma competição, então tudo isso ajuda muito a gente né pra saber, então por exemplo, ele não queria dizer o que ele tinha feito né, mas ela disse “Mas você não foi” num é, “Num foi pra

competição”, então assim “Você não foi pro cinema assistir a isso com sua mãe”, então facilita muito... o outro caso é o de Tito, que é autista, muito independente, ele disse que Tito, ele copia tudo na realidade, mas acho que ele não entende nada do que ele tá fazendo, mas o cuidador também num tá nem aí, liga/liga os ar-condicionados, saí, chega atrasado, fica no *whatsapp* né, e Tito

Maria (bolsista): [A primeira aula a gente nunca encontra ele ((risos))]

Larissa: E Tito fica lá como se fosse um enfeite, mesmo tendo um cuidador né, é realmente muito complicado e ele não aceita muita interferência não sabe Rosy

Rosy: Entendi

Larissa: Ele se acha assim muito auto suficiente e o ano passado a gente até meio que bateu de frente, eu e Aaron com ele, foi uma situação constrangedora e depois se resolveu por lá mesmo, mas é difícil

Aaron: Mas é porque no caso desse aluno que ele acompanha já, ele bem madu/ ele é enorme, ele/ele assim é no nono ano ele tá agora, tipo assim ele é o maior da turma, então eu acho que pra assim

(...)

Aaron: Ele já muito crescido pra ter uma pessoa do lado dele fazendo, ajudando numa coisa que ele não precisa daquele/daquela pessoa ali, então eu acho que é a questão do constrangimento mesmo que/que atrapalha né, talvez outro aluno, talvez do sexto ano precisasse e não tem um cuidador e ele tem e não precisa, atrapalha, pela idade dele eu acho

(...)

Diniz: Eu lembrei de uma situação também no Rodrigo Mendes, eu não cheguei a acompanhar Aquino, como as meninas né, dentro da sala de aula, mas aí eu fiz uma entrevista inicialmente com Saulo que era/que é o intérprete dele, acredito que ainda é, e aí ele me mostrou muito essa relação que Larissa falou, ele falou que assim, a vida dele, do trabalho, é Aquino, tudo/tudo que ele faz é pensando, ele conversa muito com os professores, eu perguntando a ele como era que/que ele construía as atividades pra trabalhar com Aquino, ele disse que sempre procura conversar com os professores, pra saber o que eles estão dando e tal e ele construía, e ele dizia “Eu vivo pra fazer atividade pra ele, eu vivo em função dele”

Rosy: Entendi

Diniz: Então assim, conhece a vida dele também né, pessoalmente, então né... eu lembrei porque Larissa falou

(...)

Diniz: E é muito importante isso, porque tem a relação, a gente vê, eu não cheguei assim/ poucos momentos que eu presenciei eles dois

(...)

Diniz: Eles estavam sempre: feliz com aquela coisa de confiar né, a relação muito boa

Lívia: [Nessa reunião no início do ano que teve com toda a equipe na/prá falar sobre os alunos com deficiência, a impressão que deu é que Saulo, o cuidador de Aquino, ele funcionava mais como essa pessoa articuladora dos professores, porque ele preparava, ele preparava material para todas as disciplinas né

(...)

Lívia: Ele era o MAIS assim, falou-se mais do trabalho dele, do que da pessoa do/da sala de multi recursos

Maria (supervisora): [É

Lívia: [[Porque ele/ele fazia isso que eu acho que a professora da sala de multi recursos devia fazer

Maria (supervisora): [É

Lívia: [[Mas ele fazia assim essa articulação né

Diniz: E engraçado que eu, teve uma vez um evento da/do pessoal de jornalismo, acho que só eu tava nesse dia, foi, o pessoal da televisão, os jornalista da: eu não sei o nome do povo, mas era dos jornais locais daqui

Lívia: [Sim

Diniz: [[Da band, da globo, da tv cabo branco, tambaú, essas coisas, e aí eles foram dar uma palestra, a/os alunos faziam perguntas e tudo, aí Saulo passou um tempo do meu lado, a gente passou um tempão junto, e ele conversava, anotava, tudo ele anotava, ele tinha um caderinho, eu observei ele anotava qualquer coisa, ele dizia assim “Vou fazer meu mestrado, doutorado”, tem uns planos assim sabe, e ele queria muito juntar essa experiência dele, especialmente com Aquino... pra um trabalho acadêmico futuro

(...)

Raine: Ele é muito dedicado, MUITO

Maria (supervisora): Todas as aulas eles anotava, aí me perguntava as questões que ele não conseguia, ele prepara as provas e mostra aos professores, aí a gente diz se tá tudo/ o que pode ser aplicado ou não e a pessoa que eu tava pensando que/que/que tá assim perto dos alunos, mas que não tem preparo são as coordenadoras, no caso do Rodrigo Mendes eles chamam de técnicas, são as técnicas, elas/elas tão perdidas, elas mesmas

dizem “A gente tá perdida”, não sabem o que fazer com fulaninho, eu acho que a/a, hoje em dia no Rodrigo Mendes tem duas pessoas da sala de recursos e eles chamaram uma psicóloga né

(...)

Maria (supervisora): Ela chegou agora em junho, já no final do primeiro semestre

(...)

Maria (supervisora): E aí eu acho que agora eles tão conseguindo organizar mais assim, pra/prá ajudar as/as técnicas sabe (...)

Diniz: Agora lá no Álvares de Azevedo eu soube que tem três psicólogas né, num são três? Uma no turno da manhã, outra de tarde, outra de noite ((risos)) mas assim eu não vejo trabalho nenhum (...)

(...)

/.../

Maria (bolsista): Realmente elas ficam ali naquela sala e não têm envolvimento nenhum com a escola, mas se tipo assim, você chegar perto dela e tiver alguma dificuldade e perguntar e/e:: elas parecem ser receptivas, eu sempre com Liane e

(...)

Maria (bolsista): E assim têm algumas que se você chegar e perguntar alguma coisa “Como é que vou lidar com esse comportamento?”, “O que eu eu posso fazer?”, ela senta com você, conversa tudo, dez minutos, quinze minutos, às vezes tem um livro, lhe indica, às vezes tem alguma coisa, agora assim ver o trabalho dela, REALMENTE, na escola, eu nunca vi

Diniz: É, o que eu percebo é que ela está no/ assim, eu não conheço, mas eu não conheço, acho que elas estão na/no ambiente de trabalho errado, porque isso é muito prática de clínica, de chegar entendeu?

(...)

Diniz: Mas pra escola o profissional tem que se comportar de outra maneira (...)

Márcia: [Volta na tecla da questão da sensibilidade

Diniz: É justamente isso

Márcia: Agora eu acho, voltando talvez a pergunta que tá na minha cabeça, que você tenha feito, uma delas é como é que a gente reage né, numa situação, como reagiu, pasmem porque essa semana é, as duas últimas semanas eu fui procurada por uma turma imensa de pnl, você sabe, você tá comigo ((olhando para um dos bolsistas pibid que está cursando a disciplina de pnl com ela)), e no finalzinho da aula eu tô sendo procurada

por uma aluna, que espera absolutamente todo mundo sair, nas duas vezes foi exata/ muito metódico, me chamou a atenção né, ela esperar TODO mundo sair, enquanto não saí o último né, sempre fica gente falando né (...) e aí ela chega de/ falando bem baixinho, ela tá aqui pertinho de mim, viu como é que encostei né? (...)

((risos))

(...)

Márcia: Então a:::/ Então a:::/ ela chega e da outra vez ela perguntou pra mim quando era que eu, eu ia entrar na parte das deficiências né, e aí falei (...) e aí depois ela perguntou outra coisa que eu esqueci, escapei, eu vou ter que anotar, diário de reflexão, aí teve o feriado, teve o feriado não, teve uma que não teve aula, semana passada na central de aulas, na/na semana/ ontem a mesma/ o MESMO procedimento, de chegar, falar baixinho e perguntou DE novo as deficiências, o meu primeiro im/impulso foi dizer “E eu não disse da outra vez?”, aí eu falei, PAREI, eu falei “Engraçado né”, é:: porque ela chega já faz esse movimento né ((inclinação do corpo para a frente, para saudação)) assim, uma posição de namastê, mas eu falei não, não posso dizer que é namastê

((risos))

(...)

Márcia: E aí ela sorri, fala baixinho e aí ontem ela fez a mesma pergunta, aí eu falei assim “Você/você tem algum interesse específico?”, aí ela já tava emendando, aí ela falou assim “Eu queria que você falasse de autismo” “Eu queria que você me avisasse com antecedência quando for falar de autismo”, corrigindo minha fala, “Deve ser pela décima aula tá, tá, tá” “Por alguma razão?”, mas eu perguntei assim meio, assim, aí ela falando assim, muito mansinho, MUITO baixi/ ela fala muito baixinho, e aí ela foi sentindo um pouco mais de confiança, sorrindo e acabou que ela falou assim, “Ah porque tem um filme tal, tal... você viu?”, e aí ela me contou a história do filme, não vou conseguir lembrar agora

(...)

Márcia: É um outro que... “É um menino japonês que tinha treze anos na época, era autista, ele conta da perspectiva do autista, tal, tal, aí eu queria saber se você já viu”, aí eu falei assim “Não, mas me dê o nome”, eu anotei, não lembro nome, depois eu vou dar uma olhada, mas vou usar esse da/ e aí foi falando o caso de outro e ela a:: sabe aquela conversa que quer, a pessoa sente que a pessoa quer falar mais alguma coisa, mas não diz, eu conversando aqui, mas tem outra coisa, tem isso, tem isso, daqui a

pouco ela fala “Porque eu acho que eu tenho na família casos de:”, eu tenho, acho não, “Eu tenho na minha família casos de transtornos de comportamento”, “Tem pessoas autistas na minha família e eu acho que eu tenho leve autismo”, fica aqui entre nós tá ((fala direcionada ao bolsista que cursa a disciplina com ela)), é porque eu não quero exatamente que seja identificada, eu não tô querendo comentar pra ela chegar e colocar essa situação... a primeira coisa que eu fiquei alegre, agora que eu lembrei de contar, primeiro é que eu não me apavorei, quando você falou “Eu fiquei apavorada” ((Olhando para uma das bolsistas)), “Lívia eu eu preciso de você!”, acho que eu falei umas três vezes pra Lívia, não sei se ela consegue recuperar isso “Lívia, eu tenho uma reunião, chegue lá, tô precisando” e dessa vez eu não me desesperei porque eu já ouvi falar daqui, todo mundo ali, eu sei que tem um monte de informação que pode chegar, e::, mas eu também fiz essa coisa assim, a primeira coisa que:, quando Ana falou eu me lembrei, é: eu não quero saber de diagnóstico, nem vou perguntar pra ela se tem diagnóstico ou não tem diagnóstico, eu quero observar NA sala se ela me dá algum indício de leve autismo, ela deve ter, ela pediu que eu passe material, porque ela quer identificar se ela tem ou se ela não tem, ou seja, por aí eu já conclui que ela não tem, mas eu achei muito legal ela chegar e falar

Lívia: [É porque eu já ia dizendo, porque eu já tive outra experiência né, assim, aqui também na universidade, que tive um aluno, que sei que é autismo porque eu já estudei, mas ele assim, não sabe, e assim, o maior PROBLEMA na turma né, os meninos (...)]

Rosy: Entendi

Larissa: Mas Rosy, só voltando uma coisa, os professores são tão despreparados e não têm a ajuda necessária que um professor convidou o orientador dele de mestrado, pra tá sexta feira, a manhã toda no Álvares de Azevedo, só pra falar sobre alunos com deficiência, realmente porque estamos precisamos de socorro não é (...)]

Lívia: [Vai ser quando?]

Larissa: Sexta feira, a manhã inteira /.../

Larissa: Mas realmente tá todo mundo precisando de socorro, eu não porque vocês já me socorrem, mas eu digo assim a necessidade realmente de/ os professores sentem com tantos alunos e sem ninguém pra ajudar, se sentem realmente perdidos em sala né, então assim buscar de uma pessoa que possa, pelo menos dar alguma indicação de como trabalhar

Márcia: [Porque não é um trabalho COM a língua inglesa]

Larissa: [[Não, não

Márcia: É um trabalho com a pessoa humana né (...) mas e a pessoa humana em todas as suas frentes num é (...)

Maria (bolsista): Porque só há uma evolução na questão da inclusão se houver isso, se não houver você vai ficar sempre trabalhando de formiguinha em formiguinha, você faz, você consegue chegar ao alvo, mas não com excelência se tivesse esse envolvimento, eu acredito muito nesse envolvimento da escola pra/prá que a coisa realmente aconteça e, de certa forma, a gente às vezes fica um pouquinho triste, porque::/se/ por não ter esse envolvimento, porque se tivesse é:: a gente poderia ver mais evolução, não que a gente não veja, vê, mas não numa esfera... maior

Márcia: [Mas é uma iniciativa de quem, de onde, oh Larissa?

Larissa: Iniciativa de um professor de matemática

Maria (bolsista): Já melhorou

Márcia: Já é um começo

(...)

Larissa: Não, é isso que eu tô dizendo porque assim, é muito difícil né, ele disse “Não, a gente tá precisando parar e chamar uma pessoa pra ajudar”

Márcia:[[Que bom, acho que é assim que começa

Larissa: Porque realmente tem que ser um profissional que possa dar alguma ajuda

Márcia: [Mas você vê que já veio de uma área que não é o inglês

Larissa: Não, de matemática

Márcia: Fantástico

Larissa: E ele só dá aula aos sextos e dois sétimos, imagina se fosse a escola toda num é, mas é a dificuldade realmente que agente tem, que todos têm de trabalhar, não é nem má vontade Márcia

Márcia: Não

Larissa: É realmente falta de/ não tem conhecimento, não tem formação na área, não sabe o que fazer, e nem tem tempo de procurar, porque a realidade, todo mundo trabalha dois ou três turnos né, então realmente cada aluno desse num é, demanda uma atenção muito grande

Márcia: Não, e na minha cabeça, a minha fala tinha haver com isso assim, é você fazer aulas cada vez mais inclusivas e às vezes/ uma coisa é quando você sabe né, quem é e como é que você faz isso, e por isso que eu tinha colocado naquela, antes deu sair do grupo, eu falei “Vamos fazer a coisa do museu, pra TODO mundo e não uma coisa separada”, porque no dia a dia a gente não vai poder fazer e eu tô me vendo nessa

situação com essa menina, SE ela tiver alguma coisa com autismo, eu tenho que fazer alguma coisa nas aulas né, nesse material, e olha que eu mudo metodologia pro um lado, pro outro, mas assim alguma coisa a MAIS eu vou ter que fazer, sobretudo com as fontes eu imagino também, por aí vai e as pessoas do/do relacionamento, porque eu coloco situações às vezes que ela tem que trabalhar em grupo, aí eu tenho que voltar pra questão do autismo, o que quer que seja, mas aí/ ou seja, eu tenho que pensar nessa metodologia

Lívia: É eu vejo assim, questões assim pouco exploradas ainda assim, que poderi/ não são difíceis, mas são pouco exploradas com relação a isso né, uma é a questão da/ aí por isso aquela questão da sensibilização dos alunos pra/ porque eles mesmos poderiam atuar como mediadores, que seria o ideal né, e a outra coisa seria esse investimento, porque muita gente me diz assim “Ah Álvares de Azevedo é referência” “O Rodrigo Mendes é referência em inclusão” né, aí o que que acontece, a gente vê muitos pais colocando os filhos que tem alguma necessidade especial lá, ou com deficiência, nessas escolas num é, e seria muito mais fácil pro governo investir nos profissionais dessas escolas né, pra eles, pelo menos eles, já que os alunos tão lá, desenvolver essas capacidades né, pra trabalhar com esses eles, assim eu vejo essas duas frentes, tanto o investimento na formação mesmo, como também assim, o próprio aluno, aí/aí a inclusão ocorreria, porque as escolas que são bem sucedidas, trabalha assim, o professor, o professor realmente ele/ele utiliza aquele espaço de aprendizagem, o próprio aluno, que seria o par mai/ o par mais elevado né, ela vai atuar como mediador

Márcia: E a trabalha o desenvolvimento humano daquelas pessoas que ali estão

Lívia: Também, estão aprendendo também (...)

(...)

Rosy: Pensando nisso que a professora falou como é que vocês veem o lugar da escola na educação da pessoa com deficiência? Antes era só na instituição especializada, agora tá na escola, como é que vocês veem o lugar da escola nesse processo?

Maria (bolsista): Pelas teorias que eu vejo assim, eu acho que foi um excelente passo, agora se/por exemplo, você pega um profissional, coloca em um local de trabalho, e aí você não diz a função que ele tem que exercer, você diz “Olha, você chega de sete horas, da tarde e você pode ficar como porteiro, se você achar um espaço nessa escola você trabalha”, o que acontece é o seguinte, se, esse espaço que fosse aberto, ele tivesse a questão por exemplo, a/a/abrisse um profissionalismo, uma pessoa especializada pra poder lidar com a situação é:: capa/ a questão de capacitação mesmo e/e/e... eu acredito

que seria o melhor espaço pra/pra esse aluno, porque ali é uma pequena sociedade, eu vejo ali a escola como uma pequena sociedade, são espaços minúsculos de referência pra sociedade por inteira, aquele aluno ele num vivi numa sociedade fora da escola, então o que acontece, quando aquele aluno na/na escola em contato com as pessoas que não têm deficiência, isso favorece a ele em vários aspectos, porque ne/nesse sentido de/de ver a escola como pequenos espaços sociais, você tendo uma pessoa que treine, por exemplo o porteiro a dar bom dia, a pessoa da biblioteca quando aquele aluno que é especial for procurar um livro, a ir lá, a ajudar, a tá perto, então assim, a secretaria, a parte da secretaria ali também, aquele pessoal... você treinar aquele pessoal também, como atender, pra compreender, pra sensibilizar, se você vai pra o nível dos professores, faz uma capacitação com os professores, SE houver essa situação de capacitar não só professores, mas TO-DA a escola, a gente chega a um patamar de inclusão que a gente realmente almeja e deseja, mas se, se coloca a inclusão na escola, como tá fazendo, a lei, aqui, o que vejo é o seguinte, a lei excelente, o Brasil tá, vamos dizer assim, nas leis, primeiro mundo, num precisa nem ser muito estudioso pra ver isso, você vê as leis aqui, ÓTIMA... MAS a execução dessas leis, a execução dessas leis é que é problemática, porque se eu coloco aquele aluno lá, mas eu não treino ninguém, eu coloco, insiro aquele aluno lá, mas eu num capacito porteiro, num capacito secretário, num capacito professor, num/num dou nenhum acesso pra que aquele aluno tenha essa inclusão, na verdade, o que acontece eu vejo mais uma situação que pra lei está acontecendo né, porque de certa forma você não pode impedir que o aluno entre na/na escola, mas também quais são as condições que você está oferecendo para que aquele aluno saia da escola com algum conhecimento pra vida, essa é a situação

Maria (supervisora): Ontem, nessa escola que eu tô, tem uma menina que ela é diagnosticada como bipolar e aí ela queria dançar, ontem foi a gincana, aí a primeira é: tarefa era dançar uma zumba, eles botaram lá o vídeo e a menina queria, porque queria dançar, só que a/a coordenadora não queria deixar que ela dançasse e a gente, os professores, “Vá, deixa ela dançar”, no final das contas ela foi, dançou lá do jeitinho dela, toda timidazinha assim, mas dançou, aí a professora fez “Vai, tira foto que isso é inclusão”, eu achei tão estranho assim essa frase assim, que eu digo, “Vamos mostrar” porque essa gincana é do projeto da gente pro décimo da gente, “Vamos mostrar que ela tá incluída aí”, aí eu “Caramba”, “Isso não é inclusão”, “Isso é ilusão” (...) enquanto que na sala de aula a menina é totalmente excluída assim, senta lá atrás, ela mesmo já disse “Eu não gosto dessa sala não, num gosto”, como Marcos falou aí da/da menina do

Álvares de Azevedo, “Eu num gosto não, vocês são todos chatos, vocês não querem saber de mim, num sei o que”

Larissa: Eu acho sabe Rosy, que os professores assim, todos os anos eles perguntam, na rede municipal, o que que a gente gostaria de ter como formação, TODO mundo sugere pra capacitar realmente a todo mundo né, pra ter efetivamente uma educação, pelo menos pra que o professor se sinta a vontade, com capacidade pra fazer alguma coisa, mas eu acho que é difícil até pra prefeitura esse tipo de coisa, porque nunca teve uma capacitação assim (...)

Lívia: Porque muitas vezes as capacitação ficam muito numa perspectiva teórica, tipo assim, “O que é tal deficiência?”, “Quais são as características?” né, mas/mas não entra nas questões metodológicas, de construção de material, de/de/de processos interativos, que é o que interessa pra gente, na hora do vamos ver, a gente quer saber o que fazer com aquele aluno, então assim, não chega nesse nível eu acho, ME parece né, pode ser até o/ mas não chega nesse nível, aí o professor diz que não foi capacitado, ele pode até ter algum conhecimento sobre as deficiências, mas assim... aquilo não quer dizer que ele sabe o que ele tem que fazer na aula com os alunos

(...)

Maria (bolsista): Outro dia na nossa reunião a gente tava até comentando com a professora Lívia que seria interessante, e a gente até pensou pra agora, pra outubro montar uma oficina pra que realmente mostrasse, por exemplo no auditório, como a gente faz essa adaptação, como ela surge, de que maneira organiza um/um/um currículo praquela aluno, pra essa deficiência, pra pelo menos é:: assim, num é que a gente é especialista, mas eu acredito que quando você parte dessa/ de você mostrar uma coisa que deu certo pra o outro, você o sensibiliza a tentar fazer, e aí ele também, mesmo que ele erre, mas ele vai procurar alguns... caminhos e a gente pode também levar dica de fonte, de tamanho, de/de/de imagens que a gente utilizou o que não deu certo, o que deu certo, não só o que foi bem sucedido, mas também o que foi mal sucedido, pra que essas situações eles possam ver... o que muita gente vê em todas as palestras, com exceção da de Rosy, que eu bato palmas, diferente das outras que eu tenho assistido, não levam material, você levou o seu material pedagógico, o que você utiliza, o que deu certo, o que deu errado, aquilo ali foi excelente e/mas, na maioria das vezes, por exemplo, se a gente passa só na parte teórica, a parte teórica você pode conseguir lendo livro, lendo sites, é:: lendo/ então tem coisas teóricas que você pode aprender sozinho, mas a prática em si é mais difícil, “Quem executou?”, “De que maneira executou?”, “Porque não

funcionou?”, essa parte é que tá faltando ainda a gente chegar lá, o pibid já caminhou em excelência na construção de/da/da questão da inclusão, mas ainda falta esse/essa partezinha pra que a gente

Aaron: [Acho que o que falta não é conhecimento assim, é sensibilidade

Maria (bolsista): [É verdade

Aaron: Porque assim, conhecimento você/ porque no início quando a gente se deparou com essa realidade né, então todo mundo teve que ir atrás de conhecimento né, e todo mundo se sensibilizou com aquilo dali, mas inúmeras outras pessoas talvez não se sensibilizem, então eu acho que consciência todo mundo tem, em determinado/prá determinado/ alguma pessoa é sensível a alguma coisa, então eu acho que talvez você se depara com alguma questão de/de uma pessoa com deficiência, então qual é a atitude que você tem que tomar, é: ontem eu tava na frente do prédio esperando o carro e de/desceu um/um cego (...) ficou três pessoas na calçada, eu e mais duas, e ninguém foi até ele assim, mas todo mundo ficou apreensivo assim, com aquele cuidado em ver a pessoa, aí a pessoa que tava dentro do carro com ele disse, “Vá mais pra esquerda”, e ele foi seguindo até entrar assim, ninguém tomou a atitude né, eu digo assim “Eu não vou porque eu já ouvi dizer que, eu tenho uma colega, Juliana, que ela disse que eles não gostam que ninguém vá até eles, se eles precisarem de ajuda, eles vão saber se tem alguém ali, eles pedem”, mas eu não sei o conhecimento que as outras pessoas tinham, mas assim, você nota que os três que estavam lá ficaram na tensão, em tomar cuidado com aquela pessoa, se ele for pra algum lugar ou pra se machucar, todo mundo ia, então eu acho assim que falta essa sensibilidade dentro da escola mesmo, de ser trabalhado, porque assim, como eu, eu me surpreendi na aula com Luiz, porque todos os alunos, até os mais bagunceiros, elogiaram Luiz, então quer dizer assim, então se aquilo fosse trabalhado, assim será que não motivava aquela, dele entender que aquele aluno precisa da/de ser tratado daquele jeito, como você trata qualquer outro, todo mundo tem conhecimento dessa necessidade, então eu acho que é sensibilidade MESMO... pra escola ser esse lugar de inclusão, porque infelizmente ainda não é, eu me impressiono mais com o caso de Petrúcio que falo, porque assim, no Álvares de Azevedo não as cadeiras ficam normal, mas no caso de Petrúcio era uma ilha assim, a cadeira dele era na frente, então ficava um CÍRCULO e ele, então quer dizer, o que impedia?, mas na hora do intervalo todos os alunos iam, então assim, eu percebo que falta um estímulo pra que talvez o porteiro entenda, falta um estímulo pra que ele entenda que ele tem da bom dia como ele dar para os outros alunos, que ele tem que fazer a mesma coisa, porque as

vezes as pessoas pensam que porque é deficiente, você vai tratar diferente, então eu acho que... a sensibilidade existe e precisa ser estimulada (...)

Maria (bolsista): Aaron, eu vou contar uma pequena experiência que eu tive aqui semestre passado com a prova de uma professora que eu fiquei assim encantada com prova, quase não terminava de/de fazer a prova mesmo, mas assim, é: a professora Mirian, ela fez uma prova que me chamou muito a atenção, logo no/no cabeçário da prova, os comandos, escreva, ligue, identifique, ela colocava em caixa alta, em negrito, diferenciado das outras/das outras palavras né, e aí eu digo “Isso é uma coisa boa que dá pra colocar nas nossas/nas nossas provas, nas nossas atividades”, aí eu fiquei tão curiosa que eu esperei todo mundo sair da sala pra poder conversar com a professora, aí eu disse “Professora, é:: posso lhe fazer uma pergunta”, ela disse “Faça Maria (bolsista)”, eu disse “Porque que a senhora coloca suas provas, assim é: quando você, o comando, identificar os comandos, escreva, ligue, identifique ela coloca em caixa alta e negrito”, ela disse “Maria (bolsista), porque eu já trabalhei com uma aluna que ela tinha deficiência e isso foi a própria aluna que disse pra mim que aquilo ajudava e aí se ajuda a uma deficiência, eu acho que também ajuda os outros e aí eu faço pra todo mundo”, eu digo “Excelente” e realmente assim, toda vez que pra eu “Eita, essa aqui vou ter que escrever, não essa aqui eu vou ter que identificar”, tinha aquela palavra que saltava no olho, “Identificar”, eu digo “Ah aqui é identificar”, então assim, coisas que realmente assim é engraçado, mais ao mesmo tempo foi legal, coisas que a gente pode pra pensar pra o nosso aluno que é especial, que vai ajudar, mas que também ajuda os outros, ne/nessa execução, na prova mesmo, até por exemplo, você dez horas ali lendo pra ver o que você ia fazer não, você já vai naquela palavra, você já vai lá ligeirinho, e aquilo ali eu achei legal e copiei né pras minhas atividades ((risos))

Larissa: Rosy eu lembrei de falar uma coisa que eu tô ficando meio velha e esqueci, a/a mãe de Rogério do sexto a, a falta de/ eu acho que a falta de, num sei, ela é tão desestimulada com a deficiência do filho, que ela não acredita que o filho seja capaz de crescer, sabe, ela não acredita na potencialidade do filho num é, e quando a gente falou um dos primeiros encontros que ele tinha conseguido pronunciar, num lembro se foi *good morning*, foi alguma coisa, ela ficou “Mas ele consegue falar isso?”, quer dizer assim, ela/ela não acredita no potencial que o filho tem, talvez não tenha nem/ é diferente das outras mães que a gente tem, a de Tito só falta matar o professor se ele não incluir Tito num é, a de Luiz já tá assim, ela vibra né, porque Luiz foi pros Estados Unidos, conseguiu pedir o que ele queria no cardápio em inglês, e falou lá, ela disse que

chorou de se acabar, que jamais pensou que ele pudesse falar uma palavra em inglês, mas tem mães também que eu acho que desistem num é, ou perdem a força de lutar tanto pra incluir o filho e eu acho que é o que acontece com a mãe de Rogério né, e aí é que é difícil né, é realmente complicado

(...)

Maria (bolsista): Aí é que eu tava dizendo a parte pedagógica né, da escola, pra suprir essa necessidade, por exemplo, se o professor, por exemplo, se chegasse com esse comentário pra parte pedagógica da escola, a parte da escola ia suprir essa necessidade que essa mãe tinha de/de conversar, de dialogar, de mostrar, de/de identificar os avanços que ele teve, então assim

[[(...)

Maria (bolsista): E por isso que eu digo assim, se a gente trabalha isoladamente, consegue sim avanços, mas também se se trabalha em grupo, essas situações... vai ser resolvida, aí tem o/o despreparo deles também, porque eles acostumaram e se adequaram a ver como seres invisíveis, essa é a realidade, e a gente tem essa função de tirar isso deles, essa/essa questão de/de/de... deles vê como seres invisível, por isso que vez em quando eu dou uma agulhada, de leve né, eu dou uma catucada na sala de recursos né Larissa, dou uma catucada lá nas psicólogas, de vez quando eu pergunto “E sobre as deficiências, como é que vocês trabalham?”, pra vê o que é que elas tem a dizer

Rosy: [[É por isso que Aaron disse, dar uma sensibilizada né Aaron

Aaron: Mas é uma questão humana mesmo assim

Maria (bolsista): [Mas, às vezes não tem essa sensibilidade

Aaron: Porque outra ocasião, quando a gente teve com Márcia no início né, teve um aluno super problemático que tava, mas assim, foi uma questão dela tirar o aluno da sala e conversar, que o aluno voltou diferente, talvez na outra aula ele voltasse do mesmo jeito que ele era, mas se outra pessoa, em outro momento tira ele e conversa, então assim, é uma coisa que você vai demorar um pouco, mas que uma hora vai entrar na cabeça da pessoa, então não adianta você chagar um dia, por exemplo, nesse dia “Hoje a gente vai fazer vai essa palestra”, o aluno ouviu aquilo ali, mas se perde, tem que ser uma coisa que é continuada mesmo, não só dentro da escola, porque a gente vem de algum lugar pra escola, por exemplo, você tá no ônibus, você vê, o pessoal chega e senta no lugar do idoso, tem outras cadeiras, sente em outro lugar, então assim, aquela pessoa que senta naquele lugar e que chega um idoso e ela não dá o lugar, quem garante que não é essa mesma pessoa que vai pra escola, ou que tem filho que vai pra escola né,

então assim, é uma coisa que vai repetir, então não adianta você dizer uma coisa só ali na escola, porque aquilo ali se perde, então é uma coisa assim

Rosy: [É, pra vocês, qual foi a maior contribuição dessa experiência com o aluno com deficiência?

Vinícius: O conhecimento e a prática Rosy, porque muitas vezes a gente fica só na/na teoria, como o pessoal falou aqui e: chegar lá e participar disso assim é: de frente sabe, foi muito... primeiramente pra mim foi muito é:: espantoso assim, frustrante, mas a gente, na prática a gente foi desconstruindo, então eu acho que (...) a contribuição assim nesse sentido da gente tá se construindo como profissional através do/do projeto

Maria (bolsista): [Eu acho que

Aaron: [[(...) Eu tô muito satisfeito que eu vou usar a mesma palavra, que Márcia disse assim, “No começo me surpreendia”, eu pensava “Imagina eu numa sala de aula com um aluno assim?”, “Vou ficar louco né”, hoje não né, talvez eu não conheça a deficiência do aluno, mas eu já sei que passo eu vou ter que tomar, então já não vou me espantar né, eu já tenho consciência, eu já tô um passo a frente, quando você, em qualquer escola, né os professores, “Ah não, a gente não tá preparado”, “A gente não foi preparado”, então assim, eu já não posso ter esse discurso né ((risos))

((risos))

Aaron: Já é grande coisa, já é um passo a frente, então eu vou saber sozinho o que eu tenho que fazer, então é uma escolha se eu vou fazer ou não

Maria (bolsista): [E a parte humana né que o projeto tem de acolher mesmo, de cuidar, a gente vê assim, quando a gente manda uma prova pra Lívia, ela tem aquele maior cuidado, de olhar, de observar, de/manda pra gente de volta, “Veja isso aqui, organize isso aqui, ajeite isso aqui, acho que não dá certo pra isso, vamos ver”, então assim, de procurar maneiras e isso... humaniza a gente, sensibiliza e o que acontece, aqui a gente tem várias sementinhas de professores que com certeza vai pra escola pública ou pra escola particular e que jamais vão ver um/uma pessoa que tem deficiência da mesma forma, vai ser uma pessoa que dentro da escola vai ter a possibilidade de servir como... é... como se fala, com esse trabalho de chegar e envolver e agarrar e brigar por/por/pela aquela situação, eu vejo assim, eu trabalho numa escola que eu tô lá temporária, tampando um buraco por lá, mas aí eu já consigo conversar com o pessoal e não tem nenhum trabalho lá com a questão da deficiência, eles recebem lá, mas também não fazem nada, e aí você pode dar sua contribuição, chegar lá e dizer “Olha, vamos tentar fazer alguma coisa, vamos fazer uma atividade pedagógica, vamos tentar colocar esse

aluno pra fazer uma peça teatral, dia de num sei de, dia do estudante, dia de sete de setembro, então vamos botar ele pra fazer alguma coisa, junta ele com outro aluno”, e aí quando junta dois, três e aí a coisa funciona, “Que tal professora a gente tentar fazer isso aí?”, mas se ninguém nunca faz isso na escola “Pra que quê serve isso?”, eu digo “Pra fazer inclusão né”, “Começa com a gente, professora se a gente for esperar um passo longo que TODOS façam, faça você, a sua parte”, então às vezes tem que partir da gente também, essa questão de/de partir da gente, e a gente TENTA, mesmo que não consiga, eu sei que não vou conseguir porque vou tá nessa escola por pouco tempo, dois, três meses talvez, mas o tempo que eu passei lá eu tentei fazer qualquer coisa, eu tentei conversar com professor, eu tentei conversar com pedagoga, eu tentei conversar com a secretária, eu tentei conversar com o porteiro, “Olha, quando aquele aluno passar dá bom dia a ele”, “Quando ele entrar, você diz, oi fulano, bom dia, tudo bom?, você tá bem?”, já, ele já, assim espe/ você vê, não sei se alguém já viu, os alunos da gente lá que são especiais, chegam “Oi professora bom dia”, têm/têm outros que chega, abraça, beija né, né Vinícius? Então assim, eles pararam com esse medo de/de ser invisível, de ser um/um/um/uma pessoa que não representa nada, eles são alguém, eles são especiais, eles podem falar, eles podem abraçar, eles podem beijar, eles podem estudar, eles têm deficiência mas eles podem se superar, então essa situação a gente vai levando pra cada espaço que a gente vai, até mesmo pra minha casa mesmo, converso com meu filho, “Olha, levanta, dê o lugar pra esse outro que tá precisando”, “Fulano, vamos na feira, pega essa sacola aqui, ajuda ali aquele menino”, então a gente vai fazendo a inclusão devagarzinho, entendesse? Mas a gente, eu vejo assim, a maior contribuição do projeto é formar sementes, a gente/ somos sementes que lá na frente vai prosperar, a universidade assim, tá MUITO distante da inclusão, mas o pibid começou e eu creio que através desse trabalho seu e de outros que vão provavelmente fazer suas teorias aqui dentro, lá na frente vão tá abrindo uma porta, quem sabe uma janela grande, pra que as coisas aconteçam de formas melhores, pra que se não meus filhos, mas meus netos e bisnetos tenham uma inclusão verdadeira, porque quando, a gente não pede pra ter filho especial, filho vem, então vem pra todo tipo de família e aí a gente vai ter pessoas mais capacitadas pra cuidar deles, não só dentro da nossa casa, mas fora dela, nas escolas, em outros espaços, se a gente começar a construir isso hoje, mas se a gente começar a ver como invisível, como invisível, vai continuar invisível e vai continuar nessa situação que a gente vê hoje e que é triste, é triste pra gente, se você vê a Paraíba é o maior número de deficiência, quem sabe, quem já estudou viu, o maior número de deficiência

tem aqui, do Brasil inteiro, tá na Paraíba, então essa situação pode ser modificada aqui, a universidade pode pensar maneiras de modificar essa situação, quando entrar esses alunos aqui mesmo fazendo esse trabalho

Rosy: [É acho que a gente tá caminhando

Maria (bolsista): [Devagarzinho mas tá caminhando /.../

Rosy: Aí, nessa questão, pensando na inclusão, eu quero que todo mundo participe, até os que estão muito calados, como Je, como Adriana que falou pouquinho tá, essa coisa mesmo da contribuição de todos

Scott: Eu particularmente, quando eu/ quando eu entrei na universidade eu não pensava a respeito dessas questões né, eu nem lembro se eu tive, durante o meu período educativo básico e durante o ensino médio é, alunos dentro da sala é, colegas de classe com deficiência, porque eu não prestava muito a atenção e quando eu me juntei ao pibid é:: faz pouco tempo, faz apenas quatro meses, essa perspectiva mudou e eu abri meus olhos pra questão da inclusão... e hoje em dia eu acredito que o humano e o profissional é:: esse/esse pouco tempo já contribuiu muito, eu já tenho uma perspectiva de SER profissional e HUMANO, diferenciada, eu hoje dia em dia, eu ENXERGO essas pessoas, realmente essa questão da invisibilidade ela existe e eu fui uma pessoa que tratava essas pessoas como seres que não existiam, que não faziam parte da sociedade e/e hoje em dia é/é isso mudou, eu as enxergo, as vejo, e hoje em dia eu tenho aquele desejo de trabalhar com eles, eu sei que o meu profissional e o meu humano, juntos, no futuro, de agora até o futuro, ele/ele vai conseguir enxergar essas pessoas, ajudar essas pessoas, e/é... eu vou conseguir fazer com que esse profissional, ele realmente se posicione a respeito dessa questão e trabalhe pra que a inclusão realmente exista, então o projeto contribuiu de forma gradativa, RADICAL, pra mim

Rosy: Je? Vou, acho que vou fazer assim agora ((apontando para que todos falem da sequência em que estão sentados))

Je: Bom, eu nunca tive experiência de ensino, quando eu cheguei no pibid, foram duas experiências, a parte de ensino e a parte de lidar com pessoas com deficiência, e como Scott falou, pra mim foi uma mudança drástica né, tipo, eu tenho pessoas deficientes na minha família e eu passei a enxergar eles de uma maneira completamente diferente, eu comecei a chegar, conversar, é... eu tenho um primo que ele sofre com deficiências múltiplas e/e o pai tipo dele, tipo, não sabe às vezes como lidar com ele e eu cheguei comecei a conversar com ele e tal, quando eu tô no ônibus que chega/ que sobe uma pessoa que é cadeirante e tal eu tento ajudar e tal, é:...muda, a experiência realmente

muda a personalidade da gente e/e eu acho que essa, a forma que eu vejo o que o pibid tem feito comigo entendeu, tem mudado o meu jeito de ver essas pessoas

Rosy: Hm, entendi, professora Larissa

/.../

Larissa: A minha experiência enquanto profissional com alunos com deficiência se deu na mesma, na mesma leva que o pibid chegou na, a/é difícil, é muito difícil, mas é uma experiência gratificante e assim, o que você vê, o que eu consigo vê, é assim, o quanto eles têm desenvolvido um trabalho bom, o quanto os meninos são carentes e precisam realmente do trabalho deles, até pra se sentirem mais visíveis realmente na escola né, Alan passa todo dia por mim, nunca tá em sala de aula, é um aluno que a gente tem do sétimo ano, faz “Professora linda e gostosa, deixa eu dar um xêru”, então porque assim, sente que a gente dar um pouco de, acho que é isso, um pouco de atenção, acho que eles, num sei, acho que em inglês eles são

Lívia: [No dia da prova ele levou o número do celular dele e saiu distribuindo pra todo mundo

((risos))

Lívia: Ele disse “É pra senhora ligar pra mim” ((risos))

(...)

Larissa: [Não, ele me deu, todo dia na minha aula, ele vai na sala me da o número do celular dele, pra mim ligar pra ele, eu tô pensando de repente em fazer mesmo uma ligação né, então é/é o lado mais humano realmente né, o/o/não que eu não acho que eles não eram invisíveis, pra mim não, eu realmente não tinha, não tinha essa/esse conhecimento de como chegar, do que fazer né, porque assim, quando você chega perto de um, os trinta e nove, os quarenta viram a sua sala, então é um/um, é muito difícil isso né, então/é, outra coisa, aprender a lidar com tanta situação que realmente a gente não sente, então, como o barulho afeta, como vários não querem ficar na sala porque tem barulho né, e como incomoda, como isso é difícil pra/prá gente, eu acho assim, aprendizado, eu tô assim, começando realmente sabe, mas (...) eu acho que é aprender realmente a chegar perto né, se o pibid for embora, alguma luzinha, alguma coisa PRÁTICA, eu sei fazer, porque eles fazem e passam pra mim né, eu não, não faço nada pra eles, é tudo o inverso, eles fazem todo o trabalho

Lívia: [Não

Larissa: Verdade Lívia, vocês fazem todo o trabalho, não, vamos ser sincera né,

Lívia: Não, você também ajuda demais

Larissa: Não, ajudar, mas porque assim, Livia pesquisou, falou com os meninos, preparar material, tá entendendo, então... eu já sei pronto, se eles deixarem um dia de não mais adaptar uma prova, eu já sei como fazer a prova adaptada, mas porque? Porque veio essa experiência pra mim, eu não fui, entendeu? Então pra mim é muito gratificante, então agora o que é que eles estão fazendo? Pegam a minha prova e adaptam né, não tô fazendo nenhuma prova tão diferente pra eles né, então assim, eu consigo, se ficar sem ajudar, fazer isso, mas assim, um enriquecimento profissional muito grande né, pra mim uma experiência assim muito válida, e engrandecedora né e desafiadora, continua sendo um desafio enorme, cada dia, com cada um deles é um desafio, cada situação que a gente passa né, a gente não pensa que vai passar né, mas um desafio

Rosy: Adriana

Adriana: (...) Assim, quando eu entrei logo no pibid, pra mim também foi um choque, porque eu tenho algumas colegas de Guarabira que fazem parte do pibid e tal, quando eu vim pra cá, eu fui conversar com elas, pra saber como era o pibid e tal, só que é outra realidade diferente do pibid daqui né, então quando eu cheguei aqui, aí na primeira reunião a professora Livia “Não, a gente vai trabalhar com crianças com necessidades especiais” e começou a citar algumas deficiências e eu “Meu Deus e agora” ((risos)) ((risos))

Adriana: Eu entrei logo em desespero porque já tinha Diniz, Ana, Aaron, ou seja, eles já pegaram o bonde andando né, não, aliás, foi eu, Scott, Vinícius, a gente já pegou o bonde andando, e eu “Meu Deus e agora?”, mas aí eu tive/eu tenho um aluno no sétimo ano que tem deficiência mental, só que até então esse aluno, não só por mim, mas por todos os outros professores, ele era visto como mais trabalho em sala tipo, tipo assim o menino do nada ficava batendo palma na sala, tipo assim, ficava gritando dentro da sala, e tipo assim, pra gente era visto como mais trabalho, e nunca ninguém chegou “Não, olha você tem que conversar com ele e tal”, tipo, o menino chega senta lá de uma hora, até às cinco horas da tarde e ninguém vai lá falar com essa criança, aí, quando eu entrei no projeto, eu já passei a ver essa criança com outros olhos, e também eu fui falando com a professora de português que é minha amiga, com o meu/ com o professor de matemática que é meu irmão, aí a gente foi tentando certo, vamos dizer, fazer algo pra somar na vida daquela criança, é:: a professora Larissa sabe, tem dias que eu chego lá no Álvares de Azevedo, meu DEUS do céu, MORTA, porque eu moro em Guarabira, são duas horas de/ duas horas de viagem e ainda tem que vir pra cá, pra ir pro Bessa,

quando eu chego lá no Bessa é praticamente, é quase nove horas, ou seja, eu saio de cinco horas da manhã, chego de nove no Bessa, então eu chego já totalmente exausta, lembrando que eu saio daqui de meia noite, aliás, de dez e vinte, chego de meia noite em casa, então tem dias que eu chego lá no Álvares de Azevedo exausta, mas é só você entrar pelo portão, que parece que esvazia tudo, é muito gratificante você olhar, você olhar realmente pra Diego, pra Sueli, pra Joana, realmente e vê o quanto que eles estão super empolgados, é: Sueli falou pra mim uma vez que, falou assim que/queria que tivesse um bolsista pra cada disciplina, porque sente essa necessidade, quando chega na quinta feira ela fica na maior euforia, tem até, foi Liane num foi professora que falou? “Sueli sumiu num foi”, foi quinta feira né, “Sueli sumiu num sei o que”, aí a:: Liane falou “É, realmente Sueli só fica dentro da sala quando tem algum bolsista com ela, quando não tem ela some né, porque ninguém liga pra ela, ninguém da atenção, ninguém fica com ela fazendo a tarefa”, e é realmente isso, quando tá nas aulas da professora Larissa, Sueli tá na sala, quando não tá, Sueli some, porque também ninguém liga pra ela, segundo ela, então assim é um conhecimento que a gente vai levar pra vida toda como... Aaron falou, quando a gente se deparar com/com crianças com deficiências, não vai ser mais esse impacto, não vai ser mais esse choque porque a gente vai saber de certa forma como trabalhar, e se não souber, a gente vai procurar porque a gente já tem uma base, já tem uma linha de pensamento com isso né, diferentemente dos outros professores, porque realmente quando você não tem, eu digo por mim mesma, quando você não tem, sua visão é totalmente outra, sua visão é de mais trabalho, que o aluno tá ali como mais trabalho, infelizmente, não porque você queira, mas você tá dentro de uma sala com quarenta alunos, quarenta e cinco alunos e aí você não vai ter como parar uma é:/ ficar vamos dizer ficar dez, quinze, vinte minutos com aquele aluno, com a sala toda, vamos dizer, se destruindo né, porque se você sentar só do lado dele, isso realmente vai acontecer, quando você trabalha com crianças de sexto ao nono ano, você sabe realmente como é isso e o quanto é difícil, então realmente é... vamos dizer, eu graças a Deus estou gostando muito do projeto e também tô crescendo muito, não só profissionalmente, mas também humanamente como Maria (bolsista) falou, porque a gente já tá, já tá vendo já essas crianças com outra visão, e assim né, a gente sabe que não vai parar, a gente sempre/ a gente que trabalha, a gente que é professor, a gente sabe disso, que sempre vai ter alguma criança, sempre vai ter algum aluno com alguma necessidade e a gente tem vamos dizer... a obrigação de saber como trabalhar com aquela criança, porque É uma vida cara, é uma pessoa ali, e a gente não pode isolar, não

pode excluir, não pode ver de outra forma, como alguns professores, digamos a maioria dos professores ainda estão vendo assim

Rosy: Vinícius, a maior contribuição?

Vinícius: Rosy (...) a maior contribuição tem sido pro/pa/pra o profissional mesmo assim num sabe, na formação docente, porque essa questão humanista, de certa forma assim, eu sempre trouxe comigo né, eu sempre é: olhei pra pessoa com deficiência, seja lá qual fosse, com/com respeito, porque respeito é pra todos né, pras pessoas com deficiência e sem deficiência, mas assim, mais pra essa questão de preparo mesmo, porque é difícil lidar com esse tipo de aluno sabe, então quando você chega, você fica assustado, eu ainda me sinto despreparado de certa forma, mas eu tô crescendo, a gente tem os planejamentos de aula, tem os *feed/* tem o *feedback* da/da professora Lívia, dos/dos colegas da gente também, então assim a gente tá sempre se construindo, então eu acho que a maior contribuição é sempre pra esse lado, no meu caso, o lado profissional, pra minha construção como professor

Rosy: Certo

Ana: Então, é: eu acho que um pouco do que Vinícius falou, eu tenho esse perfil de respeitar e blá blá blá já, pessoal mesmo, só que eu acho que quando você tem o contato com a pessoa com deficiência algumas coisas que pra você eram simples, passam a ter diferença, então, por exemplo, eu estudei com Juliana, deficiente visual, e aí coisas bem simples, por exemplo, você passa, você vê um portão aberto, você pensa “Ê”, por exemplo, você passa num/num, quando Márcia tava com o gesso, então por exemplo, tem um tapete lá e o tapete não é problema nenhum pra gente antes, aí “Eita lá lá vai Márcia com o gesso”, com aquele negócio, como é nome?

Márcia: Moleta

Ana: A moleta, “Meu Deus vai cair” ((som representando o tapete enganchando na moleta)), vai virando tudo assim no caminho e assim, e aí por exemplo você passa na rua e você vê um buraco, aí você “Uma pessoa cega, uma pessoa com deficiência não tem como passar aqui”, você tem essa questão também, mas eu acho que, vou fazer meio que um paralelo universidade e::: ... enfim, é: ... a questão da escola como Maria (supervisora) falou, eu já estudei no ensino médio, dois anos do ensino médio com alunos com surdez e eu/eu me incomodava muito porque de todos os professores que eu passei, nesses três anos, só uma professora de português se importava de fato com eles, o resto ele era invisível pra todo mundo, é::: já eu como professora, quando eu entrei no curso, eu não/eu não tinha expectativas assim que disciplinas eu ia estudar, o que que eu

ia aprender no curso, não tinha exatamente essa expectativa, mas assim, em algum momento começou a fazer falta não ter nada sobre deficiência, nada, tipo assim, você vê alguma coisa na LDB, você vê alguma coisa na/em uma cadeira optativa que você vai atrás, de educação especial, mas não é o suficiente, se eu não tivesse passado pelo pibid como citei no/no negocinho lá ((questionário desta pesquisa)), eu não teria tido essa oportunidade, na verdade não só no pibid, no fundamental né, porque no ensino médio a gente não tinha exatamente isso, e aí no ensino fundamental foi quando a gente de fato se deparou com a questão, então a gente teve as discussões na sala de au/ nas reuniões, mas não só as discussões, eu acho que o MAIS importante foi de fato esse contato direto com os alunos, enfim, eu acho que isso foi, contribuiu muito, porque agora o susto que eu tive com Petrócio, por exemplo, quando eu não sabia exatamente como fazer, eu acho que agora eu enxergo a pessoa como pessoa, independente da deficiência dela, independente do que as pessoas falam dela, e eu tento ãm... ver aquela pessoa, o que ela consegue fazer e tentar explorar o máximo dela e enfim, eu vou parar porque se não eu vou começar a chorar ((emocionada))

Rosy: ((sorriso)) Tá bom

Maria (supervisora): É: ai, eu vou falar tudo que todo mundo falou já, como Larissa falou hoje eu sei fazer, adaptar um atividade pra eles, eu sei onde buscar, eu sei o perfil de algumas pessoas com deficiência, é:: eu consigo ver, eu também já respeitava antes, mas eu tinha receio de chegar perto, de/de me/ de me relacionar, porque eu não sabia se/se tava incomodando, se ia despertar alguma coisa, uma agressividade, em alguma pessoa com deficiência, principalmente *down* que quando eu era pequena, não sei, em algum tempo no meu passado, eu acho que eu tive algum colega, eu não me lembro realmente, mas que era muito agressivo, aí o pessoal dizia “Não, quem é com *down* é agressivo”, aí eu acho que ficou isso na minha cabeça, num sei, e aí sempre eu tive assim esse receio de chegar perto, mas eu também tinha/assim/era assim/ era receptiva se chegasse e aprendi a/a/a fazer como Ana, a olhar, ver até onde eles conseguem ir, o que eles conseguem fazer, então, eu acho que resumindo é um aprendizado, a maior contribuição é conhecimento assim, ter o aprendizado e saber o que fazer, não ficar mais assustada e louca e descabelada, como eu fiquei no começo

Diniz: Bom, eu tenho dois casos na minha família né, assim, próximo a mim, é:: então eu cresci, tenho uma tia que tem deficiência mental, então eu cresci vendo aquilo, pra mim sempre foi normal, eu nunca pensei “Ah é diferente”, então, mas assim, é outro contexto, porque é na sua vida pessoal, agora quando você entra no contexto de escola,

você tá como futura professora num é, então... muda um pouco, mas assim, é mais essa questão de como lidar, como preparar material, como se portar como professora né, com aquele aluno, porque na sua vida pessoal é diferente né, é mais relações né, não de ensino, relações interpessoais, então... o pibid veio muito pra isso, pra mim/ meio que me capacitar né, pra eu me tornar apta pra saber lidar nesse contexto de ensino, mas assim, com relação a/a pessoa em si, em relação lá fora, então eu nunca tive problema, porque eu já tenho dois/dois casos muito próximos, então... eu tô aprendendo... basicamente isso, eu/eu não tive contato direto ainda, com nenhum aluno com deficiência, como os meninos estão relatando, a trabalhei com Aquino, com Luiz, com Petrucio, enfim, eu não tive esse contato ainda, mas eu tô meio que nos bastidores, engraçado que essa/esse/esse clima de inclusão ele contamina a todos né, a gente tá aqui, eu particularmente não trabalhei diretamente, mas é como se eu tivesse trabalhado, porque o que eu tenho aprendido

Lívia: (...)

Diniz: Exatamente, assim, não tô no contato direto num é, mas essa/essa troca, essa/essa, fazendo parte né da elaboração de provas, de aulas né, sempre pensando no aluno especial, então... isso tem contribuído MUITO, inclusive quando eu fazia psicologia a gente paga uma cadeira de inclusão social, mas sabe aquela coisa muito, não/não é, é diferente, engraçado, aqui no pibid eu tô aprendendo muito mais, porque o que a gente via lá era muito por fora, lá as pessoas estavam mais focadas, na/na/não pensando nessa relação de... escola mesmo, era mais em relação do/do social e do pessoal, então a gente, é/é/é como seu eu tivesse vendo essas mesmas deficiências em outro contexto, entendeu, então é totalmente diferente, MUITO diferente, então, mas assim, essa questão do/ de lidar com pessoas, porque pra mim pode ser aluno ou seja o que for né, com pessoas, então sempre me acompanhou, num tem esse, mas o pibid veio, realmente, só a somar

Rosy: Professora

Lívia: Eu acho assim que como eu já falei né, a minha motivação foi pessoal, mas até li isso num texto ontem, achei bem interessante, que o contato com a multiplicidade de identidades acaba sempre transformando a gente de formas surpreendentes, porque você se depara com pessoas que você nunca pensou que fosse existir daquele jeito, então sempre tem um jeito novo de ser, que era o que a minha colega dizia ontem no texto e eu acho que é isso mesmo, a gente como professor, a gente sempre encontra novas formas de ser né, e assim, novas formas de ser, tanto desconhecidas pra mim (...) porque

assim, meu filho, ele tem um certo tipo de deficiência, mas os que eu trabalhei são completamente diferentes, então muitas eu não conhecia, tive que estudar, e como Larissa disse tô começando a conhecer essas deficiências e eu acho que também assim, aprender a ler a prática através de uma mediação, porque na verdade, muitas das vezes eu não estava diretamente com esse alunos, os meus bolsistas estavam, eu não estava né, então assim, eu tinha que interpretar o que eles diziam pra mim, o que eles vivenciaram na escola, então o meu papel de formador, foi bem nesse sentido assim de tentar interpretar o mais fielmente possível pra poder dar a eles a resposta que eles me perguntavam né, e que muitas vezes eu não tinha essa vivência prática pra então, essa/esse exercício de escuta e de interpretação, isso foi bem interessante pra mim, escutar o que era que eles estavam vivenciando, o que eles precisavam e procurar, buscar respostas, construir com eles as respostas, pra solucionar aquele dilema, aquela né, então esse exercício foi uma coisa muito boa pra mim, e assim, ajudou a minha própria, o meu próprio crescimento, porque assim, apesar de ser (...), mas eu também sou professora do meu filho, então esse próprio exercício de se tornar uma melhor professora pro meu filho, também melhorou bastante, aprendi através dessa vivência profissional, mas acabou me ensinando também muita coisa pessoal

Rosy: E nessa, nessa, antes de passar pra/pra você, nessa questão de como formadora, como influenciou nas outras disciplinas, não só com os meninos que fazem parte do projeto

Lívia: Sim, porque assim, é::: até mesmo o estágio supervisionado, mesmo eu tendo um filho com deficiência, eu não dava tanta importância a abordar esse tema né, como hoje eu dou né, a/a de alguma forma incluir esse tema nas minhas disciplinas, e de uma forma assim mais, é::... prática mesmo né, que ofereça aos alunos uma possibilidade de então sempre pensar na questão de flexibilização daquela atividade que tá sendo proposta, pra determinado tipo de deficiência né, então eu acho assim isso importante, essa coisa de pensar na centralidade que isso tem adquirido, que isso tem tomado né, na prática do professor nos últimos tempos, por causa da inclusão né, que também deve adquirir uma centralidade no processo de formação, que é o que a gente faz aqui

Julia: Pra mim essa experiência que eu tive com os deficientes contribuiu de duas formas, a primeira foi profissional, e a segunda foi pessoal, profissional porque eu aprendi a adaptar exercícios pra ele e foi justamente por causa dessa adaptação que eu trouxe/que eu trouxe/ que fui pro meu tcc sobre multimodalidade, agora eu trabalhei muito mais com imagem porque dessa forma eu consegui incluir mais o aluno

deficiente, mas também não só ele, como também os outros na sala de aula, e eu acho que isso foi uma forma muito/muito importante pra eu crescer profissionalmente e pessoal/pessoalmente né, porque quando eu comecei eu não me sentia, eu não sabia se eu ia conseguir trabalhar com crianças deficientes, principalmente crianças né, que é bem mais complicado, eu acho... e::: eu/eu costumo comparar com um bebê eles, porque a gente tem que ter uma sensibilidade, tem ser mais sensível, e eles tão depen/dependendo da gente ali, eu a gente como professor tem um papel fundamental, mas também não só como professor, porque o professor também é pai, mãe, então acho que isso contribui pra nossa vida (...)

Marcos: Então pessoal (...) como se o projeto quase lhe forçasse, lhe impele a ser um professor pesquisador né, porque você tem que tá sempre lá, o que é que você tem que fazer ali, aí de repente você elabora uma avaliação, você vê que quase nada deu certo ((risos))

((risos))

Marcos: De repente “Poxa a vida, tem refazer tudo de novo”, ou seja, você tá lá pesquisando, de alguma forma você tem que melhor né e tal e também assim ressaltar, gostaria muito de ressaltar também a questão do processo de que você se torna uma pessoa muito mais responsável, é como se fosse mais é:: denunciador realmente o quanto aquela pessoa ela precisa de você pra desenvolver as habilidades... e aí você desenvolve sua responsabilidade, sua afetividade, maturidade, enfim, muitos/vários fatores, você acaba descobrindo que não é só profissional, mas sempre entra no pessoal também

Rosy: Márcia... acho que você foi uma das primeiras a falar ((para Maria (bolsista) que estava na sequencia, mas já havia falado sobre a contribuição da experiência))

Márcia: Eu, contribuição, bem eu fico nos bastidores, eu acho, mas é interessante esses bastidores né, é::: porque eu vou acompanhando um pouquinho de longe, mas um de longe que eu acho que é sempre meio perto, e de que forma né, eu acho que uma delas que eu pontuaria, eu sou uma pessoa de ação, eu vejo uma situação e enquanto eu não faço alguma coisa eu não sossego né, então eu vejo a/a/a Lívia agindo na linha de frente né, com/com essa orientação que eu vou percebendo né, pelos bastidores, que vai, que volta, que mexe, que adapta, e::/ mas é muito cômoda minha posição, então quando eu me vi numa possibilidade de entrar na situação dela eu falei assim “Socorro”, foi a primeira coisa né, e é sempre assim, ela tem experiência eu não tenho experiência, então ela que vai na linha de frente

Lívia: Não, mas eu tinha experiência com um tipo de deficiência

Márcia: Eu sei, um tipo, mas era a minha visão, então assim, mudou significativamente assim, de cada caso é um caso, que é uma sensibilidade que eu já tenho com o humano, e que cada pessoa é uma pessoa, eu sempre acho que todos nós temos necessidades especiais, essa questão da deficiência pra mim nunca foi invisível, mas também nunca me aproximei, nunca tive/ mas também acho que tudo na vida da gente é assim, no momento que tem que acontecer, então, de repente surge uma situação dessa e/e aí eu começo a ver coisas como é que vão/vão caminhando, então me chama a atenção porque hoje de novo eu tava vendo um texto, eu tava lá na Suécia em dois mil e sete, e eu resolvi trazer dois mil e cinco, eu trago, aquele material que eu trouxe apostilhado, vai que um dia eu posso precisar, e era sobre deficiências, uma coisa muito prática, características e como trabalhar, coisas assim, comecei a imaginar, vou levar porque qualquer hora apreço alguém, o que aconteceu é que lá na Suécia eu VIA as deficiências na escola, aqui no Brasil parece que tava tudo dentro do armário né, e que de repente surge na escola, então, mas eu sempre tive essa coisa assim de/de/de me preparar para situações inusitadas ou inesperadas, então isso já é meu e/e com a situação do pibid, eu acho que me chamou a atenção pra dar mais valor pra disciplina de neurociências, que em dois mil e onze, quando eu dei pela primeira vez, eu/eu passei assim pela questão da dislexia porque eu achei que tava mais próximo, neurolinguística, então pra mim não era uma coisa tão distante, então agora veio uma outra sensibilidade, então cada vez que eu falo de funcionamento do cérebro, eu começo a pensar como é que é o cérebro dessa outra pessoa e aí eu vou procurar a experiência das pessoas que tem na minha cabeça, tem aqui e tem na funad né, então fui pedir pro pessoal da funad pra vir, foi quando você veio, então assim é muito recente, porque eu voltei pra disciplina agora, então assim de dois mil e onze até dois mil e quinze, eu tava fora da disciplina, completamente, não tinha nem a chance de chegar por perto né, então eu acho que essas coisas que/que vão, se casando, eu acho que nada é a toa, então tem um trabalho a ser feito, e aí eu vou mobilizando ações, agora com a fala da Maria (bolsista), eu já tô parada aqui maquinando o que é, eu tenho um projeto do que é como se faz, que é o da linguística né, e pra mim o que tá faltando é isso mesmo, é/é o que a gente já tem aqui, pontua, tal, tal tal, as características, e como é que se trabalha? Mas não como “Ah, é/é um manual de receitas”, mas a experiência de como foi feito, porque eu acho que tem que socializar mesmo, é assim que é a construção de conhecimento

(...)

Lívia: [A gente vai começar, que eu ia falar, a gente já vai começar dia dezenove de setembro, o efopli né

Márcia: [Pronto, e eu acho que são essas ações assim que precisam ser feitas

Lívia: [[a gente tá com uma oficina numa linha assim de compartilhar a experiência da gente no/no projeto

Márcia: [Que eu acho que é isso que dá visibilidade mesmo né, e vai dando visibilidade, então eu acho que as contribuições pra mim são, TRAZER pra mais perto e pegar um perfil meu que é de ação, de fazer, então acho que é esse o primeiro, segundo desmistificar, eu já desmistifiquei e agora eu quero ver a situação, como eu agiria numa situação, e o/essa semana foi bem legal, como também na semana que tava lá em dois mil e quatorze quando eu me deparei na sala do Marcos, lá no André Varella, e ajudando na questão da propaganda, anúncio de emprego, sei lá o que, e daqui a pouco tinham dois meninos cegos na minha frente... e que Marcos falou que tavam completamente invisíveis né, e aquilo tava incomodando, incomodando e eu não sabia que eu tinha entrado exatamente na sala deles, e daqui a pouco ninguém conseguia incluir porque, aí eu entendo perfeitamente o que vocês falam porque é uma turma imensa, um barulho imenso, e daqui a pouco, tinha os dois meninos aqui e tinha um ajudando, aí eu falei “Opa” (...) e aí eu me, tudo bem, lá vou eu trabalhar de anúncios de/de/de produto, e daqui a pouco no meio da história eu pergunto “E a cor do produto?” ((risos)) Então são/ é sensibilidade mesmo, a sensibilidade eu tenho, vontade eu tenho, eu pego vou tentando fazer, e levo muito boa, eu dou risada dos erros que eu faço né, eu não tenho essa crise nem nada e aí, começa a se mexer, o Marcos me leva pra pensar sobre isso lá em dois mil e quatorze né, e a Lívia com Thiago... e o Marcos... o Dennis foi lá, eu falei não “Vá buscar informações lá no Instituto dos Cegos”, aí saiu o/o/o, já tinha ido lá no efopli com/com a Teresa

Rosy: [Efopli?

Márcia: Efopli não, o que vocês montaram lá em dois mil e quinze

Rosy: Ah o sefoplei

Márcia: É, parecido né, então assim essas coisas que vão surgindo, comecei a ler o livro de Teresa, então essas coisas que vão acontecendo

Rosy: Tá pessoal, é:, dado o tempo eu não vou continuar as minhas perguntas, mas assim, vocês teriam alguma coisa mais a acrescentar que vocês gostariam de dizer

Maria (bolsista): Eu gostaria sim que se houvesse a possibilidade, a universidade pensasse já em colocar uma cadeira pra que, sei que seis meses, eu vou ser bem sincera, não é o suficiente pra aprender o que a gente aprende em dois anos

[(...)]

Maria (bolsista): O que eu continuo aprendendo, que todos os dias eu aprendo mais um pouquinho, mas esses seis meses pra quem não tem visão nenhuma já vai melhorar bastante

Aaron: [Mas tem uma disciplina

Lívia: [Só a título de informe eu tive uma reunião sobre o PPC, semana passada e a gente precisa incluir duas disciplinas obrigatórias da área da educação né,

[(...)]

Lívia: E uma das que a professora Náthaly sugeriu e eu também, foi a de educação especial

Maria (bolsista): Ô glória

Aaron: Mas não tem essa disciplina? Não é obrigatória né?

Maria (bolsista): Não é obrigatória

(...)

Lívia: Mas agora vai passar a ser obrigatória

(...)

Maria (bolsista): Porque de certa forma Rosy, por exemplo, se você tem um professor lá que ele diz assim o, “Pense em trabalhar com esse tipo de deficiência”, “Vamos formar um/uma micro aula, pra esse aluno específico”, e divide vinte, trinta turmas e aí você vai pensar numa aula, um mostra, outro mostra, outro mostra e isso aí em seis meses, você vai conseguindo ter outra visão, você não vai chegar, se deparar com aquele e dizer “Meu Deus e agora o que é que eu faço?”, eu olhava praquele aluno assim, eu botava a mão na cabeça e dizia “Eu não sei trabalhar”, “O que é que eu vim fazer de verdade nessa escola, se eu não sei fazer nada aqui”, então muitas vezes eu entrei em desespero, o bom é assim que quando eu entro em desespero eu vou atrás de solução, mas eu não queria que os meus colegas que estivessem entrando na universidade se desesperassem tanto, eu já gostaria que eles tivessem algum caminhozinho, uma luzinha, qualquer coisinha lá que ajudasse né

Márcia: (...)

Maria (bolsista): A universidade já vai colocar uma cadeira, então aí já tem uma chance de

Márcia: Mas aí tem os tccs, oito tccs aí sobre deficiência

Maria (bolsista): E isso foi uma maravilha, se você for olhar o pibid contribuiu assim de forma a da outra visão, vários tccs saiu, várias visões já estão tendo dentro da universidade, então assim, já vai colocar uma cadeira específica pra letras inglês trabalhar com isso, já é uma maravilha, entendesse? Já é um avanço grande, sabe que eu sinto assim, meu trabalho foi... executado com excelência, porque, pode/não serviu pra mim como graduanda, como estudante, mas vai servir pra outros que vão entrar e vão ter outra visão, e isso vai melhorar bastante, até a parte humana, porque as necessidades especiais, ela ajuda no HUMANO, e quando a gente se torna MAIS humano, a gente se torna mais sensível, e a nossa sensibilidade faz com que a gente seja um profissional melhor, que vala a pena

Rosy: Então gente, obrigada tá, a gente estendeu um pouquinho, considera a relevância que a gente começou atrasado também tá ((risos))

/.../

Rosy: Não, não, sem problemas, então obrigada por esse momento, acho que foi... riquíssimo, não é só um momento de pesquisa, mas é um momento da gente aprender né, porque eu acho que aprendi muito agora com vocês, muito mesmo, escutando, venho acompanhando no/nas reuniões do pibid, fui na escola, mas assim, esse é um momento realmente muito rico de poder escutar todos vocês falando dessa mesma experiência, então obrigada por vocês terem disponibilizado tempo para estarem aqui hoje, todo mundo tá, e como eu falei pra vocês, é:: tem um cafezinho, um lanchinho, se quiserem comer

Lívia: [Mas eu acho também assim que pra gente esse exercício é muito bom, a gente não teve essa oportunidade de escutar todo mundo, é a primeira vez

(...)

Rosy: Então falem dessa oportunidade

Maria (bolsista): Sentar com uma estudiosa né

Márcia: É a primeira vez assim

Rosy: O que quê vocês acharam desse momento?

Márcia: É muito legal né, porque você veja é:: todo mundo vai tendo uma experiência aqui, ali, acolá, é uma forma de organizar eu acho que é primeira questão né

(...)

Márcia: Não, enquanto falava, eu quase que ia olhar pra Lívia, eu falei “Não”, se eu ia chamar a atenção, era que tava falando, era a Adriana né, Adriana?

Adriana: Adriana

Lívia: [[Adriana

Scott: [[Adriana

Márcia: Adriana, não ela pode achar que eu tô, o olhar pode se referir a alguma coisa, mas na horas das contribuições, eu digo tá aí, outro trabalho pra ser escrito, mostrando essas contribuições

Lívia: Aaron tá fazendo

Maria (bolsista): Aaron tá fazendo o tcc dele sobre as contribuições

Márcia: Mas você veja hoje então um material riquíssimo né, que se colocou aqui, mas eu acho que a questão da organização, primeiro a possibilidade de/de compartilhar né, e vem sempre carregado de sentimento, me chama muito a atenção né, a fala vem com sentimento, eu já tava começando cutucar aqui, mas ela nem precisou, ela tenta, porque mobiliza, mexe com coisas, eu acho que sensibilizar a cada um de nós né, pra as coisas que cada um tem (...) e eu acho que ajudou a ver, organizar, ampliar visões e a ver que a gente tá falando de uma coisa muito parecidas né, em termos de/de/de desejos né, de ambições, coisas que a gente almeja mesmo diante da situação vivida, muito legal e ver que podemos fazer coisas né

Lívia: Eu queria pegar um bolinho pra cantar parabéns pra Diniz

ÊÊÊÊÊ ((risos, todos levantam e vão para a mesa lanchar))

Transcrição - Encontro com o coletivo do ICPAC - ES

Data de realização: 22 de Julho de 2016

Local de realização: UFPB

Tempo de duração: 01:53:55

Participantes: Karen, Cauã, Alana, David e Rosy

Rosy: Tá gente então é isso, é mais uma conversa mesmo, e aí, eu queria que vocês comessem assim falando um pouco da experiência de vocês nesse contexto ((do ICPAC)), os meninos no contexto de tá lá no estágio e a professora no contexto de tá acompanhando eles nesse estágio

/.../

Karen: Posso só começar falando que foi muito legal no começo do semestre né, quando a gente soube que o convênio tinha saído, que a um tempão a gente tava querendo essa parceria né

Rosy: Sim, sim

Karen: Para os trabalhos né, então assim, foi o primeiro semestre que eu pude enviar estagiários pro instituto como campo de estágio né, então foi minha primeira experiência como professora de estágio com quatro alunos lá na, lá no instituto, foi a primeira vez, a gente já estava a um tempão...

Rosy: Tentando

Karen: Tentando... então os dois/os quatro alunos

/.../

Karen: E::: foi assim, fique sabendo inicialmente por eles o trabalho que estava acontecendo lá, eram relatos contundentes todo aula né e a turma todo muito interessada, acho que essa era uma novidade pra todo mundo né, pra turma e pra mim inclusive, então foi assim que a gente começou a ter contato com a sala de aula lá no instituto, eu pelo alunos

Rosy: É foi ótimo, eu tava recebendo pela primeira vez né, eu tava em êxtase ((risos))

Rosy: Meu primeiro grupo de estagiários, era um máximo, enfim

David: Bem, além do/do/do estágio já ser por si um desafio pra o graduando, porque geralmente a maioria deles, de/dos graduandos, é a primeira experiência com ensino, o fato de ser um instituto de cegos né, deles terem essa deficiência, realmente é claro esse/esse desafio, então a primeira vista assim quando você falou, todo mundo ficou um pouco receoso

Karen: A Alana que topou na hora

Alana: Foi

David: Eu fiquei um pouco assim, porque você fica sem saber direito como é que vai lidar com isso e::, mas que na verdade depois que se tem o contato e que se começa a trabalhar com eles, você nota que é apenas uma questão de adaptação a situação deles

/.../

Karen: É, realmente, é um desafio duplo né

David: É, um desafio duplo

Karen: Tanto pelo estágio, quanto pelo contexto,

David: Mas os alunos, eles, é claro que eles são adaptados a sua situação, a sua condição e eles enfrentam muito bem né, eles conseguem compensar com outras habilidades essa falta de/ a falta de visão/ da visão deles, mas no geral muito bom, a gente também teve um desafio que a classe é multi seriada, são alunos de várias séries e de várias idades, mas, no geral... conseguimos no final de tudo lidar com a situação, professora Rosy aí conduzindo tudo

Cauã: Bom, é:: da minha experiência eu acho que foi bastante enriquecedora do ponto da vista da recepção de Rosy, da professora lá com esse trabalho, porque a gente tava indo meio, assim, no escuro, pra uma coisa que a gente não sabia, que a gente não tinha a menor ideia de como ia ser, eu, pelo menos na minha experiência, eu ficava imaginado como é que ia ser dar aula de inglês para alunos cegos e eu acho que é/ que eu desconstruí um monte de coisa que ficou na minha cabeça quando eu decidi ir para o Instituto dos Cegos... e eu acho que foi muito enriquecedora é: essa parte, porque eu ficava, toda vez que eu assistia as aulas de Rosy eu ficava “Meu Deus do céu, a regência, como é que a gente vai superar Rosy?” ((risos))

Rosy: Mas não tem que superar ((risos))

Cauã: ou pelo menos se igualar a Rosy, porque Rosy ela fazia um trabalho tão bem feito, tão /.../ Ela era tão apaixonada com o que fazia, que a gente ficava assim “Ai meu Deus, e agora?” “Vai ser mais difícil ainda” né, mas eu acho que foi/foi muito enriquecedora a experiência e o suporte também na sala de aula foi interessante, porque

a gente/ eu pelo menos experiêncie/experiei algo na/no estágio que eu nunca imaginei e levar isso para a sala de aula, pra compartilhar com os colegas foi muito interessante, porque a gente ouvia várias opiniões e ah/é buscavam algumas soluções e: enfim, foi interessante ouvir e compartilhar, ter esse/esse momento de compartilhar isso com a turma, foi bem legal

Karen: É, Esse coletivo nosso de trabalho funcionou como um apoio né, na sala de aula.

Alana: Eu acho que antes de entrar no estágio, pra mim, assim que eu decidi ir pra o instituto eu fiz “Caramba, eu vou entrar no instituto e aí? Como é que vai ser?”... porque normalmente os professores regentes, ah né, daquele jeito, não dão um apoio muito grande, então eu, “Caramba e seu e eu não tiver muito apoio, como é que vou saber lidar com aquilo?”, e foi o total oposto né, enfim, a gente aprendeu muito com Rosy e você sempre foi muito... é: participativa né, você entregava muito material, então isso pra mim foi um grande choque no início, vê que iria ser uma experiência TOTALmente diferente de TODas outras cadeiras de estágio que eu tinha pago

Cauã: É tipo assim, uma experiência reconstrutora ((risos))

Alana: Pois é, pra mim como foi a ÚLTIMA experiência foi

Karen: [Foi terapêutica ((risos))

((risos))

Alana: E pra mim foi a última experiência né, então pra mim foi muito, foi muito bom porque eu sai, eu terminei o estágio com uma perspectiva positiva e não negativa, e isso pra mim foi muito enriquecedor, eu gostei bastante, foi umas das coisas que mais me chamou a atenção, e os próprios alunos também foi muito interessante, Dorina chamou muito minha atenção e dentre outros, foi/foi ótimo

Rosy: Você teve esse receio que David tinha de ir, David falou que tinha esse receio de ir porque poxa são cegos e como lidar, você também tinha esse receio?

Alana: Não, tinha, com certeza, eu achava que eu ia, o problema todo eu achava que eu ia ter/ eu ia cometer muitos erros e eu sempre tava preocupada, quando a gente tava preparando a nossa regência eu ficava “Mas se a gente tiver fazendo isso errado?”, “E se tiver errado?” “E se o que eu falar tiver errado?”, “E se a forma que eu for agir tiver errada?”, “Não, não, não, vai dar errado, vai dar errado” ((risos))

Cauã: “E se não der certo?”, “E agora?”, “O que é que a gente vai fazer?” ((risos))

Alana: “E agora? “O que é que eu vou fazer?” ((risos)) O tempo todo preocupada de cometer um erro que poderia parecer tão óbvio e não era entendeu

Cauã: [[Ai, verdade, verdade

Rosy: Eu lembro vocês me ligando no meio da aula ((risos)),

Cauã: [Eu lembrei agora a gente planejando e Alana “Será que eu vou poder falar isso?”, “Será que?”, “Ai não, isso tá muito óbvio,” “Será que eles vão se sentir ofendidos se eu disser isso?”, “Mas Rosy faz isso, então acho que dá tranquilo” ((risos))

Karen: O parâmetro é o que a Rosy faz

Cauã: [[É,

Alana: [[É, A gente tava tentando muito se guiar por isso, porque era a primeira experiência que a gente tinha, a gente não tinha noção nenhuma, inclusive a gente viu um monte de vídeo num foi, que tu achou de um cara/ de um cara, como era o nome dele?

Cauã: Ai eu não lembro, ele era/ ele era um/um... ele é cego e ele faz vídeo no *youtube* relatando por exemplo como é a experiência de/é:: reconhecer as cores

/.../

Karen: Ah se vocês acharem me mandem o link pra eu ver

/.../

Rosy: Ah sei quem é

Alana: Eu acho os vídeos deles muito interessante

/.../

David: Logo existe uma boa diferença, eu acho que vocês notaram isso entre o cego que tem a cegueira congênita e adquirida né claro, porque aquele que tem a cegueira congênita, ele já é adaptado é claro, desde que nasceu, ele nunca viu então, e o que é adquirida depois, esse geralmente já

Karen: [Tem a perda né? por causa da perda né?

Cauã: [[São processos diferentes

Alana: [[Eu lembro que você falou muito.

David: [É por causa da perda, existe a/ existe aquele, como se diz em francês aquele *deblaquê*, aquela/aquele/aquele choque que ele levou, claro vai seguir pro resto da vida dele, daquele que adquiriu /.../ É o caso de Dorina, que nós vemos

Cauã: São dois processos diferentes né, eu tava lendo o ensaio sobre a cegueira, aí eu tava me lembrando do instituto

David: [Saramago né

Cauã: É, porque de repente toda uma população, uma parte da população fica cega, aí pronto, eles ficam desesperados e no livro tem um personagem que ele é tinha cegueira

congénita e ele conseguia se movimentar bem onde ele tava, ele sabia, ele reconhecia tudo

David: [[exatamente

Cauã: Aí eu fiquei me lembrando no instituto, como eles se movimentam lá, com a familiaridade, a familiaridade que eles têm com o local assim, de repente “Pah pela porta!” “Meu Deus como é que ele não cai!”, “Como é que eles não batem na parede?”

Alana: E diferente da escola não é?

Cauã: Sim,

Alana: Eles relataram muito que na escola eles têm muitos empecilhos, muitos/muitos problemas, eles tão constantemente tropeçando em alguma coisa, batendo em outra coisa, porque eles não/não têm o caminho livre, eles podem até conhecer, saber onde tá tudo, mas de repente tem uma mesa que não era pra tá ali e eles se deparam com aquela mesa

David: É

Karen: Eles sempre andam sem apoio nenhum fora da escola? Eu fiquei pensando um dia desses, ainda pensando no instituto

Alana: Na escola normal?

Karen: Não, fora do instituto, eles sempre andam assim, livremente, sem NADA, sem gente, sem apoio, sem bengala, sem

Rosy: [Os mais jovens, eles têm um receio de utilizar a bengala e aí eles sempre andam com alguém né, porque aí ele vai ser guiado por essa pessoa, já os mais velhos que tem que ter uma independência maior, tem que sair sozinhos, essas coisas, aí eles utilizam a bengala.

Karen: Mas eles estão sempre com alguém ou com a bengala, FORA do instituto?

Rosy: Com alguém ou com bengala,

Karen: Eles, não é que eles andam assim fora do instituto né

Rosy: Não, no instituto eles correm, eles

Karen: [E que como eu só vi eles lá, aí eu fiquei pensando, “E como é fora?”

Rosy: Fora eles estão com alguém ou com a bengala

Karen: E qual é o medo da bengala?

Rosy: Não, os jovens é uma questão de vaidade /.../

Karen: Ah

Rosy: Aí eles preferem não utilizar mesmo, mas os/os adultos precisam dessa independência porque não podem tá saindo de casa sempre com uma pessoa, aí eles

utilizam a bengala, mas eles, desde cedo, eles aprendem a utilizar a bengala, lá no instituto tem essa parte de reabilitação

Karen: umhum

Rosy: Tá, O que foi que chamou mais a atenção de vocês? Aquela coisa que “Ah foi isso”, o que mais chamou a atenção, tanto da professora, como de vocês?

Karen: Não, pra mim o que chamou mais a atenção né, especialmente na aula do Cauã e da Alana né, porque realmente é muito intenso né, então, a situação toda, não de aula, de vida deles, então, assim, as tensões na escola, os problemas pessoais... então assim, o que mais marcou foi como a qualquer, qualquer hora é hora pra aflorar alguma/alguma questão de vida FORTE né, em relação ao preconceito, o preconceito na escola né, basicamente isso, a incompreensão das pessoas, os/os/os desafios que eles tem que enfrentar, inúmeros em todos os níveis, então eu acho que pra mim foi isso que mais chamou a atenção né, você tava falando de uma coisa e de repente eles se lembram de uma coisa que aconteceu no dia, ou mais grave né, como foi na aula do Cauã né, que eu tinha falado, “Olha gente esse tema é né, estejam preparados”, porque a gente tá, quando traz um tema desse, já quando não traz, já acontecem coisas na aula, então quando a gente traz um tema tipo bullying /.../ aí né, então/então é isso, eu acho, a questão afetiva, emocional, sim, as dificuldades né, a gente já tem as dificuldades sem ser cego né, as que eles têm é triplicado em mil, especialmente as coisas com preconceito né, que a gente sente né, o peso que é, a gente assim, nas poucas aulas, eu assisti duas aulas né, foram duas, quatro né, não, duas, foram duas tardes que eu fui, mas assim é muito forte né, quer dizer, ainda bem que eram vocês que tavam dando aula lá e/e, porque se não, não é qualquer um estagiário que teria/ assim, não é qualquer um estagiário que vai aceitar um contexto desses, obviamente que tem que ter uma maturidade, vamos ver esse semestre como vai ser

Rosy: Já estou ansiosa já

((risos))

Karen: Tem uma/tem uma que eu tô bem curiosa pra ver como vai ser, vam/depois a gente conversa /.../ mas é, muita emoção, muita emoção, mas é:: então acho que pra mim foi, o emocional assim... as questões, e aliás quando foi no caso do Cauã né, a questão/ a trama toda que foi acontecendo nas aulas, quer dizer, o emocional né, as carências né, e principalmente todos os obstáculos que eles já supera/ não é superaram, mas como é diário né, né o::: como é o nome do menino?

Cauã: O Guilherme

Alana: [[Guilherme

Karen: Assim, ele falando né, que na RUA ele ouve coisas né, assim preconceituosas né, assim do nada

David: É

Karen: Então, acho que pra mim isso foi o mais, o mais

Rosy: O que mais chamou a atenção

Karen: O que mais chamou a atenção

Alana: Oh Rosy, deixa eu te perguntar uma coisa, Antônio, não apareceu mais, aconteceu o que? Tu sabe o que foi que aconteceu que ele sumiu já no final do

Rosy: Antônio é por conta de questão medicamental, vocês/vocês lembram que ele sempre dormia né na nossa aula

David: [[anham

Alana: [[É

Rosy: Aí ele começa troca de medicamento, aí começa sonolência, aí nem vai de manhã mais pro colégio, passou uns dias bem assim, é tanto que ele faltou esses primeiros dias meus também, aí essa semana ele chegou

David: Terça ele estava

Rosy: É terça ele estava, aí a menina explicou pra mim que ele tinha passado esse momento

Cauã: Naquela terça que fui ele também estava

Rosy: Foi, naquela terça eu não fui, aí é isso, ele passa por esses processos, fazem/fazem parte né dessa/dessa

David: [É

Rosy: Porque não é só a questão da cegueira né, vocês sabem, têm uns meninos que têm deficiência intelectual

David: [Têm, têm uns que também têm problema

Karen: O que me chamou também a atenção, lógico o lado positivo, que o instituto é um espaço né, assim, acolhedor pro pessoal

David: Totalmente voltado pra eles né

Alana: Eles ficam a vontade lá

Karen: É deles né, o espaço é deles

David: [[É

Rosy: É tanto que na escola eles ficam bem quietinhos né, eu brinco às vezes “Ah eu acompanhei vocês na escola e vocês ficam lá, todos bem quietinhos”, aí quando chegam no instituto “Meu Deus, me levam a loucura” ((risos))

David: Uma coisa que me chamou a atenção além do que Karen falou, foi o tipo de aula que/que Rosy dá, que tem que ser dada daquele jeito, que tem/ requer uma preparação muito grande né, uma/uma pré elaboração digamos, porque primeiro tem aquele material todo em braille né, segundo tem os alunos com baixa visão, que aí tem que imprimir com a fonte bem grande e tem toda essa preparação né, trabalhar com o tátil né, com o sentido do tato, então a preparação é claro que é diferente de uma aula convencional pra alunos que estão no dia a dia, que/ que tem a visão, então eu achei uma coisa bem interessante, porque exige um trabalho qu/ e o próprio desenvolver da aula é um desenvolver de muito/ de muito empenho né, de muito, de muita, não é empenho é, de muita, de muito, quase contato com eles assim, porque eles ficam, tem horas que eles ficam meio dispersos, eles têm aquela certa rejeição a escri/ a escrita né, não querem escrever um::ito e fica naquela coisa, as vezes as tarefas em casa, mas, fora isso, eu acho que o que me chamou mais a atenção foi isso dessa, essa parte dessa/desse/dessa, como se fosse... inclusão né, trazer eles pra realidade da aula é mais complicado do que com alunos que não têm a condição deles

Rosy: Entendi, a questão da adaptação, é isso que você quer dizer

David: É, porque você tem que tá sempre, se você deixar um pouquinho eles já vão se soltando assim, tem que tá (...) direto no controle digamos assim

Karen: [[Redia curta né

Alana: E tem dia que a aula funciona e tem que a aula não funciona

David: [É

Alana: Tem dia que parece que TODOS eles estão com sono

David: [[É, tem

Alana: [[Vai contagiando assim (...)

David: [[É

Alana: Mas tem dias que eles estão super empolgados é muito interessante

David: Tem, tem

Cauã: Foi uma das coisas, um dos comentários que fiz “Rooosy, aluno é aluno me qualquer lugar, em qualquer condição” ((risos)) não importa eles são sempre/ vão ser sempre alunos, e pensando nisso né, na/duas coisas me chamaram a atenção que a professora Karen e o David mencionaram, a primeira foi essa questão da afetividade

como meio de/de facilitar o ensino e::: e é uma coisa assim muito clara quando a gente chega lá na sala de aula, que a gente percebe o tipo de relação que você construiu com eles né, e:: assim é tudo muito claro, é uma comunicação direta e assim, que não se restringe somente a sala, também vai pra fora dela, quando eles te procuram, quando eles mandam *whatsapp*, quando eles tã no *facebook* ou quando eles ligam, não sei, dependendo, eu acho que você me comentou uma vez que ligaram pra saber de algo

Rosy: É tipo assim, quero resolver a tarefa, não tô conseguindo, liga, ninguém em casa consegue, muitos deles, a maioria dos pais não são cegos e aí faz/não têm esse domínio do braille, é uma coisa que o Instituto dos Cegos até tá tentando pra que os pais aprendam o braille pra ajudar, porque demora muito esses meninos a dominarem o braille por conta que não tem o apoio familiar, e aí o que acontece, eles estão em casa não conseguem, ninguém consegue ler pra eles, aí ligam... tem isso

Cauã: E a outra coisa foi a questão do material adaptado, eu fiquei MUITO surpreso, meu Deus do céu, fiquei, fiquei imaginando a quantidade de dias ou horas que Rosy investe no planejamento das aulas, na produção e adaptação desses/desses materiais

/.../

Cauã: E só concluindo eu fiquei muito, muito surpreso mesmo, quando eu cheguei lá que vi aquele monte de material adaptado, porque não se restringe somente a folha em braille né, tem os cartões, tem os/as tabelas, tem um/um quadrinhos, quando eu olhei lá aqueles é, aquelas embalagens todas cheio de, eu “Meu Deus do céu, o que é isso?” ((risos))

Karen: Toda aula eu ouvia, toda aula eu ouvia relatos sobre os materiais

Cauã: Tinha uma coisa nova toda aula, eu acho que o que mais surpreendeu, eu não sei se a todo mundo, foi aquele *flyer*, meu Deus do céu (...) foi da zica, meu Deus a gente ficou tão apaixonado

David: [[Com cola quente, a gente queria pra colocar no portfólio, era o grande troféu do portfólio, era aquele ((risos))

Cauã: A gente “Ro:::sy a gente pode ficar com um desses pra gente?”, “Não, não, eu posso dar um pra vocês depois que a gente terminar”, eu “Tá certo” ((risos)) “tá certo a gente quer”

Rosy: [[A gente tinha que terminar a aula
((risos))

Cauã: Que era pra gente colocar no portfólio

Karen: Aí a gente já viu no celular de alguém, que vocês trouxeram foto na aula

Cauã: [[Sim

David: [[Foi

Alana: [[A foto

Alana: Foi um monte de coisa

David: Bem legal, bem legal mesmo

Cauã: Foi

Alana: Eu acho também que a questão do *background* dos meninos, a vida dos meninos me chamou MUITO a atenção, muito a atenção, eu ficava muito tocada, às vezes eu chegava em casa eu queria chorar às vezes, por conta das histórias de Dorina, eu fica muito emocionada, compartilhei muito isso com/com meus pais, com minha mãe principalmente, e:: a questão do material também, mas outra coisa, outro detalhe que teve foi de a gente não perceber coisas pequenas que eram tão óbvias pra eles e que pra gente não era entendeu, tipo, eu NUNCA esqueço daquela história do potinho com areia, eu NÃO esqueço

Cauã: ((risos))

Karen: Isso eu não ouvi

/.../

Alana: Foi numa aula de Zica e era um potinho, a gente tava falando daquele potinho que bota areia pra que não acumule água, e os meninos ficaram “Mas porque um pratinho em baixo do jarro, com areia?” e pra gente é uma coisa tão óbvia, que pra eles não é, e que a gente ficou tipo “Meu Deus do céu”, aquilo me chocou também porque é pensar em TODOS esses detalhes, claro que a gente não vai ter condições de pensar em tudo, mas

Karen: [Eu ainda não entendi

Alana: Eles não entendiam a utilidade

/.../

Karen: É que é uma coisa que a gente vê né, é uma coisa visual

/.../

Alana: E isso é com tudo, então, é uma coisa que a gente TEM que pensar quando vai prepara uma aula, mas claro a gente não vai conseguir fazer tudo, mas que CHOCA na hora, então isso me chamou muito a atenção, em vários momentos da aula que aconteciam coisas que pra mim eram TÃO óbvias e pra eles não

Cauã: Por exemplo, uma coisa, eu lembrei do que Alana falou, Alana falando eu lembrei de uma coisa, da questão do relevo do *flyer*, eu fiquei MUITO surpreso com a

ideia de Rosy de trazer relevos pra fazer, pra diferenciar por exemplo do que se tem do/de um panfleto visual, por exemplo as cores, as letras, tá tudo expresso no relevo, eu fiquei MUITO, eu fiquei “Meu Deus eu tenho que pegar um desses, eu quero levar”, “Eu quero mostrar pra todo mundo isso” ((risos)) porque eu achei muito genial isso, eu achei muito é, assim, você oportunizar um, você dar/oportunizar que/que o aluno tenha acesso a uma coisa visual, por exemplo, eu achei muito, muito, muito bacana, muito bacana

David: [É porque o formato do mosquito pra eles né, o que é que eles iriam imaginar, porque eles não viam o mosquito

Karen: [[É a adaptação do gênero né, os elementos todos

Cauã: [[Exatamente

Karen: [[Os elementos todos

Cauã: Eu fiquei MUito “Meu Deus”, eu fiquei muito apaixonado por aquilo ((risos))

Karen: Eu lembro, Nossa! Vocês falaram tanto e foto, aí fiquei aguardando o portfólio pra ver

((risos))

Alana: Essa aula de Zica rendeu bastante assim

Rosy: Fizemos uma sequência,

Alana: Foi, foi

David: [[Foi

Alana: Uma sequência MUITO boa

Rosy: É, como é que vocês viram a ques/ a questão da relação entre os alunos, porque a gente tinha, David tocou um pouquinho nisso né, a gente tinha alunos que eram cegos congênitos, alunos que perderam a visão, alunos que tinham baixa visão em di/ em níveis diferentes, crianças, adultos, como é que vocês viram essa reação toda deles? Inclusive a professora que também foi acompanhar um pouquinho, mas foi e também escutou os meninos né

David: Eu acho que não tevi, eu tenho a impressão que entre eles eu não notei, a não ser aquele caso daquela menina que nós conhecemos, mas é uma questão, acho que pessoal dela, de num sei

Cauã: [Jerusa né, no caso

David: [De trauma, de tudo

Cauã: [[Ah Dorina

Alana: [[Jerusa

Cauã: Não, eu pensei que era a da briga, ele num tava não ((risos))

/.../

Karen: Ah no primeiro dia eles chegaram com todas

((risos))

Cauã: O primeiro dia ((risos))

Karen: “Como foi a aula?” “Bom” ((risos))

((risos))

Rosy: Foram batizados ali ((risos))

Alana: Já batiza de confusão no primeiro momento (...)

Karen: [[Já batizou (...)]

David: Foi, mas eu acho que foi mais uma questão dela com os colegas do que, acho que não é porque existe essa diferença talvez etária de nível não, Acho que é mais uma questão pessoal mesmo, talvez de algum trauma dela (...) ela é muito agressiva às vezes com os colegas, mas entre os outros eu achei bem tranquilo num é, principalmente/não entre todas as duas turmas

Cauã: [Eu achei que

Alana: [A primeira turma eles se davam bem (...)]

Cauã: Eles eram mais... eles tinham uma interação maior na primeira turma, mesmo com Dorina sendo

Alana: [Não, mas ela também, ela fazia, ela consegui unir, do mesmo jeito que ela conseguia separar, ela conseguia unir

Cauã: [[Sim, sim, sim, ela era um elo muito

David: [[Era um pouco dominadora né, mas muitas vezes

Alana: [[Mas ela conseguia ter esse controle

David: É

Cauã: Mas eu sinto que na primeira turma eles eram mais, eles tinham uma interação melhor do que na segunda, eu acho que é:: eu acho que na segunda turma, eu não sei, a impressão que eu tinha é que tinham subgrupos na/sala de aula, era uma impressão que eu tinha, é:: não que eles não se dessem bem com todo mundo mas assim na hora de desenvolver alguma coisa, na hora de trabalhar, aí eu sentia assim, ah um grupo aqui e outro aqui, não sei se por conta da visão e da falta dela tinha esse/esse/essa coisa diferenciada, mas eu sentia que havia subgrupos, não/não que a interação fosse prejudica/ que a interação fosse ruim entre eles, mas eu sentia que a interação era maior no primeiro grupo do que no segundo, não sei se por uma questão

David: [Tem mais uniformidade etária

Alana: [[Existe uma diferença de idade também nera

Cauã: Eu acho que sim, tem

Alana: Então isso também afeta

Cauã: O segundo grupo era bem mais heterogêneo do que o primeiro

David: É, e talvez até acho que o comprometimento do segundo grupo era menor do que o primeiro

Cauã: [Era menor do que do primeiro

David: [[Com a disciplina né, eles tão ali meio... porque tão né, da escola pro instituto

Cauã: [É tipo assim “Ah vou ter que ir praquela aula”, “Vamos”

David: [[Mas tem aquele menino que brinca muito, Diogo né, você pergunta uma coisa ele diz outra

Cauã:[Ah Diogo é muito divertido

/.../

Rosy: Tá, e pensando assim na relação de vocês com os outros membros do instituto, como foi? Contribuiu? Como foi essa relação? Facilitou, não facilitou?

Alana: Bom, o meu primeiro contato foi com, esqueci o nome daquele

Rosy: [Márcio

Cauã: [[Márcio

Alana: Márcio

Cauã: [[Abençoado ((risos))

Karen: O que?

Cauã: Abençoado ((risos))

((risos))

Alana: Ele apresentou, pelo menos pra mim né, ele apresentou TODO o instituto, com calma, com dedicação, mas também foi o único momento que eu senti, que que senti que eu poderia tá no instituto, na/nos outros momentos eu só ia pra sala e vol/ e saia, mas também era porque eu tinha um tempo curto pra ficar lá, eu só podia ficar no primeiro horário, não sei com os meninos, mas a minha ligação mesmo foi na sala, eu não tinha/ eu não interagia muito com o resto do instituto, fui uma vez na coordenação com você, não foi?

Cauã: Eu fui tantas ((risos)), mas David?

David: Não, eu achei tranquilo, achei o primeiro dia que você me levou pra conhecer tudo, o pessoal da biblioteca ótimo e Márcio é muito prestativo

Cauã: É, Márcio é

David: E também o que prepara o material né, o lá da impressora, e também teve dois dias que eu sai com os alunos, um dia com Dorina e outro dia acho que com Odair, pra fazer aquelas pesquisas, fazia parte da aula também, muito tranquilo, naquela sala de primeiro andar que eu num se é

Rosy: [Da itinerância

David: Da itinerância, mas sem problema nenhum na/ eu achei o instituto bem prestativo, não teve problema não, o pessoal

Cauã: Bom, Márcio, eu/é, Márcio, ele faz você se sentir muito confortável lá no instituto, parece que você já estava lá e que você é parte do instituto, ele facilita muito as coisas, ele é muito aberto, ele é muito prestativo, eu cheguei terça feira lá pra aula que Rosy não pode ir e ele “Você tá precisando de alguma coisa?”, “Você quer,, tá precisando de ajuda?”, “Num sei o que” “Não eu vim pra/ vim deixar um documento”, “Tá procurando quem?”. “Fulano” “Bora lá”, ah não foi Guilherme que fez isso, mas ele queria tipo “Você quer a chave da sala?” “Quer esperar Rosy na sala?”, “Não, brigada” “Se você quiser dar aula”, “Não, também não” ((risos)) “Não planejei nada, vim só deixar um documento”

((risos))

Alana: (...)

Cauã: Pois eu não tinha essa coragem ((risos)) é, mas, assim, eu tive a oportunidade de conhecer outras pessoas dentro do instituto, inclusive a coordenadora pedagógica e, assim, a impressão que eu tive, eu posso falar sobre/sobre impressões né, eu não posso falar exatamente porque foi/foi em contextos que vi a coordenadora e:: assim, ela não me/ a impressão que eu tinha é que ela não tava muito aberta pra diálogos ou pra refletir sobre algumas/algumas coisas, tiveram alguns eventos dentro do instituto que eu pude acompanhar mais de perto com Rosy é:: um dos primeiros foi a questão da/da briga entre as alunas Dorina e: Jerusa, que eu fiquei muito surpreso com a reação da coordenadora pedagógica, porque eu achava que ela reagiria de uma outra forma né, é::: eu espera que ela tomasse partido ou que ela é... solucionasse a questão, mas simplesmente saiu, tirou o corpo né, “Aí é uma coisa com elas, elas vão ter que resolver entre elas” e eu fiquei meio, “Mas perai, você é a coordenadora pedagógica”, “Você deveria interferir ou pelo menos tomar um posicionamento dentro disso né”

David: É, Aquele intervenção dela foi

Cauã: Foi aí, David tava quando ela veio, Acho que ela foi umas três vezes na sala de aula né, e assim, nas três vezes eu senti que ela poderia ter feito algo mais significativo né, assim, não tô julgando, mas eu tô fazendo essa observação

David: Não foi uma atitude muito pedagógica

Cauã: Não, não foi, não foi nada pedagógica na verdade ((risos))
((risos))

Cauã: Num é que não foi, enfim é::

David: [Um eufemismo ((risos))

Cauã: Com os outros funcionários, no geral eu não conheci assim, eu tive momentos né, eu conheci a bibliotecária que a gente visitou, o rapaz da informática, o rapaz da impressão também ele sempre foi muito prestativo, no geral eu posso dizer que foi bem tranquila a relação com os outros funcionários, dentro do instituto

Alana: O rapaz da informática foi bem interessante no primeiro dia, porque ele queria me mostrar como era que ele usava o computador e aí ele, enfim é tudo um áudio né, e ele tava escutando assim numa velocidade assim abSURda, que ele “Você entendeu o que ele tá falando?” aí eu “Não” ((risos))
((risos))

Cauã: Eu acho que eu vou precisar de um mês pra isso ((risos))

Alana: “Não, você vai ter que no mínimo diminuir a velocidade em noventa por cento, porque eu não tô conseguindo entender nada” aí ele botou pra rir, foi bem legal o momento da sala de informática

Karen: [Ele é cego?

Alana: Ele é cego, aí ele tava lá me mostrando como é que ele ler as coisas

David: É da biblioteca?

Cauã: Informática,

Alana: [[Não, foi da sala de informática

David: Que na biblioteca eles estavam usando né

Alana: [[Muito rápido não dava pra entender nada ((ruído com voz rápida))
((risos))

Rosy: É, inclusive ele foi/ele foi aluno do instituto, eu acompanhei ele na escola e aí ele foi aluno do instituto e agora ele é professor de informática de lá, é bom porque qualquer coisa quando eu tenho uma dúvida assim, sem entender, ele sabe explicar, porque além de tudo ele ensina aquilo pros meninos

Karen: [Escuta e como foi com o *notebook* lá que o aluno ganhou?

Rosy: Ah ele ficou em êxtase, ele ficou maravilhado, aí o pessoal do instituto baixou os programas

Cauã: Quem?

Rosy: Guilherme ganhou um computador

Cauã: Legal

Alana: [[E foi?

Rosy: Teresa fez uma campanha e tal, aí uma pessoa fez uma doação, aí ele ganhou um *notebook*, aí o pessoal instalou os programas e ele tá no processo de aprender a utilizar

Karen: Nossa que legal

Rosy: Ele tá super feliz

Karen: E ele anda na rua com o computador?

Rosy: Na mochila né

Karen: Anda na mochila

Rosy: Traz pro instituto porque ele tem aula no instituto de como utilizar, que baixa os programas né, aí eles têm que aprender, eles também têm aula nesse processo

David: Ele gosta muito de música né

Rosy: É

David: Cauã baixou músicas pra ele

Cauã: É, eu ainda tenho salvo lá em casa

Karen: [[Fala pra ele fazer um *backup* de tudo

Rosy: É verdade, vou procurar isso pra ele

Karen: Porque andar na rua não é muito legal

Rosy: É, ainda mais que

Karen: Ainda mais que, exatamente

Rosy: Tem essas coisas também, Odair, nesse exemplo, Odair tinha um celular desses bem modernos

Karen: [Não durou um dia

Rosy: E aí eles roubaram

Karen: Pois é, lá dentro, não?

Rosy: Ele não sabe, que tem isso também

Cauã: [Um mistério

David: [[Sumiu da mochila dele

Rosy: Ele não sabe como, onde tirou né, porque né, enfim, mas agora ele tá mais cuidadoso ((risos))

(...)/.../

Rosy: Esse/Essa questão aqui, acho que vocês tocaram um pouquinho nisso que era para saber como era esse compartilhamento da experiência de vocês nos encontros da disciplina

David: É/é fa/fazíamos sempre relatórios orais né, no começo né, claro, porque só apresentamos relatório final, quando terminamos, no final da disciplina, do semestre, mas sempre, o que a gente nota é que atrai muito, atrai muito a curiosidade né, dos outros que tão em escolas convencionais né, claro, como não poderia deixar de ser né, porque tudo quer saber como é que é, como é que se lida né com essa situação de ensinar uma língua, outra língua, uma língua estrangeira a alunos com problema de visão, cegos, deficientes, então todo mundo fica muito curioso e atrai, atrai bastante a atenção, acho que inclusive com alguns alunos dizendo que “Se soubesse gostaria também de ir” dois deles, da/da nossa turma disseram “Ah se a gente soubesse teria ido”, porque todo mundo fica curioso né, todo mundo fica querendo saber como é, porque o nosso contato com pessoas cegas geralmente é muito pequeno e principalmente na/no ambiente de/de escolar né

Alana: É, mas foi tão rico que a gente passou a ter aulas sobre um assunto que aconteceu com Cauã e agente fez, a gente planejou aula sobre isso

Karen: [Eu me lembrei deles agora, eu me lembrei dos estagiários de docência que estavam na turma agora, porque de noite a gente tinha a Cláudia e de manhã tinha o Fábio

Alana: [Ele trouxe isso pra discussão

Karen: [[E o Fábio na HORA começou a partilhar porque ele também tinha passado por uma (...)

Cauã: Foi, foi

David: [[Nicole também ficou bem interessada

Alana: [[Não, muito rico

(,,)

Alana: Acho que foi umas duas ou três aulas, num foi, três encontros que a gente continuou falando sobre o mesmo tópico

Karen: Ele trouxe um filme

Alana: Foi polêmico

Cauã: Foi polêmico

Karen: Ele trouxe o filme, charges, um monte de coisa

Cauã: Trouxe vídeo, trouxe...

Alana: A própria experiência do professor lá

Cauã: Sim, ele também relatou

Karen: Fora a dele né

Alana: Sim, fora a dele

Cauã: Ai do professor. meu Deus do céu

Alana: Foi triste, muito triste

Cauã: Mas, é:: foi

Alana: [Muito triste

Cauã: DEmais, mas pensando na sala de aula, era muito interessante porque a gente falava, Alana e a gente relatava as coisas, e a gente relatava assim com uma propriedade que o pessoal ficava tentando, algumas vezes buscar soluções pra o que a gente tava dizendo ((risos)) era muito engraçado ((risos)) porque a gente tava falando numa perspectiva e quem tava ouvindo tava em outra e querendo solucionar a questão, mas, era muito divertido, a gente relatava aí de repente tava todo mundo naquela narrativa, tava todo mundo no instituto e todo mundo falando sobre aquilo, aí de repente mudava pra/prá/prá outra escola né, mas foi muito

Alana: [Muito intenso, muito intenso

Cauã: [[Foi muito, acho que foi muito significativo ter esse momento de compartilhar a::/as experiências né, relatar as experiências em sala de aula

Rosy: David, acho que a Cláudia também foi assistir

Karen: É a Cláudia chegou a assistir uma aula, foi a sua né, que ela foi? Foi, né?

David: Foi, foi

Karen: Nossa, ela ficou fascinada

David: É, exatamente porque foge bastante do lugar comum, como se diz né

Cauã: Ai, eu lembrei da aula da gente ((risos))

Alana: Meu Deus, quando eu olhei a sala tava LOTADA de gente

Karen: No:::ssa ((risos))

/.../

Alana: Eu fiquei pensando na perspectiva daquele, num tinha um cara que era cego né

Karen: Tinha

Cauã: [[Tinha

Alana: Eu fiquei pensando que perspectiva ele teve da aula da gente

Cauã: Eu fiquei imaginando isso depois

Alana: SUPER curiosa depois

Karen: Depois a gente podia ter perguntado né

Alana: Era

Cauã: Eu sempre vejo ele por aqui

Karen: É? Da educação?

Rosy: É de psicologia

Cauã: [[Pelo/pelo/pela praça do CE

Alana: Eu queria saber qual foi a perspectiva que ele teve da aula da gente, que eu acho que foi uma coisa esquisita, sei lá ((risos)) não sei explicar

((risos))

Rosy: É, vocês acham que houve mudança na maneira como vocês compreendiam o trabalho com pessoas com deficiência e como isso se modificou depois dessa experiência ou não

Karen: Com certeza

Cauã: Pois é, então

Alana: Eu tava no zero e fui pra um escala...

Cauã: [Pra um lugar aí

Alana: [[Pra uma escala de conhecimento muito maior do que eu tinha né

Cauã: [O que eu tinha de/de experiência com cegueir/ com alunos cegos era o que Gert ((colega da universidade que já teve experiência lecionando para pessoas com deficiência visual)) me falava “Ah não a aula hoje foi uma droga porque eu devia ter feito isso e isso e aquilo e não fiz”, “Ai os alunos devem tá pensando isso, isso e aquilo de mim” ((risos)) aí eu ficava só ouvindo e ficava só tentando imaginar com era, e depois que eu fui pro instituto aí eu tinha um monte de concepções em relação ao ensino e nenhuma ao mesmo tempo, eu ficava imaginado várias coisas e ao mesmo tempo “Não, acho que isso não é possível”, quando eu cheguei lá foi uma surpresa total assim, eu desconstruí um monte de coisa que/que eu ficava imaginando antes de ir, quando eu topei ir eu “Meu Deus o que é que eu vou... porque que fiz isso?” ((risos)) “O que eu que eu vou fazer?”, “Como é que vou dar aula pra esses alunos?”, ficava imaginado a regência como era que ia ser, nem conhecia Rosy, não conhecia Rosy, era assim, o que eu conhecia de Rosy era um email, que foi quando Karen trocou os emails da gente e fiquei imaginando “Meu Deus quando eu chegar lá será que eu vou saber quem é Rosy?”, aí eu lembrei que Alana também tava indo, digo “Pronto, se eu encontrar com Alana, beleza” ((risos)) “Vou saber quem é Rosy”, aí encontrei Alana primeiro e depois

encontrei Rosy, enfim, mas eu acho que foi assim, eu também saí dessa escala ZERO pra algum lugar que eu ainda não sei definir, mas assim eu posso dizer que::: eu/eu não sei se eu tô pronto pra/pa/ por exemplo, pra dar aula pra um aluno cego, mas eu conheço vários caminhos pra seguir, eu posso dizer isso com propriedade, eu já sei...

Alana: [Por onde começar

Cauã: Exatamente, eu já sei um caminho inicial, um ponto de partida pra/pa seguir, assim, do zero agora eu já sei pra onde ir, acho que

Alana: [A gente se sente um pouco mais, como é que posso falar, um pouco mais a vontade né

Cauã: Sim, e com MAIS propriedade pra fazer aquilo, que a gente nem IMAGINAVA como é que poderia ser feito, eu digo porque foi o que todo mundo disse aqui né ((risos))

David: Exatamente, o panorama é o mesmo eu acho que pra todos, depois que você tem o contato, você vê que na verdade é só a adaptação pra'quela deficiência e que o resto, é só dedicação mesmo né

Alana: Não é tão absurdo quanto a gente pensa que é né

David: Não

Alana: A pessoa pensa que é um negócio ASSIM de outro mundo, que “Não a gente não vai conseguir”, “É impossível” e tal, tal, tal, e não é, não é, simplesmente é lidar com pessoas, é aprender lidar com pessoas mesmo

David: É, é

Cauã: E sempre um aprendizagem né, TODO dia a gente aprendia uma coisa nova

Alana: Não, sala de aula, enfim, se você vai dar aula, em qualquer canto que você, você tá aprendendo o tempo/o tempo todo

Cauã: Sim, sim

Karen: É aí, indiretamente eu aprendi também né, se um dia eu tiver aluno cego na aula, porque eu nunca tive alunos com deficiência visual, então indiretamente também me deu uma luz né, e o que eu fiquei pensando é que na verdade eu acho que o desafio maior, num nem ter os alunos cegos na aula, vendo a aula do instituto, mas os que têm deficiência cognitiva

David: É

Karen: Aí eu fico pensando que eu acho que pra mim esse seria o desafio maior, eu, eu se eu tiver um aluno na sala, porque o aluno cego lógico que tem MIL desafios e tal, MAS né, é uma coisa, agora com deficiência cognitiva eu num consigo nem imaginar se

um dia entrar um aluno na sala, sem eu ter formação pra isso, porque que nem, qual é o menino que tem várias/vários problemas, o que dormia é isso?

Alana: Antônio

Rosy: [[Tem Antônio

Cauã: [[Tem Antônio e Daniel

Alana: [[Tem Antônio e tem Daniel

Rosy: E Daniel, e no outro grupo tem Rodrigo

Karen: [[Quais os dois amigos?

David: Rodrigo

Cauã: [[Rodrigo

Karen: Os meninos que ficavam juntos

Alana: Antônio e Daniel

David: Não, Odair

Alana: [Não, não, Odair e

Cauã: [Daniel

David: [[E Daniel maior

Alana: E Daniel, mas Odair não tem

Karen: Então era o Daniel que eu

Alana: É o Daniel, que ele é mais

Karen: [Então aí sabe, aí é complicado

Cauã: Foi, foi, foi

Rosy: Daniel pra falar é um...

Cauã: [Eu posso

Alana: [[A gente tenta, tenta

Cauã: [Então, eu posso falar mais porque assim eu trabalhei durante aulas, geralmente quando a gente dividia grupos eu ficava ou com Antônio ou com Daniel, assim, eu acho que poucas vezes eu fiquei com Odair e Dorina, mas era assim, era um trabalho maior, demandava uma energia maior, porque eu precisava que eles prestassem a atenção no que tava falando, eu precisava ouvir o que eles tavam falando, eu precisava repetir pra que eles entendessem, então foi assim, um trabalho já, assim você já demanda, trabalhar com cego já demanda MUITA energia e quando se tem, e quando o cego, e quando se tem uma deficiência mental, MEU Deus do céu, na/na aula por exemplo, enquanto Alana já tava assim em outra etapa da/da atividade lá da/do/das *strips* que tinha que separar, eu ainda tava fazendo a leitura com/com Daniel, porque eu queria que Daniel

ouvisse Guilherme e que Guilherme ouvisse Daniel e que eles falassem e, mas assim, demanda uma energia muito grande, muito grande

Karen: Literalmente

Alana: E teve/e teve uma situação da gente do cartão pra o dia das mães né, com Daniel, que foi bem complicado, porque não era uma questão de que ele não sabia o que responder é porque ele não tinha o que responder né, nessa situação, ele não tinha convivido com a mãe, foi criado pela avó, então a gente perguntava e ele não queria falar, eu acho que ele não queria falar e a gente continuava insistindo, perguntado aquilo e, depois a gente viu que era um erro e:::/e as vezes é só por uma questão de também timidez, de não saber o que falar, de não saber como relatar as coisas, então fica, foi bem difícil esse/essa/essa aula da gente também

Rosy: É porque a coisa do histórico né, que você já falou, porque muitos alunos, a maioria dos alunos que passam pelo instituto são alunos é... de uma condição financeira bem baixa, então o instituto dá esse apoio, é tanto que os alunos que estudam em escola particular, o instituto ele não atende, por que ele dá esse apoio para os alunos que estão na escola regular, então têm alunos lá, por exemplo os de Teresa, que os pais tem uma condição financeira boa, só que colocam o aluno na escola regular, pra poder ter o apoio do instituto, porque o instituto só aceita nesse processo de dupla matrícula, o aluno na escola regular e no Instituto dos Cegos, então, assim, muitos deles, por exemplo, Daniel, Antônio, Dorina, Odair não, um pouco melhor a situação, mas deles, a situação familiar é muito complexa porque são pais que são envolvidos com drogas, então, é tanto que a própria questão da cegueira vem disso, então assim, é todo um processo, Antônio tem muito, muito problema em casa, aí isso também acaba

David: Claro, refletindo

Rosy: Refletindo na sala de aula, é por isso que vocês ficaram falaram tanto de afetividade

David: [[Não tem como separar

Rosy: Acho que porque eles têm muita essa carência, que eu acho que não tem em outros lugares né, mas enfim eu tomei a voz de vocês ((risos))

David: É exatamente isso mesmo (...) eles trazem esses problemas, como todo aluno trás

Cauã: Sim, sim

David: Só que o deles é bem maior, de natureza mais complicada

Cauã: É, saber lidar com isso não é fácil assim, às vezes a gente não sabe o que dizer ou o que fazer e assim, às vezes a gente nem precisa ter uma resposta imediata, mas saber que aquilo existe e::: assim pensar em como ajudar, eu acho faz já uma diferença

David: Pensar como ajudar e fugindo da famosa piedade né, que não ajuda em nada né

Cauã: [Sim

Alana: [[Não, é botar eles pra (...)

David: [[Deixar, partir pra realidade, enfrentar e pronto (...)

Alana: Eu acho que uma das grandes dificuldades que eu me questionei bastante foi como lidar com a inclusão na escola regular, porque lá tá todo mundo no mesmo

David: É

Alana: Enfim no mesmo ambiente, tá todo mundo com a mesma perspectiva né, mas na escola regular, como lidar com essa situação da inclusão, deve ser MUITO difícil, se já é difícil no instituto né, na escola regular, acho que, na minha cabeça né, é o dobro de dificuldade

Cauã: Não é não, tá, é na realidade mesmo ((risos))

Alana: Porque...

Cauã: [Porque no relato que eles tavam falando que eles deram no/na aula da gente eu fiquei imaginado que tipo de trabalho o professor desenvolve dentro de sala de aula pra incluir esse aluno, eu fiquei imaginado assim, ah aí Rosy falou uma vez que difícil, tem/tem a maquina por exemplo de imprimir braille, mas que::: eles não sabem usar, que pedem, ou pedem ou apoio lá na/na funad ou pedem lá no instituto pra levar o material, eu digo o aluno num tem acesso a por exemplo um texto, se tem um texto grande, ou um livro, eu fiquei imaginando como é que esse aluno poderia acompanhar uma aula, por exemplo de português, eu fiquei imaginado isso “Meu Deus deve ser uma dificuldade enorme”, eles devem

David: [De história, de geografia

Cauã: [[Química

Alana: [[Uma aula de biologia, meu Deus do céu

Cauã: Ai meu Deus, eu fiquei imaginado isso que tipo de trabalho o professor desenvolve em sala de aula pro aluno/ pra incluir aquele aluno, isso que a gente tá falando de aluno cego ((risos)) né, imagine com duas ou três deficiências ou necessidades especiais dentro de sala de aula, um aluno superdotado, um aluno com deficiência mental

Alana: [É a gente não tem isso na graduação, a gente não tá preparado pra isso na graduação de maneira nenhuma então, assim, teve essa experiência, mas foi porque a gente escolheu ir pro instituto, mas não tem nada que prepare a gente como cadeira obrigatória pra isso, por exemplo

Cauã: E quando tem por exemplo Libras, é muito/muito gene/generalista assim, trata de/de/de um recorte que a gente não sabe como é vai lidar depois

Alana: [É, mas por exemplo a gente não tem uma noção de como é dar uma aula pra, é assim você vai aprender Libras por cima, mas

Cauã: [É Be::m por cima, bem por cima

Alana: [[Tu tá entendendo?

Cauã: a, b, c, oi, tchau ((risos)) eu acho que foi isso que ficou

Alana: Justamente, como que a gente vai ensinar a esse aluno?

David: (...)

Cauã: ((risos)) Aí eu fiquei, “Como é que eu vou dar aula, se eu precisar dar aula pra um aluno surdo?”, “Como é que vou fazer?”, eu num sei, Libras é outra língua, eu não domino nem português, inglês, quem dirá Libras, eu não tenho esse tempo hábil pra aprender Libras, pra me comunicar com alguém, bom no instituto foi bem mais fácil porque braille é um sistema né “Ai meu Deus que bom” ((risos)) facilita a vida de todo mundo

Alana: Mesmo assim eu trocava muita coisa

Cauã: A gente ainda troca

Alana: Eu troco bastante

/.../

Rosy: É vocês já, puxando o gancho da/do que Cauã falou, como é que vocês vêm o lugar do instituto na educação dos meninos /.../

Karen: É o espaço deles né, o espaço é deles, se apropriam do espaço e... enfim tem liberdade lá né pra ser né, pra ser né... eles

David: É

Karen: Pra ter voz

Cauã: É muito interessante, eu tava refletindo isso, quando eu tava constr/ desenvolvendo o relatório, meu Deus, aquilo ficou uma porcaria ((risos)) enfim, no relatório eu passei a me questionar

/.../

Cauã: É, eu acho que na construção do meu relatório, eu tava muito preocupado, por exemplo, tem um momento que a gente tem que situar a instituição e eu tava tentando pensar o lugar do Instituto dos Cegos na, assim, dessa perspectiva educacional e eu percebi que o instituto ele é muito, ele vai muito além de uma perspectiva pedagógica, porque ele lida com/com, assim, com a vida dos alunos, assim ele é, assim essa questão da reabilitação é muito, eu fiquei muito MEXIDO com isso, por exemplo, tem um espaço pra que eles, coisas tão ordinárias pra gente, tão comuns assim, é ajeitar o quarto, se movimentar em casa, ir pro banheiro

Alana: [Colocar um carregador na tomada]

Cauã: Exatamente, e assim, coisas que parecem aparentemente simples é todo um processo de reabilitação pra eles... e eu fiquei muito assim, num/o instituto não é só, a sala de aula lá é só um recorte do/da coisa maior que o instituto representa na vida dos alunos

Alana: Ah eu achei uma coisa tão bonitinha, acho que foi no último dia que eu tava, que fui pra lá, tinha uma professora ensinado os meninos a dançar quadrilha

Cauã: Ah que bonitinho

Alana: Ei fiquei “Oh que lindo” da vontade de ficar lá olhando, mas eu não tinha tempo, mas eu achei massa porque provavelmente na escola eles não se sentem muito... bem nesse momento

David: [A vontade com os outros né]

Alana: [[E lá eles podem, eles se sentem a vontade, podem dançar, podem fazer o que quiser (...)]

Rosy: É, eles fizeram a apresentação e perguntaram “Cadê os meninos? “Não vieram?” ((risos))

Karen: Quem sabe na próxima não é?

/.../

Karen: Então, isso que eu ache interessante quando no primeiro dia que eles foram visitar lá e tavam contando pra gente como que tinha sido a ida ao instituto, eu lembro na aula da noite, o Marcos falando, que eu num tinha nenhum, não sabia como era instituto, não imaginava assim, não tinha nada preconcebido assim, mas ele surpreso explicando justamente isso né, que tinha uma parte que parecia uma casa, tinha parte da sala, tinha cozinha, tal, tal, aí que eu fui entendendo essa dimensão que o Cauã tá falando né, e ele tava assim, super, nossa é assim, assim, o Marcos contando,

descrevendo o espaço, e como era grande, como era amplo, como era legal, tal e tal, e aí que entendi isso/isso tudo, que é a proposta né

Cauã: Sim, sim

David: Deve ser parte bem importante na vida deles né, saber que tem um espaço né, uma Ong assim, um instituto voltada pra eles, pra dar todo o apoio e tudo

/.../

Karen: Como se fosse um micro cosmo da vida lá, a parte que é casa, a parte que é escola, a parte que é esporte

Alana: Tem piscina

Karen: Isso

David: [É

Cauã: [[Tem o apoio psicológico é... esqueci, pedagógico ((risos))

David: Em outros ambientes eles devem se sentir meio que um peixe fora d'água né, claro

Cauã: Lá eles se sentem tão integrados, tão apropriados daquilo

David: [[E lá eles se sentem como se estivessem na casa deles

Cauã: [[Que assim, eu acho que eu vi essa apropriação mesmo na maneira como eles se/se locomovem dentro do instituto, meu Deus como é que num batem em uma parede, como é que eles não/não/ assim, Guilherme foi me levar terça/ terça/ na terça feira que eu fui que a Rosy não pode, Guilherme ele foi me levar pra coordenadora pedagógica e ele assim, “Bora eu te levo lá” e ele saiu lá na frente “Meu Deus do céu, me espere” ((risos))

/.../

((risos))

Cauã: “Me espere que eu tenho que ir contigo”, ele foi lá na frente lá, já entrando na biblioteca “Ela tá aqui”, “Fulana tá aqui?”, “Tá” eu fiz “Brigada Guilherme”, “Tá certo, tchau” e foi simhora e eu fiquei lá pra conversar e eu acho que é/tá/essa/eles se apropriam é... eu percebi isso no/na maneira como eles se/se movimentam dentro do instituto

Alana: E como eles interagem entre eles né, naquele momento depois deles saírem do... ai como é, onde eles comem

Cauã: Do refeitório

David: [[Do refeitório

Alana: Quando eles saem do refeitório eles ficam ali naquelas né, eles ficam brincando, conversando, interagindo e eles ficam muito felizes naquele momento ali, eu achei bem legal também ver isso, eles gostam de tá ali, eles tão confortáveis naquele ambiente, até deixam de ir pras aulas pra ficar conversando

((risos))

Alana: Eles matam aula pra ficar conversando, que é muito comum, quem não faz aqui na praça da alegria?

Cauã: Sim, sim

Alana: Então, não julguemos

Cauã: Sem julgamentos, sem julgamentos ((risos))

((risos))

Rosy: Tá e como é que vocês veem o lugar do estágio supervisionado nessa experiência, com a pessoa com deficiência?

/.../

Karen: Eu acho que abriu uma/uma porta, uma janela muito legal pro estágio né, nesse sentido né, que foi uma primeira experiência, uma primeira vivência pra mim, como professora, pros alunos também né, e eu acho que foi assim, superou todas as expectativas de todo mundo né, porque foi uma coisa muito enriquecedora pra todo mundo e pra/pro eixo dos estágios né, essa parceria é super importante

Cauã: Eu acho que foi o que abriu a porta pra/as portas pra gente/prá gente chegar ao instituto né, eu acho que em outro contexto talvez, não/não, por exemplo, é:: eu conheço/eu conheci Gert e ela trabalhou num projeto voltado, dentro do instituto e::: por exemplo, talvez eu não tivesse a oportunidade de participar desse projeto, esse projeto poderia não tá mais vigente hoje né, mas tinha essa oportunidade no estágio, que era, assim, era em outro contexto e talvez ma/muito mais enriquecedor pra formação da gente, do que num projeto por exemplo, que seria algo mais pontual e... assim, tivesse objetivos diferenciados do estágio, o estágio ele se assemelha muito nessa questão da formação do professor em sala de aula, como é que você vai lidar com aquele público, que a sala de aula é uma caixinha de surpresas né, a gente não pode esperar encontrar uma turma heterogênea, bonita, que vai parar, vai ouvir e vai fazer tudo que a gente pede né, e

Karen: [Eu acho legal isso que você tá falando né, que foi assim, foi a: importância de você entrar lá, nesse lugar social de estagiário

Cauã: Sim

Karen: Né, que você chegou lá como estagiário, que foi esse o caminho

David: Que tá lidando com/com essa inclusão que vai além da escola própria em si, porque é pra eles né, pra o pessoal que tá com essa deficiência, que tem essa deficiência, então se lida com isso, com o além do que se espera em uma escola convencional né, que todo mundo lida, todo estagiário já lida, mas tem/tem isso também, tem o além né, eu acho, toda essa situação que você lida, que envolve tudo né, envolve o emotivo, envolve, você se envolve com aquilo ali, claro né, você

Cauã: [E eu acho que foi legal né, falando da minha experiência eu acho que foi legal que eu tive nos, eu cursei dois estágios ao mesmo tempo, os dois estágios práticos e eu tive a oportunidade de experienciar duas experiências, tive a oportunidade de experienciar duas coisas completamente diferentes, uma foi no Instituto dos Cegos e a outra foi na escola regular, eu queria ter essas experiências, eu acho que foi muito enriquecedora ambas né, e/e eu fiquei muito surpreso com o instituto, muito

Karen: Pra qual escola que você foi mesmo?

Cauã: Eu fui pra uma escola de ensino fundamental, no Cristo, eram alunos do sexto ano

Karen: Naquela rua que tem muitas escolas?

Cauã: Isso, eu fui pra última escola

/.../

Rosy: Teve alguma influência de um estágio no outro?

Cauã: Influência.. então, foi engraçado você, legal você perguntar isso porque, como eram contextos completamente diferentes, eu queria compensar uma coisa que eu não fazia em um, no outro ((risos)) por exemplo, no Instituto dos Cegos eu não poderia usar nenhum tipo de recurso visual, teria que ser tudo tátil ou tivesse na base do/da escuta, mas na outra escola eu investi PESADO no visual ((risos))

((risos))

Cauã: Saí imprimindo infográfico, saí imprimindo é... página de *facebook*, imprimi tanta coisa, tanta coisa, até material extra que eu sabia que eu não ia usar eu imprimi ((risos))

Karen: Aproveitou

Cauã: Tudo que eu não podia fazer no instituto visualmente, eu aproveitei no outro estágio

Karen: Valorizou né?

Cauã: [[Mas foi...

Karen: Valorizou

Cauã: Super, super e... e eu acho que foi muito enriquecedor porque, numa, eu tive que trabalhar numa perspectiva completamente diferente, que geralmente em curso de idioma, de inglês, assim, de língua em geral, é muito visual, tudo que a gente faz é muito visual, muito, muito mesmo, tipo, é: a gente apresenta um objeto, “Vamos nomear esse objeto”, o que não pode fazer no Instituto dos Cegos, assim ah, tem que entregar, ele tem que sentir, ele tem que entender aquilo, tem que fazer sentido pra ele, não pode ser uma coisa assim, o pratinho por exemplo, pra eles não fazia sentido ter um pratinho dentro de um jarro, o que pra gente é, pra pessoas sem deficiência ou, deficiente visual né, como é... os videntes, era isso que eu queria dizer, pros videntes super faz sentido aquilo, tem uma função, e foi completamente diferente, foi muito, foi muito, eu acho que foi enriquecedor nesse sentido

Karen: Ficou bem marcado né?

Cauã: Ficou, ficou

Karen: A diferença

Rosy: Puxando esse gancho de Cauã, tu já ensinava né Alana?

Alana: É, sim, já... então pra mim também foi bem complicado quando a gente foi preparar aula eu “Caramba, Cauã, minhas aulas são muito visuais” eu ensino no YYY ((escola de idiomas)), lá é tudo muito visual, inclusive uma aluna do instituto, ela ainda tá lá?

Rosy: Tá

Alana: Ela tinha estudado no YYY e ela saiu justamente por isso, porque não/não tinha condições de incluí-la né, não tinha condições entre aspas né, mas enfim, os professores não conseguiam incluí-la e aí é/é eu ficava preocupada porque minhas aulas são muito visuais, é a forma que consigo puxar a atenção dos alunos pra que eles gostem da aula, e quando eu tinha que preparar uma aula que é o oposto daquilo, foi difícil, era como se tivesse começado do zero, então aquela experiência que eu tinha no YYY ou em qualquer outra escola que eu tive, pra mim, parecia que pra mim não tava valendo nada, apesar que valeu né, a gente conseguiu planejar

Cauã: SUPER, SUPER valeu ((risos))

Alana: (...) mas eu achava que eu tinha que começar do zero, e eu vi que não, que eu conseguia adaptar, a gente conseguiu adaptar muitas coisas, o *hot potato* foi umas das coisas que trabalho muito na sala

Cauã: Eu posso falar que, eu acho que... essa experiência que Alana teve/tem em sala de aula, foi muito, foi muito significativa na hora de planejar o/a aula, porque ela era muito assim sa/ enquanto eu tava viajando numa coisa, Alana “Não, peraí, volta” ((risos)) “Aqui, o chão é aqui criatura” ((risos))

((risos))

Cauã: “Deixa disso”, “Não Cauã, pelo amor de Deus não vai da certo”, ela eram quem me colocava no chão, por conta da experiência dela, acho que eu nem tive a oportunidade de dizer isso, mas se não eu tô dizendo agora, pronto falei ((risos))

((risos))

/.../

Cauã: Porque é, eu acho que foi o diferencial, o diferencial da aula da gente, foi essa experiência de Alana como professora, porque ela sabia, ela tinha tudo muito claro, “ah a gente vai seguir por aqui”, a construção foi é que demorou mesmo, era/porque a gente não sabia muito o como desenvolver, a gente sabia o que queria fazer, mas o como né, esse como foi o desafio e/e a experiência dela contou, assim, foi o diferencial pra/pro planejamento da aula

((risos))

Cauã: Só verdade ((risos))

Alana: Mas falando nisso eu achava que não ia valer de nada e muito pelo contrário eu consegui adaptar essas/essa experiência que eu tive né, e facilitou bastante, apesar de só trabalhar no visual eu consegui e pegando outras coisas

Karen: Renovou o gênero, renovou o gênero profissional ((risos))

Rosy: Foi ((risos), David, tu já tinha ensinado David?

David: Não

Rosy: Foi a primeira experiência de ensino

David: É, eu faço umas palestras assim no meu trabalho, mas é coisa totalmente, numa é coisa assim, na verdade não chega a ser aula aí, mais pra plateia e coisa, mas tudo de trânsito né e, realmente essa preparação da aula foi bem desafiadora, a sorte que nós já tínhamos observado bastante né, Rosy, aí ficamos todo mundo ali, meio que na sombra dela

Alana: Super

Cauã: [[A gente precisava daquilo

Karen: A observação é fundamental né

David: E também a gente, ninguém quer sair muito daquela linha é claro, porque é o que ela vem trabalhando né, com eles e além do mais tem o desafio de você procurar um tema e um gênero que atraia, que prenda a atenção, que atraia a curiosidade deles né, não pode ser uma coisa solta assim

Cauã: [Que era o que a gente ficava questionando, “O que é que faz sentido pra esses meninos?” ((risos))

David: [[Tem que ser aquela coisa transversal

Alana: (...)

David: (...)

Alana: E o engraçado foi que a gente “ah então vamos falar sobre os jogos paraolímpicos”, a gente começou a criar, num sei o que, “Vamos ligar pra Rosy”, “Não, mas os meninos já vão falar sobre isso”

David: Foi

Alana: O mundo caiu

Cauã: O mundo caiu pra gente na hora

((risos))

Cauã: A gente fez “Não, vamos lanchar porque se não a gente não vai conseguir pensar em nada”

Alana: A saiu pra lanchar, aí a gente consegui num foi, pensar na

Cauã: [“Vamos falar de bullying”

/.../

Karen: Engraçado vocês tiveram a mesma ideia

Alana: Foi

David: [[Foi

Cauã: [[Foi

Karen: Os quatro com a mesma ideia

Rosy: Foi... “Mas os meninos já pensaram nisso” ((risos))

Cauã: Aí Alana, “Alana, vamos ligar pra Rosy pra perguntar sobre o bullying” “Liga tu, eu num vou ligar mais não”, “Eu tô sem coragem de perguntar a ela, liga tu”, “Tá certo” “Só chama Alana” ((risos))

Rosy: Pra vocês, eu acho que vocês já responderam um pouco e se ficar repetitivo a gente passa, qual foi assim a maior contribuição da experiência

Cauã: Dentro do Instituto?

Alana: Lidar com esse mundo novo né, que a gente não tinha noção nenhuma

Cauã: Não tinha parâmetro

Alana: Foi o mais enriquecedor é:: aprender alguma coisa sobre o que pelo menos pra mim não fazia sentido nenhum, porque eu não tinha noção de como era, quando eu tive a experiência foi que eu notei que não sabia nada, que eu achava que eu podia ter alguma ideia de como poderia ser, mas quando eu entrei lá, que vi você dando aula, que eu vi os alunos interagindo, que eu vi como era que a coisa funcionava, eu fiz “Poxa, realmente não sei de nada”, então foi enriquecedor nesse sentido, conhecer esse novo mundo, conhecer essa nova perspectiva de dar uma aula é... uma aula inclusiva, uma aula diferente, com diferentes propostas né, pra mim foi isso

Cauã: É, eu acho, pra mim também, nesse sentido de que eu posso dizer hoje que, como eu disse a pouco né, que eu/eu não sei se eu tô preparado pra dar aula pra cego, mas pelo menos agora eu tenho um caminho, eu posso dizer, eu posso, e/é uma das coisas que me chamou a atenção nessa/nessa construção foi poder contribuir pra Rosy com o que eu observava, eu acho que foi muito legal, eu tive tanto isso com/no estágio com/com Rosy, quanto com o outro professor, eu sempre observava as coisas assim “Hm, eu acho que ficaria mais interessante pensar isso assim, assim, assado”, aí eu ia dizer a Rosy “Ah adorei!” ((risos)) “Adorei”, meu Deus ((risos))

Cauã: Mas, é:: no geral foi pensar nisso pra minha formação, agora eu posso dizer que eu tenho um norte, eu posso... e é legal ter alguém pra partilhar, acho que foi bom entrar em dupla com Alana pra poder “Alana, pelo amor de Deus”, “E isso, e isso” e a gente ficava discutindo, conversando e, no planejar da aula foi, foi muito louco, a gente

Alana: As vezes Rosy falava “Gente, vocês precisam parar de conversar”, a gente tava falando sobre a aula

((risos))

/.../

David: Uma coisa importante nesse/nesse processo todo é que o estagiário se sente fazendo parte do processo né, então ele realmente, nós fizemos parte nesse tempinho que estivemos lá, participando mesmo, isso que é importante, não apenas de longe observando, tentando pegar um modelo, uma coisinha assim

Cauã: Eu acho que a gente nunca teve esse negócio de só observação, era tudo assim “Observação, colaboração” ((risos))

((risos))

Cauã: De repente Rosy “Pronto, agora vocês assumem”, “Ahn?”

Alana: “Você fica ali, num sei o que” e a gente “Ai meu Deus” e quando/quando eles escreviam errado eu ia perturbar Rosy “Rosy isso aqui”

(...)

Alana: “Odair você errou de novo, num sei o que, tem que corrigir”, Odair errava bastante né, tem um problema em... sempre tinha que corrigir, porque ele não prestava a atenção, só falta de atenção eu acho né

David: Não fizemos nossas aulas de braille direitinho né (...)

Alana: É a gente não conseguia, Cauã conseguia desenrolar mais, mas

Cauã: [Não, consegui depois né, que tomei vergonha na cara ((risos))

David: Com aquela filinha, com aquela filinha que ela deu ((risos))

Cauã: Eu olhava assim já estava me sentindo um máximo, sabia bem pouquinho, ainda sei de umas letras, as outras faço menor ideia, mas é, é::: depois que Rosy reclamou, ela disse “Vocês não tão fazendo a tarefa”

Rosy: Claro

((risos))

Cauã: Eu cheio de disciplinas pra dar conta, eu “Meu Deus do céu, vou usar aquele aplicativo que ela indicou”, que ela indicou um aplicativo e eu ficava lá brincando “Ah, acertei, acertei, acertei” eu ainda tenho ele, eu às vezes fico lá, ou pra não esquecer os que eu já sei, só não consigo aprender os novos, mas tudo bem, é, eu ia dizer outra coisa e esqueci ((risos))

/.../

Karen: Então, eu acho só, pensando no que/ no que tá sendo dito aqui, eu acho assim, que isso de entrar de dupla é essen/ é fundamental e não só o Instituto dos Cegos, mas essa/nessa situação fica mais evidente ainda né, essa de coisa de como é importante entrar junto, um dar força pro outro né, então fica bem evidente isso, outra coisa legal que você falou Cauã, essa coisa de “Pois é, não é que eu sei dar aula pra cegos e tal, mas eu tenho um norte”, que eu acho que isso que a gente precisa tentar na licenciatura, essa coisa, “Ai, nada me preparou”, “Eu não sei dar aula”, não é bem assim, se a gente dá condições pro aluno assim, se sentir capaz de li/ de avaliar situações novas, e poder lidar com essas situações novas, é só isso que a gente pode fazer, a gente não pode dar conta de todos os contextos na licenciatura, é muito difícil, mas se dá condições de você poder entender a situação e o como começar, e como desenvolver um trabalho, nossa a gente já deu passos enormes acho que com esse estágio né

Alana: Desperta a curiosidade do professor né, de ensinar nesse

Cauã: [Eu só acho uma pequena que isso só seja restringido, por exemplo ao estágio

Karen: Mas já foi uma conquista imensa

Cauã: É

Karen: É muito, é/é uma coisa pequena, mas já é um passo gigantesco

Alana: Mas já tá começando né

Karen: Porque tudo demora, depende de convênios, depende das parcerias com os professores nas escolas, porque essa é assim, é completamente diferente quando você tem uma professora colaboradora que quer estagiários, que espera estagiários, entendeu?

Cauã: Sim, sim

Karen: Então é completamente diferente, então foi essa, agora que a gente teve essa/essa, digamos que/que surgiram essas condições favoráveis

David: É um conjunto de condições que derma certo né

Karen: E outra coisa, embora fique eu já, fique parecendo que eu só assisti um pouquinho porque eu só fui observar lá, não foi só aquilo, porque desde a primeira vez que eles entraram né, eu acompan/ eu acompanhei, eu já tava lá, pelas percepções dos alunos né, pelas trocas na aula, quer dizer, eu já sa/ eu tava, eu/eu pude ter... com a partilha deles eu pude acompanhar o semestre todo no instituto, não que eu só cheguei lá né no dia que fui observar, como se eu não tivesse né, tido lá, porque foram muitas é:: conversas

Alana: E a gente foi bem presentes né no/nos estágios

Karen: Exatamente, exatamente

Alana: Tinha gente que faltava muito, mas a gente sempre ia

Cauã: Sempre tava lá

Alana: Sempre tava lá

Karen: Porque tinham o que falar, porque precisavam do grupo né, são todas essas condições, o estágio é isso, é eu entendo o estágio, quando todo mundo já foi pras escolas eu digo, mas eu tô sempre lá, é só me chamar que eu vou, sem ser os encontros quinzenais, mas qualquer coisa, a gente ia toda semana, não ia?

Alana: Era quinze em quinze dias

Cauã: Não, era toda semana, depois de quinze e quinze

Alana: A gente se encontrava até mais

Karen: Porque na verdade eu vejo, eu entendo assim esse espaço, depois da disciplina, depois de certo ponto né, um espaço de partilha mesmo e/e enfim né, não é sempre que se cria esse coletivo de trabalho no estágio, mas é essa a minha proposta né, de

ter/conseguir construir esse/esse/essa comunidade de prática (...) porque justamente né, é aí que a gente acompanha, que vai construindo o processo lá também, dando mais suporte nas horas

Cauã: [Eu acho que isso foi bastante significativo, pela experi/ pelo que aconteceu comigo e eu poder trazer isso pra sala de aula

Karen: Exatamente

Cauã: Que às vezes certas coisas acontecem e fica assim, limitado a sala de aula, fica lá no/no contexto do estágio né, aconteceu alguma coisa, problema com aluno e aquilo fica lá na escola, num chega na sala de aula, ou quando chega, chega por/chega a um colega, chega a outro, alguém mais próximo que você compartilha uma frustração ou outra, mas /.../

Rosy: Karen tava informada de tudo

Cauã: Tava por dentro de tudo

Karen: [[Tudo

Rosy: No dia que chegou pra assistir a aula sabia quem era Dorina, sabia

Karen: [Nossa, sabia... eu não tava vendo o rosto das pessoas, mas eu digo eram todos personagens conhecidos

((risos))

Karen: Eu tava acompanhando a novela indiretamente

Cauã: Rádio, via rádio ((risos))

Karen: Exatamente, via rádio, na rádio corredor, mas é, então nesse sentido, foi o semestre inteiro eu tava tendo essa oportunidade de acompanhar, de entender o que tava acontecendo lá, como era, tanto que era só uma questão de VER, eu tava sentindo muito isso no dia que eu fui lá, eu conhecia as histórias né, mas aí tava vendo, eu tava entendendo, eu tava vivenciando aquilo né, mas indiretamente eu tava lá o semestre inteiro, eram histórias muito contundentes também né, intensas né, eu já tava entendendo a situação e aprendendo né, ao longo do semestre, aprendendo muito assim

Rosy: Tá, de maneira geral assim, como é que vocês compreendem a relevância dessa experiência de trabalho com a pessoa com deficiência pra formação, vocês já tocaram nisso também, em termos de formação mesmo

Alana: Tu repete?

Rosy: É pra vocês, formação inicial, pra professora formação continuada, que ela tava aí nesse processo aprendendo, como ela falou né, é, de maneira geral, como é que vocês compreendem a relevância da experiência de/de estagiar com a pessoa com deficiência

visual pra formação de vocês, porque vocês falaram né, Alana disse “A gente optou tá lá né”, a professora fez a sugestão, muito obrigada professora

((risos))

Rosy: Vou agradecer eternamente né, porque a professora foi assim uma parceira nesse processo né, eu já disse isso pra ela porque é:: eu sempre quis essa experiência, desde que entrei no instituto, eu queria que outras pessoas tivessem a oportunidade que eu tive, e aí eu sempre tentei muito, mas a gente esbarrava numa coisa muito burocrática, que eram as parcerias e a gente ficava né professora, todo semestre

Karen: “Esse semestre?”, “E aí Rosy, possa mandar nesse semestre?”, “E aí, esse semestre eu posso?”, foi um tempão

Rosy: Foi e a gente ficava nisso é/e aí quando finalmente eu

Karen: [Aí teve a história daquela professora itinerante

Rosy: Sim

Karen: Foi uma novela

Rosy: Foi, porque aí eu sou voluntária e de início não pode receber, aí começa todo um processo né, a gente atrasou muito isso por conta de questões burocráticas e aí a professora é:: deu todo esse apoio e quando finalmente, “Professora, pode” ((risos))

Cauã: “É agora”

((risos))

/.../

Rosy: Pois é, ela fundamental nesse/nesse processo de/de abrir as portas mesmo, porque vocês foram a primeira turma e agora ela tá indicando outros, eu já tô assim, muito feliz com isso, porque vai dando essa oportunidade, porque... eu entendo a partir da experiência que eu tenho lá que é muito importante pro aluno né, eu sentia essa necessidade, e aí eu acho que é isso mesmo, Karen tá nesse processo aí, abrindo os caminhos pra gente, mandando esse meninos, é tanto que eu fico “Será que Karen vai indicar”, “Esse semestre será que ela vai indicar os meninos” né, toda assim, aí quando ela manda o email “Olha, vão tantos alunos lhe procurar”, eu “Ai que coisa boa” ((risos)) Aí é isso, eu queria que vocês dissessem assim como vocês tão vendo a relevância de ter tido essa experiência no estágio né, porque Karen indicou, mas vocês escolheram ir, poderiam dizer não também né e ir pra outro local, então como é que vocês veem a relevância da experiência do estágio acontecer em um local que vocês tem alunos com deficiência, pra professora também em termos de formação

Karen: Não, eu acho que em primeiro lugar, como Cauã falou, foi uma experiência única NO currículo se a gente for pensar, é muito pouco, é, mas eu tô dizendo, foi/ foi, no que a gente tem agora né

David: Uma situação extraordinária né, porque se lidar com diferenças, na verdade, geralmente que vai a diferença somos nós né, então se você lidar com, se você se comprometer com uma coisa, então essa diferença praticamente que quase que some, agora foi uma questão de opção né, nós optamos, mas é como Karen disse, você, de repente você pega uma turma e de repente tem um aluno ou dois quem sabe com alguma deficiência quem sabe, que pode não ser só a cegueira, então se você já lidou com isso é claro que vai te preparar, imensamente, pra o que vier né, pra você lidar com isso de uma maneira

Karen: [Já tem essa memória né

David: Isso

Karen: Já tá nos seus pré-construídos, essa vivência

David: Exatamente, porque pra o aluno importante é se sentir incluído né, todo aluno claro, mas eles mais ainda, precisam muito mais disso

Cauã: Eu fiquei imaginado é::: a partir da experiência que eu tive né, eu nunca trabalhei com o ensino de língua inglesa e quando eu fui, foi nesse contexto, eu fiquei imaginando, eu fico me perguntando assim é... “Se fosse um outro aluno?”, se eu chegasse pra outro aluno, por exemplo, sétimo período e perguntasse assim “Você se sente pronto pra dar aula de inglês?”... provavelmente a resposta dele seria “Não” e eu perguntar “Você se sente pronto pra dar aula de inglês para cegos?” ((risos))

Alana: Ia tentar se matar (...)

Cauã: Pois é, alguma coisa desse gênero né e... eu fiquei imaginando isso o tempo todo, eu fiquei eu parar alguém “Você tá preparado pra dar aula de inglês?”, nas/nas minhas condições, que nunca trabalhou com língua inglesa, que estuda somente, nunca teve a experiência de sala de aula e::: que geralmente na formação se tem, se sente-se algumas lacunas num é, eu acho que na formação em geral, não chega a ser só no/na graduação de Letras ou, na formação geral é... de um primeiro, de uma primeira graduação né, de uma primeira formação e/é, tanto que depois tem as especializações que você vai seguir pra uma área de interesse e tudo mais, e você se sente mais “Ok, nessa área eu tô pronto” “Posso dar... eu domino alguma coisa na minha vida, então eu posso fazer”, mas eu acho que teve essa relevância pra essa formação inicial é... ter esse norte do que é que a gente vai fazer, se a gente se deparar um dia com algum aluno com deficiência a

gente já sabe “Opa, tive aluno cego”, “Ok, o que quê eu lembro disso? “O que quê, no que quê vai me ajudar essa experiência?”, “Como é que eu vou é:: desenvolver?”, “Quais são as estratégias que eu vou ter que usar?”, “O que é que eu vou ter que pesquisar pra saber sobre esse aluno, sobre essa deficiência?”, “Como é que eu vou é:: interagir com esse aluno?”, “Qual o trabalho diferenciado que eu vou poder promover?” porque a gente nunca sabe o que vai encontrar em sala de aula, mas NUNCA mesmo, num sabe como é que vai ser minha relação com aluno, como é que vai ser com a turma, com a direção, com o conteúdo, os alunos com o conteúdo, os alunos com os alunos, enfim, são é/são muitas variáveis pra lidar, então eu acho que foi muito enriquecedor nesse sentido da gente poder ter uma perspectiva de trabalhar isso, de agora em diante, assim, saber pelo menos o/os passos que a gente vai poder dar

Alana: Eu acho que é isso mesmo, também tinha falado, a gente já tinha comentado sobre isso né, essa/esse início, esse primeiro passo mesmo, que ficou mais claro pra gente como começar e que não é tão complicado quanto a gente imagina e possível... e talvez isso abra as portas para outras deficiências que a gente vai começar “Não, então... eu tenho condições de procurar mais e ler mais sobre essa outra e talvez tentar e:: fazer alguma coisa, ter mais conhecimento sobre aquilo” é um primeiro passo pra ajudar, nos próximos caminhos que estão por vir

Rosy: E, professora, a senhora como formadora, como foi essa experiência nesse/nessa sua, como formadora mesmo

Karen: Pois é, assim, eu acho que nesse sentido eu tava no mesmo barco que eles, porque era uma experiência nova pra mim né, eu nunca tive alunos cegos na sala de aula, num tinha, não tava no projeto, já tinha ouvido falar muito né, desde que a Teresa começou lá atrás no Rodrigo Mendes, quando ela era assessora, enfim quando ela começou a história toda, porque uma professora tinha alunos cegos, então desde aquela época eu acompanho o projeto da Teresa pelas nossas conversas, ela vai contando, contando e o projeto crescendo, crescendo... eu orientei a Valéria

Rosy: Sim

Karen: Então eu também tinha esse outro olhar do instituto porque a Valéria foi professora de espanhol no instituto e foi muito engraçado eu orientar, eu falando “Valéria, a gente precisa agendar pra mim ir lá conhecer” eu só fui conhecer o instituto depois dela conhecer, em fevereiro, março, sei lá quando ela defendeu, mas então eu fiquei dois anos também né, pela Valéria, ouvindo falar do instituto, porque ela tinha/tinha as participantes da pesquisa que eram voluntárias lá, bolsistas, mas eu acho

que é, eu digo a mesma, eu tô falando isso tudo pra dizer a mesma coisa que eles né, no sentido, acho que são duas coisas, uma é tá acompanhando estagiários no instituto, isso é uma/uma pó/ uma/uma interface, mais um lado meu, lado profissional que se abriu novo pra mim é tá acompanhando alunos nesse contexto, que eu aprendi muito, enfim, de muitas/de muitas maneiras, e a outra coisa, isso/isso é uma coisa eu professora de estágio, com estagiários lá e uma outra coisa é se eu tiver algum dia, aluno cego na minha aula, é como vocês estavam falando, eu tenho um norte que eu não tinha antes desses alunos, desses meus, de vocês estarem lá, que por eu tá acompanhando o semestre inteiro, ouvindo os desafios, ouvindo o portfólio, vendo né (...) foi mais assim concreto do que, assim, tinha coisas que eu via né, na dissertação da Valéria, mas foi diferente porque eu vive/ eu não vivenciei o que eles vivenciaram lá, mas eu vivenciei indiretamente pelos relatos, então eu acho que são essas duas coisas né, eu já não vou me sentir, se um dia eu tiver um aluno cego eu não vou me sentir tão perdida, que nem vocês

Cauã: [Corre pro portfólio ((risos))

((risos))

Karen: Reler os relatórios, reler a dissertação da Valéria, depois falar com a Rosy pra vir conversar com os alunos

((risos))

Karen: Mas enfim é muito complicado, eu tava pensando agora, porque vamos supor, eu tô com duas disciplinas de avançado, eu tô com avançado um e dois e a gen/eu fiquei meio, precisei conhecer a turma pra de/definir uma série de coisas, então se eu tive uma/assim e/e fui decidindo umas leituras para as primeiras aulas aí eu fiquei pensando, se eu tivesse um aluno cego eu não teria tempo de, quanto tempo leva pra traduzir o texto?

Rosy: Como assim, pra imprimir?

Karen: Pra/prá fazer, pra passar braille

Rosy: Não, lá no instituto eu mando num dia eles fazem, no outro dia já entregam, mas aqui tem um núcleo de impressão chamado Nedespe

Karen: Não, mas o tempo como é?

Rosy: O tempo de impressão depende do tamanho do texto

Karen: Pois é, eu fiquei preocupada com isso, tem coisas que a gente vai incluindo na aula de repente, surge uma ideia, “ah vamos fazer isso pra aula semana que vem”, é isso que eu tô querendo dizer, aí eu fiquei pensando “Meu Deus” aí eu tô com um aluno lá,

num digo nem o aluno antes que você precisa né vê, mas/tá/bom/mas ai eu fico pensando “Gente, eu” eu fiquei pensando “Será que eu conseguiria ter esse texto impre/impresso em braille a tempo pra aula?” né, fiquei pensando na questão dos materiais

Rosy: Entendi

Karen: Na aula aqui, quando a gente às vezes precisa é muito flexível, ah... e os textos são maiores, por exemplo do avançado dois, do que no avançado um, do que dos menos avançados, eu fiquei pensando nessa questão da/da tradução

Cauã: [Um textinho assim é uma folha

Alana: É

Karen: Então eu fiquei pensando na questão do tempo né, será/ o quanto eu teria que planejar como professora de língua, eu num digo nem, assim de língua, como é o inglês? Tranquilo pra impressão? Pro braille?

Rosy: É tranquilo porque é só um sistema (...)

Cauã: É só um sistema ((com tom de ironia)) ((risos))

((risos))

Karen: Mágico ((risos)), mas então essa foi uma das coisas que fiquei pensando né, em função desse trabalho (...) que agora eu tô com língua inglesa, como seria a questão né da/do planejamento, dos materi/ dos materiais né, os materi/os materiais são TÃO importantes pra essa/prá essa/prá esse contexto

David: Demais (...)

Karen: Né, então, entendeu, então no avançado dois que a gente tem muito texto né, que eles já não gostam de escrever

/.../

Karen: Mas então eu fiquei pensando nisso né, como/como/como eu já, mas enfim acho que isso já é um aprendizado, já tô enxergando né, eu já tô, já fico pensando, porque não estavam no meu horizonte, acho que é uma questão de tempo, alguma hora eu vou ter um aluno deficiente, eu também não tive formação, então acho que foi isso que eu trago assim desse estágio né, tive uma vivência mais concreta né, do que é trabalhar com deficiências, no caso, visual e eu acho também que é que nem a Alana falou “Pra quem se aprende uma primeira língua, a segunda já é mais fácil”

((risos))

Karen: Não dizem isso né? Que você já abriu uma portinha

David: Claro

Karen: Então assim, você já sabe né, você já tem noção por ter vivenciado uma sala de aula com cegos né, não seria um bicho de sete cabeças gigante tá com surdo, tá com

Cauã: [Só um bicho de duas cabeças ((risos))]

Karen: É ((risos)), mas já teria um caminho

Alana: Já teria um caminho, você já tá mais disposta, mais

Karen: [Você consegue enxergar, é menos pânico, é menos

David: Isso

Karen: Essa sensação de insegurança né, eu acho que tem isso também né, que ajuda pra/prá esse mundo né todo da diversidade, das diferenças, que a gente realmente tem pouco espaço no currículo né, mas são esses pequenos espaços que a gente tá ganhando, é um projeto aqui, é um prolicem lá, um pibic lá, né, um estágio

Rosy: É, eu acho que

Karen: São as/pelas beradas que a gente vai entrando né

David: tem que ser assim né, mesmo que seja aos poucos, mas faz

Karen: Porque é muito rígido o currículo

David: Tem que começar, não pode ficar só pensando

Karen: [[A gente não consegue quebrar há anos

David: Tem que agir, tem que tentar fazer alguma coisa

Karen: É, ir criando esses espaços na marra

Alana: Exato

Rosy: É, eu acho que, assim, foi um ganho enorme

Karen: Porque é muito diferente do que, o curso né, você depois de um certo momento tava né, no prolicen, pibic, nos projetos da Teresa né, na época da Rosy não tinha estágio, aliás o estágio era diferente deste ago/ você já fez estágio aqui né? não era na educação, você já pegou o currículo novo né?

Rosy: Já, Já, eu já peguei aqui

Karen: Pois é, é que mudou tanto em pouco tempo, o estágio antigamente ficava na educação, num era NADA do que é agora, então embora agora tenha problemas, antes tinha ma/ é que não dá pro pessoal ter noção, era mais problemático ainda antes, porque era como se os alunos escapassem da gente lá no estágio, iam pra educação e era no centro de línguas, só

David: [Mudou muito né?

Karen: Mudou MUITO

David: Você viu, você viu Livia dizendo que no tempo dela a professora mandou trazer uma turma pra cá

Karen: É

Rosy: Traz a turma pra universidade ((risos))

David: Trouxe, convidou, aí os alunos vieram pra cá, pra ela dar aula aqui

/.../

Karen: Então, a gente, são conquistas, é que é um trabalho de formiguinha gente

David: É

Karen: São conquistas que parecem pequenas, mas SÃO imensas

Rosy: São imensas é

Karen: Magina se no estágio né, as pesso/ né, muita gente que na sua época não teve essa influ/vontade de ir pro pibic e tal, mas o estágio ter essa oportunidade, é o que você propiciou Rosy

David: É

Rosy: É, eu acho que, eu acho que num é/num é pouco não, foi muita coisa mesmo já ter conseguido esse estágio

Karen: A gente sabe né Rosy

Rosy: E até pra quem tá lá né, porque falando assim como professora lá mesmo do instituto, receber estagiário, assim, pra mim foi muito importante enquanto professora né, eu relatei isso no/no sesle né, porque assim, a gente tá lá e acaba que por mais que a gente vá, como vocês disseram ah, eu/eu realmente é uma coisa que eu adoro fazer é adaptar material, eu fico imaginando a coisa mais difícil que tiver pra mim fazer, é assim, uma coisa eu gosto, é/é desafiante, aquilo me faz muito bem, mas assim eu tô lá já desde dois mil e nove que eu venho trabalhando nisso com Teresa e acaba que a gente é, não tem outra visão daquilo, eu digo assim, ter um olhar diferente contribui muito, então quando vocês chegaram eu fiquei muito assim “Eita caramba, eles vão pensar em coisas que NUNCA pensei” e de fato assim vocês, quando Cauã dizia “Não, eu acho que se você fizer assim vai ser melhor” aí eu “Ah”, então assim, nunca tinha parado pra pensar naquilo, nunca, então quando vocês começavam a falar, na aula de vocês eu fiquei assim, “Meu Deus”

Karen: As aulas foram lindas na

Rosy: É, foi assim, foi fantástico, eu ficava ((expressão de encantamento)), quando vocês foram trabalhar o texto, eu “Ah que alegria, vão trabalhar o texto eu quero ver como vai ser” então assim é

Karen: [Não, e quiseram o desafio né

Rosy: Exatamente

Karen: Inspirados, inspirados em você

Rosy: É, é, tomaram o desafio, então assim, pra mim foi, enquanto professora lá, foi enriquecedor a experiência que eu tive com vocês, eu acho assim muito importante, não só pra vocês, mas

Karen: Porque você ficava muito isolada lá nera Rosy

Rosy: Exatamente “Quem quer ir pro instituto?” eu pensava, “Eu nunca vou ter estagiário” ((risos))

((risos))

Karen: Eis que surgiram ((risos)) ao vivo e a cores

David: De repente ((risos))

Rosy: É, era um drama, vocês não têm ideia, porque eu pensava “Ninguém nunca vai querer vir prá cá” né, porque assim, o estágio a pessoa “Ah meu Deus já vou ter que ir pra escola”, todo um processo que a gente tinha, passa uma coisa burocrática, eu dizia “Quando os meninos pensarem, os meninos tem deficiência visual” e pensar na língua inglesa que é MUito visual, eles não querer, então assim eu ficava nessa angústia né, de/de ter alguém, de ter alguém pra compartilhar, então eu acho que essa minha necessidade de tá o tempo todo dando coisinhas pra vocês, toda aula, toda aula, é porque eu queria compartilhar, queria receber, então eu acho que foi muito importante pra mim, tá sendo importante essa/essa parceria, ter estagiários, eu acho que não foi uma coisa pequena, na verdade foi uma coisa muito grande, mexeu MUITO não só pra vocês, como vocês relataram, pra professora, mas também quem tá lá no instituto, até pros meninos também que tiveram esse outro contato

David: É pros meninos, pros meninos também foi bem interessante

Karen: Pois é pra eles, eles/eles falaram, alguém/alguém, assim, você teve algum depoimento deles em relação aos estagiários, as aulas

Cauã: Pré e pós ((risos))

((risos))

Alana: Eu lembro que assim que a gente chegou é, Antônio falou assim “Eita”, você falou que tinha estagiários, aí ele fez “Eita, estagiários”, e aí, deu a entender, aí ele ficou cochichando com Dorina e deu a entender que ele tinha tido uma experiência com estagiário MUito ruim e inclusive ele, eu notei que ele ficou bem fechado no início, e depois ele tava mais tranquilo, mas eu fiquei curiosa pra saber o que tinha sido isso,

não/não que ele tivesse que contar, mas assim, o que foi que aconteceu que foi tão ruim pra ele ter essa experiênci/ pra ele ter essa negatividade tão grande dos/dos estagiários, tu sabe, não?

Rosy: Não, é porque os meninos é, muitas pessoas vão no instituto, isso é uma questão que eu acho que faz parte da própria/da própria/ do próprio contexto né, por ser um instituto de cegos, muitas pessoas elas vão pra o instituto é... assim, é muito rápido né, tipo assim os meninos são objeto de investigação, vamos entrevistar, vamos fazer isso né

Karen: É como os professores nas escolas se sentem muitas vezes né

Rosy: É aí os meninos sa/

Karen: [E são os que não querem receber estagiários porque já sentiram isso né, que aula deles é, cedem e depois não tem um retorno

(...)

Rosy: É, é meio cobaia né, e aí eles se sentem meio cobaia, se vocês perguntarem a eles, todos já forma ali entrevistados assim, porque sempre tem essa coisa né e, enfim, é aquele ser diferente que alguém vai lá ver e/e entrevistar pra saber alguma coisa

Cauã: (...)

Rosy: É assim que eles se sentem muitas vezes, então por isso que no início tem essa “Opa né, tá chegando alguém aqui pra novamente fazer o mesmo processo comigo”, tem isso também né

David: É

Karen: É engraçado que um texto que a gente deu na pós, aquele de Cavalcanti que ela pesquisa/pesquisava, que ela tinha um projeto com escola indígena no Acre, os índios falaram isso, os indígenas “Porque que tem tanta gente da universidade pesquisando a gente aqui” ((risos))

((risos))

Karen: “O que é pesquisa?”, eles perguntam pra professora, e a professora decide fazer pesquisa-ação, deles sendo pesquisadores né, é um/é um texto muito legal, num sei se você lembra desse texto, da Marilda Cavalcanti

Rosy: Lembro, lembro sim

Karen: Do livro lá do Moita Lopes, mas aí tão legal, porque é bem isso né “Mas porque veem tanto pesquisar a gente?”

David: É

Rosy: E aí eu acho que foi legal com vocês porque eles tiveram essa né, ficaram um pouco mais assim nos primeiros dias com vocês né, e depois eles perceberam e aí eu acho que essa coisa de inserir vocês logo, de não deixar só observando

Karen: Sei

Rosy: Era também o meu receio de/de mostrar pra eles “Olha, eles não tão aqui só pra ficar observando vocês não entendeu”, “Eles tão aqui pra ajudar”

David: Participar um pouco, ajudar

Karen: E pra aprender

Cauã: (...)

Karen: E aprender é... professores né, aluno-professor

David: [[É a gente acaba sempre isso também, a gente tava ali pra aprender

Karen: Pra aprender a profissão, aprender a também né

Rosy: E aí foi isso, eles foram se abrindo, e acabou que eles criaram uma relação muito positiva com vocês, é, eu acho que não tive problemas com relação a isso, a gente teve o episódio de Cauã que foi a afetividade *over* ((risos))

((risos))

Karen: Eles tão sabendo que vão mais estagiários?

Rosy: Sim, já estão sabendo

Karen: E como que eles reagiram?

Rosy: Não, foi super tranquilo “E vai chegar quando?” “E são quantos?”

Karen: ((risos))

Cauã: Tão animados

Rosy: “E são quantos?” eu disse “Eu não sei ainda”

Karen: Eu vi que Lívia também tava mandando,

Rosy: É teve um menino de Lívia que foi

Karen: As minhas acho que vão ser três

Rosy: Teve um menino de Lívia que foi, mas ele tá tendo um curso na Funad e acabou que ele vai fazer esse curso primeiro, mas aí ele já foi e no primeiro dia que ele foi eu já, passou um pedacinho lá sentado, eu já trouxe ele também porque, pros meninos verem que eles tão ali também colaborando o tempo todo, porque eles querem esse retorno também né, eu acho que eles sentem essa necessidade, eu acho que foi legal, eu fiquei muito feliz com a relação que eles construíram com vocês, Toda vez eles perguntam

Karen: É?

Rosy: “E David?”

Karen? É? Eles perguntam?

Rosy: Perguntam “E Cauã?” “E Alana?”

Karen: Você vai ter que ir lá de novo visitar eles

David: Eu fui terça-feira

Karen: Ai que legal

Rosy: E assim eles perguntam muito “E os meninos” eu disse “Não porque o estágio deles já acabou”

David: (...)

Karen: “Vão vir outros”

Rosy: “E agora vai vir uma nova turma e tal” “E os meninos num vem nem visitar” eu disse “Eu num sei”

David: Eu já passei lá ontem

Karen: Vocês, gente vai ter que ir

David: É

Cauã: A gente vai ter que ir

Rosy: Então assim, eles criaram uma relação muito boa com vocês, mas tem esse lado, que muitas vezes eles se sentem essa/esse ser diferente que alguém vem olhar, tem isso também, é tanto que o instituto também passa muito por isso

Karen: [Cuida

Rosy: É, dessa coisa de “Ah então vem aqui, faz... depois vai”

Cauã: [Vai simbora

Rosy: Tem/tem esse lado que, eu acho que faz parte do contexto de/de muitas

Karen: É

Rosy: Instituições de educação especial né

Cauã: Eu lembro que Dorina disse “Vocês são tão legais, quando vocês forem embora a gente vai sentir saudades”

Rosy: É

Karen: Eu pensei nisso, a perda né, vem o apego e a perda

David: É

Rosy: Eles ficam “Não vem ninguém?”

((risos))

Rosy: E eu “Ai meu Deus eu não sou mais suficiente”

((risos))

Rosy: Aí eles ficaram rindo “Não, num é isso não”, “Vocês não gostam mais de mim”

((risos))

Rosy: Aí eles “Não, não é isso não professora” que fica aquela coisa, cria essa relação né, eles estavam acostumados a/a ter esse apoio de vocês e tudo mais, então eu acho que é fundamental isso pra o professora na sala de aula né, falando dessa minha primeira experiência foi fundamental assim, a coisa do estágio, acho que enriquece tanto pra gente quanto pros meninos, fora a questão de sotaque que eles puderam ter esse acesso a esses diferentes sotaques né, então foi muito produtivo, foi um grande passo, não foi uma coisa pequena NÃO ((risos))

((risos))

Rosy: Eu sou muito otimista, eu muito mesmo assim nesse sentido, mas é isso gente, vocês têm alguma coisa mais, assim eu fiz essas questões assim pra nortear um pouco nesse processo, mas eu queria vocês ficassem a vontade pra falar alguma coisa a mais que vocês não, eu não consegui é:: incitar aqui pra vocês falarem, fiquem a vontade

((silêncio))

Rosy: Vou até comer um suspiro esperando

((risos))

Karen: É, eu aprendi muito né, pra mim como formadora foi uma experiência muito diferente esse estágio, sem dúvida

Alana: E eu queria muito agradecer porque é como eu falei foi uma experiência TOTALmente diferente pra mim de estágio, encontrei você como professora regente é:: eu lembro que assim que, no primeiro dia eu erreí o caminho fui lá pra Funad

Karen: Sério?

Alana: Eu achando que era na Funad e eu liguei pra Rosy “Tô aqui” e ela “Tu tem certeza que tu tá aqui na frente?”, “Tô”, ela “Não creio”

Rosy: ((risos)) Eu tava na frente do instituto

Alana: Aí eu fiz “Mas como assim?” e ela “Você tá aqui perto do extra?”, eu fiz “Não, eu tô na Funad”, ela fez “Não é aí não” aí depois eu cheguei lá atrasada

Karen: [Eu não soube disso

Alana: E ela me mandou vários assim

Karen: [[Desse detalhe

Alana: “Olhe, se não quiser vir hoje, num sei o que”, então até pelas conversas no *whatsapp* é, super prestativa, e eu fui sentido desde o começo que ia ser um estágio totalmente diferente, eu queria ter tido mais tempo, queria ter tido mais disponibilidade, mas realmente tava muito apertado pra mim os horários, mas foi totalmente diferente,

por isso que eu queria agradecer, eu terminei meu curso com um estágio maravilhoso, em todas as perspectivas, de conhecimento, de um professor/de uma professora regente, de uma turma totalmente diferente, nova, a gente ter o apoio também na/universidade, isso foi importantíssimo, então eu só tenho a agradecer, foi MUITO enriquecedor, muito positivo pra mim

Cauã: Tu terminando e eu começando os estágios assim, com o pé direito ((risos))
((risos))

Cauã: Achando que estágio é isso sempre sabe ((risos))

Alana: Mas vai ser, vai ser

Karen: Mostrar essa fala lá na/no gelit

Cauã: Já comecei o estágio achando que vai ser assim sempre agora ((risos))
((risos))

Cauã: O estágio sete vai ser assim, legal, que o professor vai ter, vai dar suporte, o professor vai dar suporte em sala de aula

Karen: Você tá no sete agora?

Cauã: Tô

Karen: Você vai pra onde?

Cauã: Eu vou aqui pro

Karen: [Codisma?

Cauã: Pra codisma, aí já tô com um professor em vista ((risos))

Karen: Quem? O Skliar?

Cauã: Não, é:: eu não sei falar, Manu

David: Quem é a professora?

Cauã: É:: Geo

David: Não começou ainda né?

Cauã: Não

David: Primeira aula vai ser terça

Cauã: Terça-feira

/.../

Cauã: Ai eu tô achando que vai ser assim o próximo estágio, porque os dois estágios foram muito bons, os professores me receberam bem, é:: a gente teve apoio em sala de aula, principalmente no estágio seis, no cinco eu não vou dizer tanto, mas SEIS, foi, a gente pode discutir em sala de aula, assim, mui/eu acho que esse negócio de em dupla

também foi muito significativo porque eu, o que não conseguia partilhar em sala no cinco, eu partilhava com o colega ((risos))

Karen: Tá começando com o pé direito né, você começou com o pé direito, começou bem

Cauã: Não, eu gosto de dizer que eu comecei com o pé direito os estágios né, os práticos

Karen: NOssa, gente, é tão raro a gente ouvir isso

Cauã: [[Já comecei assim

Karen: Por isso que é pra gente tá feliz ((risos))

David: É

Cauã: Não, sério, eu já tô imaginando que o meu próximo estágio vai ser assim, super

Karen: [Se Deus quiser

Cauã: Tranquilo, vai ser maravilho e

Alana: Energias positivas

Cauã: Com certeza ((risos)) e porque, do que eu ouvi assim de/de tantos relatos de gente dizendo que teve uma experiência ruim, Rosy e outro professor disse a mesma coisa, disse que foi

Karen: [Não, é isso que eu digo né, a gente fica feliz

/.../

Cauã: Estágio é legal, estágio é bom ((risos))

Karen: Meu Deus a gente precisa levar isso pra nossas falas sobre estágio ((risos))

Rosy: É aquela coisa que você falou ontem, é possível né

Karen: É, pois é, pois é, porque todo mundo fica falando da tragédia que o estágio é, isso a gente não precisa documentar, isso a gente já ler em todo lugar, vê em todo lugar, quer dizer, acho que dar valor, valorizar, mostrar que é possível e sem grandes complicações, aparentemente né, porque no fundo todos/tudo conspira contra parece, mas assim, é super possível o estágio funcionar e ser legal

David: Sim, sim, claro que sim

Karen: Basta ter pessoas engajadas

David: Isso

Cauã: Pronto

((risos))

Karen: Num é? Esse que é o problema ((risos))

Alana: Pessoas engajadas

Karen: O nome é esse

David: É

Cauã: Porque não é só o aluno, é o aluno

David: [[Aquela palavrinha em inglês

Karen: [É, são os três, professor da escola, professor formador e o professor

David: [Tem uma palavra tão boa em inglês né, *commitment*

Karen: É

David: Né

Karen: Exatamente, foi o que falei ontem né, em algum momento que a gente tava falando de estágio no grupo de pesquisa, que uma aluna apresentou, é a questão, não sei nem se eu falei engajar, mas a motivação de todo mundo, às vezes a gente tem, imagina se vocês não quisessem ir pro instituto né, ou se ninguém numa turma tá motivado com o estágio, porque tem turmas que são assim

David: [Foi, foi

Karen: [[Aí não adianta

David: Foi o que fez a diferença nesse nosso estágio em relação à Rosy né, porque Rosy é totalmente comprometida

Karen: Isso eu falava desde o começo, gente eu tenho certeza que vocês (...)

/.../

Karen: Vocês vão fazer um estágio muito diferenciado, porque a professora, num é?

Isso eu garanto, isso eu posso garantir

/.../

Cauã: Foi, ela disse

Karen: Eu garanto com tranquilidade, eu falo porque realmente

David: [[Foi, foi

Cauã: [[Tranquilo ninguém quer ir

((risos))

Cauã: Ela ficava decepcionada porque ninguém se manifestou, só Alana

Karen: A Alana

Cauã: Alana, “Eu vou”

Karen: Por um momento eu achei, por duas vezes, no primeiro encontro era só a Alana

Cauã: Foi, aí Karen ficou tão feliz, aí eu pensei “Meu Deus do céu, eu vou pro instituto”

((risos))

Cauã: Aí fiquei na minha né, aí

Karen: Mas você ainda pensou

Cauã: Foi

Karen: Pensou

Cauã: Eu pensei, “Nossa, deve ser muito bom”

((risos))

Cauã: Aí eu “Não, pera aí, eu vou praquela escola”, “Eu vou praquela escola que já tinha combinado com a menina de ir”

Karen: Você foi começou com esse par

Cauã: Foi

Karen: Ele começou com esse par

Cauã: Aí não deu certo lá na/na escola

Karen: Fiquei tão feliz ((risos))

((risos))

Cauã: Aí Karen no outro/na outra semana “Gente, ainda tem vaga pro instituto”, “O horário é tal, tal” eu digo “Eu tenho professora, eu posso”, “Você PODE?”

((risos))

Cauã: E eu “Posso” ((risos))

((risos))

Cauã: “Ótimo, vou avisar a Rosy”

((risos))

Cauã: Aí pronto, “São quatro agora”

((risos))

Cauã: “A Alana já tá lá”, “Tudo certo”

Karen: Você aceitou logo de cara né

Alana: Foi

Karen: Eu não sabia dessa história que você tinha ido parar na Funad

Alana: Na Funad, sei lá porque eu tinha na cabeça que era na Funda, só Deus entende

Karen: Eu não soube dessa

Alana: Mas

Karen: Eu não soube dessa, você na porta (...)

((risos))

Alana: Não, mas sabe o que foi mais frustrante, eu falei com a mulher da recepção “Não porque eu tô atrás de Rosy, ela é professora de inglês, ela dar aula pra cegos, sei que, sei que lá”, ela fez “Aula de inglês pra cegos? Esse povo mal/ o povo daqui mal consegue é... aprender português, quanto mais inglês” aí eu ((expressão de quem ficou espantada))

((risos))

Cauã: “Ro:::sy”

/.../

Alana: Ela falou assim, mas eu fiquei TÃO triste, eu fiquei “Eu tô no lugar errado, eu preciso tá no lugar errado”

((risos))

Alana: E saí “Rosy, realmente eu acho que eu tô no lugar errado”, porque quando ela falou “O povo num sabe/ num tem capacidade nem de aprender português, vai aprender inglês” aí eu ((expressão de quem ficou espantada))

Karen: Ótimo contexto de estágio ((risos))

Rosy: [[Eu não sabia

Alana: Eu não tinha te contado não?

Rosy: Não, porque você me ligou e disse “Eu tô aqui na frente” eu disse “Aqui na frente?”, aí eu disse assim “Fale com a menina da recepção”

Karen: Entendi ((risos)), você que mandou ela pra recepção ((risos))

Alana: A culpa foi sua, a culpa foi sua Rosy ((risos)) eu fiquei em choque

Rosy: Mas você falou que tava na frente do instituto, então “Procura a menina da recepção”

Alana: Mas eu fiquei pensando nisso, como é que a própria mulher da recepção fala que ninguém tem capacidade de aprender NAda ali

((risos))

Alana: Foi muito triste, muito triste

Rosy: Mas você não me relatou esse fato

Karen: A próxima vez que você for pra Funad avisa a alguém que a recepcionista precisa ter

Alana: [É ela precisa ter um choque de realidade

Karen: É aonde ela trabalha

Alana: É aonde ela, o que/ qual é a função dela porque

Cauã: Assusta as pessoas

((risos))

Alana: Você já diminui todo mundo né, trata como pessoas que não tem capacidade de nada... mal sabe ela

((risos))

Alana: A realidade das coisas

Rosy: Pois tá gente, é isso, se vocês não tiverem mais

David: Ok Rosy

Karen: [Mas eu também agradeço Rosy, foi uma experiência maravilhosa, como professora de estágio e espero que né, só aumente de agora em diante

(...)

Cauã: Eu já tô assim “Vai fazer estágio o que?” “Vai pro Instituto dos Cegos”

((risos))

Alana: Fazer a propaganda né “Vão lá pro instituto, porque lá é ótimo, num sei o que lá”

(...)

Cauã: Eu já disse “Gente, gente, vocês vão fazer estágio o que?”, “É seis?” “Pronto, vá, vá pro Instituto dos Cegos”, “Rosy é ótima, vocês vão adorar”, eu já fiz lá na minha turma

/.../

Rosy: Pois é gente /.../ eu só tenho a agradecer a vocês mesmo também

/.../

Rosy: Por terem TOPADO, por terem topado, a professora eu já agradei, vou agradecer

(...)

David: E mande o dia, quando você for defender

Rosy: Sim, com certeza

David: A gente vem com bandeirinhas e faixas

((risos))

Karen: Ela não vai nem precisar de pseudônimos ((risos))

Rosy: Meu Deus ((risos))

/.../